

Oferta
-0. NOV. 1996

ANO III N.º 154

27

ABRIL

1944

PREÇO AVULSO

ESC. 1\$50

QUEM GANHARÁ O NOSSO CONCURSO QUAL A VEDETA MAIS POPULAR DA NOSSA RADIO?

A resposta pertence ao público!

Vote na última etapa, a etapa que vai dar a vitória!



**VIDA
MUNDIAL**

Silvia Lastra, uma grande cantora lírica que está em Portugal

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Três poemas da Primavera

I

A rapariga romântica abriu a janela, de par em par, e deu um suspiro. Um suspiro fundo, cheio de desejos. Desejos de amor, de encontrar o seu cavaleiro andante, de passear com ele, de mãos dadas, no jardim lá de baixo...

A rapariga romântica trazia um rosa nos cabelos e um sorriso nos lábios. A rosa e os lábios eram vermelhos. E a rapariga ficou um momento, olhando a rua, à espera que se passasse qualquer coisa...

Oh! a manhã estava tão fresca. Frescura de primavera. Até o sol parecia mais bonito.

E os filhos da rapariga correram a rua toda, talvez, à procura do seu amor...

Mas viram, apenas um velhinho cansado que, no outro passeio, mendigava esmolas a quem passava. E o pobrezinho olhou para ela e estendeu a mão...

...Depois, aborrecida, a rapariga romântica fechou a janela!

II

Vem logo, não demores. Eu esperarei por ti, contando os segundos, segundo a segundo. Vem depressa, bem sabes como eu sou impaciente.

Se te lembrares, traz-me flores, muitas flores. E quando eu tocar aquela melodia de que tu gostas, cobrir-me-ás de flores, como se eu fosse um herói.

Vai, mas não tardes. Ficarei parado no tempo, à tua espera. E não saberei sorrir, enquanto não voltares. E não saberei viver, enquanto estiveres longe.

Mas vai. Eu sei que tens de ir. Se não fosses, eu não poderia esperar por ti. E não teria ansiedade. O nosso amor é todo assim, meu amor!

III

Meu irmão pequenino, de quem não sei o nome, não tenhas muitas ilusões no teu destino, meu irmão pequenino...

Não penses que a vida é eterna. É melhor que te vás acostumando a sentir o medo da morte. Depois acabará tudo, meu irmão pequenino — mas outros pequeninos como tu terão o cérebro cheio de ilusões e de fantasias.

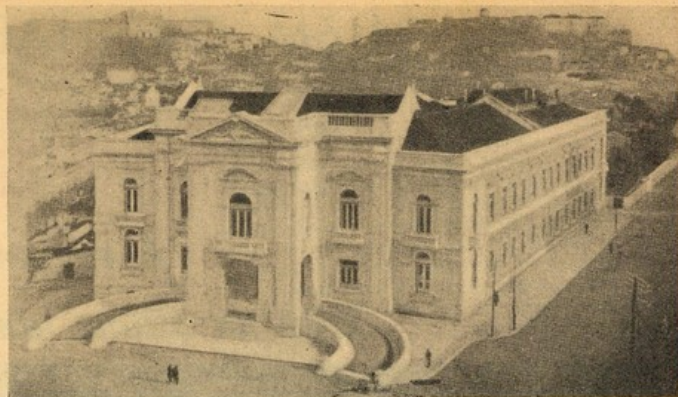
Não contes com o imutável. Nada é sagrado, meu irmão pequenino. Nada é bom para todos, nem mau para todos. Aquilo de que tu gostas — podem os outros não gostar. Aquilo que tu fazes — podem os outros não fazer.

Por isso, meu irmão pequenino, constrói tu o teu destino — e não esperes que ele já esteja construído!

GENTIL MARQUES

MERENDA...

(Foto LUIZ SERRA HENRIQUES)



Quando foi inaugurado o novo edifício da Escola Médica de Lisboa

CORRIA tranqüilamente o ano de 1906, quando se inaugurou em Lisboa o novo edifício da Escola Médica — um edifício de aspecto grandioso e magnífico, cuja construção fôra dirigida superiormente pelo engenheiro Gaia e que primava por possuir valiosas pinturas nos tetos e nas paredes, devidas aos pincéis célebres de Malhoa, Colaço, Vaz, Ramalho, Columbano, etc.

Raras vezes se procedera ao levantamento dum edifício com tamanha actividade e energia. Mas, dessa vez, assim fora necessário. A Escola Médica de Lisboa tinha de ser inaugurada por ocasião da abertura do Décimo Quinto Congresso Internacional de Medicina.

Cabia à capital portuguesa a honra de albergar os mais ilustres clínicos de todo o mundo, nesse seu décimo quinto Congresso Internacional. O primeiro deles reunira-se em Paris, no ano de 1867, e juntara 333 médicos franceses e 589 médicos estrangeiros.

Depois, fôra a vez de Florença (1869), de Viena (1873), de Bruxelas (1875), de Genebra (1877), de Amsterdam (1879), de Londres (1881), de Copenhague (1884), de Washington (1886), de Berlim (1890), de Roma (1894), de Moscovo (1897), de Paris (1900) e de Madrid (1903).

Finalmente, escolheu-se Lisboa a cidade à beira mar plantada, para centro do Congresso Internacional de Medicina em 1906.

Logo que se tivera conhecimento oficial desse facto, o governo português constituiu uma comissão organizadora do Congresso, a qual mereceu todo o respeito e consideração. Na verdade, a comissão formada pelo conselheiro Costa Alemão, como presidente, pelo Prof. Miguel Bombarda, como secretário geral, pelo Prof. Alfredo Luiz Lopes, como tesoureiro e ainda pelos Drs. António de Azevedo Melo Breyner, Azevedo Neves e Matos Chaves, como secretários e os Drs. Daniel de Matos, Ricardo Jorge, Silva Carvalho, Anibal Bettencourt, Zeferino Falcão e Clemente Pinto, como secretários — mereceu um aplauso unânime e conseguiu revestir de completo e desusado brilhantismo todos os seus trabalhos.

Entre outras vieram a Lisboa, celebridades famosas como Ramon y Cajal, Leyden, Posner, Lombroso, Richartière, Mahmud Pachá, Azevedo Sodré e Neumann, além do Dr. Jacoby, dos Estados Unidos e o professor Príncipe João Tarchanoff, de S. Petersburgo.

E assim para um Congresso desta natureza, nada mais indicado do que o novo edifício da Escola Médica, ali, no Campo dos Mártires da Pá-

tria, precisamente no local onde fôra a antiga praça de touros. Apenas as sessões magnas de abertura e de encerramento foram feitas na grandiosa sala «Portugal», da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Alguns dos trabalhos apresentados revestiram-se de grande relevo nos melos cientistas mundiais. Apontemos, ao acaso, as comunicações sobre infantilismo, feita pelo Professor Brissand, sobre Profilaxia da febre amarela, pelo dr. R. Joyce, de Filadélfia, sobre o estudo internacional do Cancro, pelo dr. Nicholas Sewn, de Chicago e sobre a relação entre as doenças infecciosas agudas e a tuberculose, pelo dr. P. Aaser, de Cristiania.

Por tudo isto, o Décimo Quinto Congresso Internacional de Medicina, realizado em Lisboa, resultou um grande passo para o progresso e para a salvação da humanidade.

E, entretanto, Inaugurou-se um dos mais belos edifícios da capital portuguesa: a nova Escola Médica!

CURIOSIDADES DE LISBOA

História duma velha Bíblia

O acaso proporcionou-nos, há dias, a possibilidade de termos nas mãos uma das mais antigas versões portuguesas da Bíblia: a versão feita por António Pereira de Figueiredo, deputado ordinário da Real Mesa Censória, saída em 1778.

Anteriores à publicação desta, devemos registar a edição portuguesa da *Vita Christi* que a rainha D. Leonor, esposa de D. João II, mandou imprimir em 1495 e que constitue mesmo uma das mais raras espécies bibliográficas de todo o mundo.

Anos depois, foi ainda a própria D. Leonor que mandou imprimir um velho manuscrito de fr. Bernardo de Brivega, o qual continha os Actos dos Apóstolos, em linguagem vulgar.

Contudo, voltemos à curiosa história passada com a velha Bíblia de António Pereira de Figueiredo, o eminente teólogo que se deu ao trabalho insano de verter a Bíblia original em vinte e três volumes de formato oitavado pequeno, o primeiro dos quais é, também, uma autêntica raridade...

Em 1840 o vice-cônsul inglês em An-

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

A propósito de condutores e passageiros mal educados:

Um «eléctrico» descia Almirante Reis, certo domingo à tarde, muito recentemente, indo, é claro, à cunha. Numa paragem mais gente, torturada pela espera, procura entrar. Apertos. É natural. E o condutor (o 1.733, salvo erro) exclama: «Não entra mais ninguém. Daqui a nada páro o carro e «despejo tudo!».

Um passageiro murmura como é natural, que ainda não chegou a «ordem» de nós, passageiros, nos «considerarmos oficialmente lixo!».

E o homenzinho, cheio de valentia:

— Já «lex disse. Cale a boca e não fale comigo!

— O senhor é mal educado, replica o passageiro.

— «Você é que «ninguma inducação» tem...

Este você é um dos nossos mais distintos homens de letras. Pela verdade presenciada se subscreeve, de V.

ANTÓNIO GIRÃO — Praça do Chile — Lisboa.

Atravessar a Avenida da Liberdade, de um lado para o outro, é tarefa arriscada, horrivelmente arriscada. O pobre e pacato do transeunte está constantemente ariscado a perder a vida, tantos são os automóveis que sobem e descem, a grande velocidade, aquela avenida, de manhã, à tarde, à noite.

O perigo, nos dias de hoje, é cem vezes maior desde que a Câmara re-

solveu tirar as placas e substituí-las pelos pequenos «pimenteiros» luminosos. E é maior porque, dantes, os automóveis não podiam fazer ultrapassagens com tanta facilidade. Hoje nós podemos ver, com frequência, três carros, uns ao lado dos outros, subindo à desfilada e apanhando mais do que a faixa que lhes pertence.

A dois atropelamentos, por este motivo, já eu tive a infelicidade de assistir. Um deles, o último, o carro, para ultrapassar um outro, foi colhêr e matar o transeunte que estava mesmo entre os «pimenteiros».

Sinceramente, para evitar que tal aconteça, no futuro, só vejo duas formas. Ou a policia intervém enèrgicamente, impedindo ultrapassagens para além da faixa, ou se coloca um grande cartaz, em letras vermelhas, avisando o passeante que atravessar a Avenida representa «Perigo de Morte».

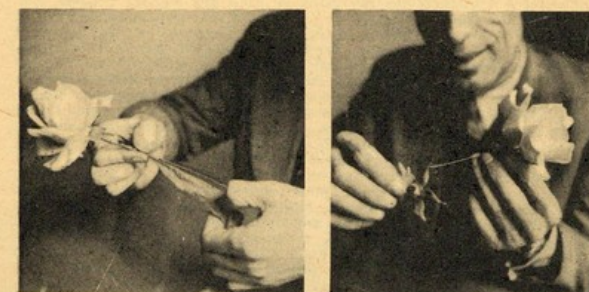
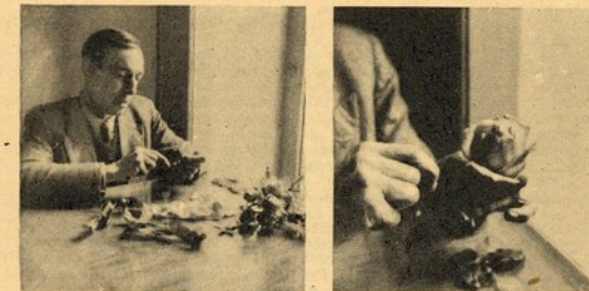
JOAO C. PEREIRA

Acêrca de uma carta publicada nesta secção e assinada por M. S. A., Bairro das Colónias, em que se censurava a pouca atenção e injustificadas exigências do pessoal para com o público, recebemos da Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones uma carta que a seguir publicamos:

Afim de podermos proceder às necessárias averiguações, na parte que se refere ao procedimento dos empregados para com o público, torna-se indispensável que o interessado nos esclareça concretamente sobre os factos que na mesma aponta, com indicação de datas, etc.

É com prazer que voltamos a registar o interesse que as entidades oficiais têm por esta nossa secção — tribuna sempre aberta às aspirações dos nossos leitores.

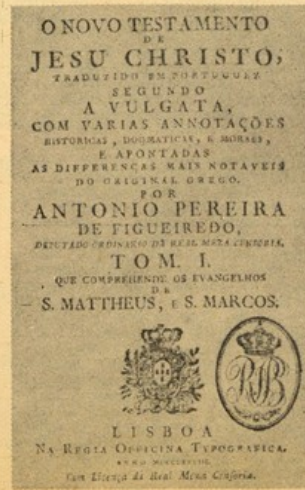
E ASSIM NASCE UMA FLOR!



ERA uma vez um soldador de fábricas de conserva. Chamava-se Américo de Almeida e, fora da sua profissão, adorava brincar com as flores. Ficava horas e horas enamorado delas. Um dia, Américo de Almeida, perdeu o emprêgo. E então ocorreu-lhe uma idéia salvadora: começou a fabricar flores artificiais.

Hoje, ele é mestre em tudo o que diz respeito às flores. Ei-lo trabalhando. E assim que nasce uma flôr, bonita, viçosa, quasi viva, preparada com desvelado carinho pelas suas mãos mágicas de artista.

As vezes, Américo de Almeida desce à Baixa a vender as suas flores, as suas meninas. Mas logo que pode recolhe-se, na sua casinha, ali, num primeiro andar do n.º 129 da Avenida Afonso III e entrega-se de novo ao seu grande sonho de povoar o mundo com flores bonitas. Flores, que, para ele, são o pão de todos os dias...



DO MUNDO

A 2.ª frente está a funcionar

TUDO isto vai muito depressa e súbitamente se transforma — mesmo quando temos todos a impressão de que não se sai do mesmo mundo de interrogações. As surpresas não faltam — mas o nosso espírito, amolecido de tanto sobressalto e fatigado de tanto ver, já não dá conta delas, pelo menos na medida que elas encerram de verdadeiro imprevisto e retumbante significado. As últimas medidas, recentemente determinadas e postas em vigor na Inglaterra, referentes, praticamente, à abolição das prerrogativas diplomáticas, são de características abertamente revolucionárias, o mais possível em contradição com as tradições britânicas e de natureza a ficar com lugar na História e como pretexto compreensível para longa teoria de polémicas, que poderão arrastar-se pelos séculos fora.

O tempo se encarregará de fixar o valor, o alcance, o significado e a justificação dessas decisões. Por agora, apenas há que registar o seu aparecimento e, naturalmente, integrá-las no quadro geral das disposições que, com tambor e trombeta, vêm a anunciar-se como indicativas da iminência das operações com vista ao desembarque na Europa.

Precisamente por que tudo passa depressa e tudo apocalipticamente se transforma, até pode acontecer que, à data da aparição desta crónica, as operações de invasão tenham já começado. No entanto, à data de se ordenar esta série de apontamentos, apesar de todos os indícios que parecem evidentes de estar por dias ou por horas o grande empreendimento para que Eisenhower foi escolhido como chefe supremo, a lógica de todos os ilopismos só permite supor que o anunciada segunda frente não será tarefa de tentar imediatamente. Antes de mais, porque como já por mais de uma vez aqui se tem acentuado, afastou-se a razão militar da sua urgente efectivação. Por outras palavras: o que se pretendia com o ataque à Europa, para a criação de uma frente ocidental, obtive-se apenas com a ameaça do ataque e a reunião de meios capazes de assegurar a sua efectivação: o desvio de forças alemãs de oriente para occidente. Essa transferência de forças alemãs permitiu o alívio da frente oriental e o avanço dos exércitos das Nações Unidas. Por conseguinte, a ideia que se reforça, aliás, com o argumento dos ataques aéreos de péso progressivo, que prende a occidente, segundo declaração de Churchill perante os Comuns: 'qualquer coisa como dois terços do poder aéreo alemão. Já é alguma coisa — naturalmente tudo o que se pretendia. Alguns cálculos aparecidos, com origens variadas, coincidem na fixação de 6 milhões como o número de homens de que dispõe o comando aliado para as operações a efectuar-se na Europa — número em que se inclui qualquer coisa como 50 divisões de paraquedistas e tropas aer transportadas. Está claro que para fazer face a uma eventual tentativa de desembarque de forças tão numerosas, de mais a mais dada a extensão da zona onde a ameaça pode concretizar-se — que é tódá a costa atlântica desde o mar polar à baía da Biscaia — tem o comando alemão que conservar de prevenção um núcleo que poderá não ser em absoluto equivalente, mas que será, mesmo assim, bastante volumoso para poder suportar o primeiro embate, enquanto não entra em acção a reserva estratégica que deve estar fixada no centro da Europa.

É natural, como se tem dito, que mesmo na Alemanha haja quem pergunte para que serve manter inactivas forças de tanta monta. Mas todos os instrumentos de expressão oficial, tanto na Alemanha como nos países ocupados — a começar pelos discursos e pelos artigos semanais do dr. Goebbels — falam da ameaça da invasão. Na expressão oficial, essa ameaça está latente e prestes a concretizar-se, mas a afirmação dessa ameaça é acompanhada de outra afirmação, a de que o invasor será esmagado ao tentar aproximar-se do baluarte europeu e que, após esse desaire, de que, evidentemente, os Aliados, por muito grandes que sejam os seus recursos, levariam meses a recompor-se, os exércitos alemães poderão voltar-se de novo, em massa, para leste, enfrentar as forças que avançam desse lado e dar-lhes batalha que seja o ponto de partida da contra-offensiva alemã. A tese proclamada na Alemanha é esta e, a confirmá-lo, está o facto, citado na imprensa suíça, de terem sido suspensos de publicação, sob a acusação de defectismo, os jornais holandeses que se aventuraram a duvidar de que os Aliados tentassem a operação da segunda frente.

O que — tudo junto — parece querer dizer que no Reich se está convencido da tentativa de desembarque. Razão bastante, talvez, para que ele se não faça... E, se o tempo passar sem que, efectivamente, Eisenhower lance os seus homens ao assalto, é possível que comece a tomar corpo, na Alemanha, a ideia de que tal operação poderá ter sido adiaada ou... desaconselhada, o que poderia ser razão para fazer acorrer em socorro à frente oriental algumas das divisões da Wehrmacht que permanecem inactivas na Atlantikwall. Desguarnecida esta, ao menos em parte, talvez fôsse a altura, quando já ninguém a esperasse, de estabelecer a segunda frente terrestre...

J. R. S.

SUIÇA

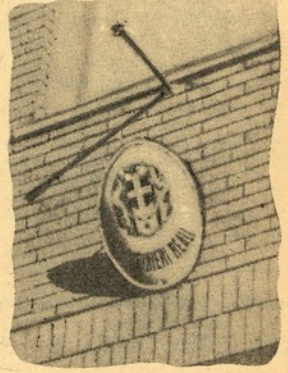
CAMPIONE, uma cidade de 600 habitantes, declarou guerra à Suíça...

SABEM onde fica Campione? Pois aqui lhes damos algumas fotografias suíças desta cidade, pequena ilhota do Lago Lugano.

Os 600 habitantes de Campione declararam guerra aos suíços, na esperança de que a Suíça ocupasse a ilha e assim resolvesse os seus problemas económicos. Isto passou-se na altura em que Mussolini foi deposto e os operários de Campione pediram aos «Carabinis» locais para se declararem a favor de Badoglio.

Os «Carabineris» concordaram, e, como se vê na foto acima, os cidadãos e um dos polícias recém-convertidos discutiram os acontecimentos. Depois, como se vê na segunda foto, o sargento Bianchi, chefe dos «Carabineris», concordou em que Campione devia apoiar Badoglio e não Mussolini. O escudo com as armas reais substituiu o emblema fascista à porta da esquadra de polícia em Campione.

E, agora, sob a protecção da Suíça, a gente de Campione já não precisa de esperar pelos italo-alemães para vencer a fome do bloqueio...



HOLANDA

O que faz o príncipe Bernardo?

EIS uma figura de que pouco se fala: o príncipe Bernardo, aquele que ajudará a princesa Juliana a reinar nos Países Baixos, quando morrer a rainha sua sogra.

Pois bem: Hoje, no Canadá, ao lado de sua esposa, das filhas, o príncipe Bernardo dedica-se à mecânica — principalmente à mecânica da aviação — mesmo porque ele é um hábil aviador, como se pode depreender da foto junta, tirada quando ia experimentar um «Hurricane» fabricado no Canadá. Mas não é só esta a marca de aparelhos que sabe manejar: os «Spitfires» e os «Mosquitos» não lhe guardam já segredos. Seiscentas horas de voo — eis o seu grande «récord», a bordo dos «Liberators» e dos «Mitchells». O príncipe Bernardo, de resto, toma muito a sério a sua carreira de aviador. E, assim, ele que é um mecânico competente, pretende desempenhar papel de grande importância na remodelação das forças aéreas holandesas — para depois da guerra.

A Casa Real Inglesa tem também os seus aviadores «privativos»... O próprio rei George tem «breves», aprendeu a pilotar num avião «Avro», tendo sido seu instrutor o vice-marechal do Ar, Coryton. O Duque de Windsor tirou a carta de piloto num «Hawker Torntit», quando era Príncipe de Gales. Chegou a voar sózinho, se bem que como futuro rei não tivesse autorização para fazê-lo — e esta é uma verdade

geralmente desconhecida.

O rei Pedro da Jugoslávia aprendeu a voar no Caíro, onde completou recentemente o seu treino, tendo sido aluno do chefe de esquadilha Murray Payne — o mesmo oficial que ensinou o Príncipe Bernardo a voar.

Como se vê, o futuro rei consorte da Holanda tem uma ocupação bastante principesca. A aviação está na moda...



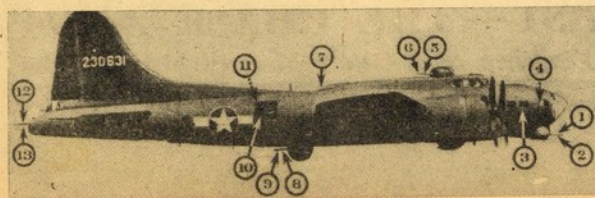
ESTADOS UNIDOS

As «fortalezas voadoras» progredem...

NÃO há hoje quem não esteja devidamente familiarizado com a «prezença» das fortalezas voadoras. Mas talvez nem todos saibam que os modelos hoje utilizados não são, em absoluto, os mesmos que apareceram pouco depois do princípio da guerra. Pelo contrário. Sabe-se que a nova «fortaleza voadora» B. 17 G é sensivelmente diferente dos primeiros modelos, dispondo de um potencial devastador expresso no número e características das armas de que estão munidas. Na foto junta, os círculos negros localizam as metralhadoras e canhões, capazes de fazer fogo em todas as direcções e para todos os ângulos.

Assim, os números 1 e 2 indicam o canhão da torre de vante, sendo o seu fogo frontal suplementado pelos números 3 e 4.

Os números 5 e 6 fornecem a protecção às partes superior da fortaleza, ao passo que os números 8 e 9 protegem pelo lado de baixo. O número 7 representa o compartimento destinado às instalações dos aparelhos de rádio, ao passo que os números 10 e 11 defendem os lados do aparelho. Finalmente, os números 12 e 13 representam a torre da retaguarda, de efeitos tão devastadores e tão nossos conhecidos através de inúmeros relatos da guerra.





Desapareceu um general inglês

«Se alguém perguntar por mim, no decorrer dos meses próximos, diga que me escreva para o Banco Barclay, em Piccadilly» — disse o general Mac Lean, envergando o uniforme de um famoso regimento escocês, saindo amigavelmente o porteiro da Câmara dos Comuns e desaparecendo em seguida. Isto foi no princípio de 1943. E ninguém mais viu o brigadeiro Fitzroy Royle Mac Lean, representante conservador de Lancaster, na Câmara dos Comuns. Até que, em Dezembro último, Eden revelou à Câmara a missão aventureira que lhe fora confiada: fora promovido a general de brigada e chefiava uma missão militar britânica junto do marechal Tito, na Jugoslávia... A notícia causou sensação. O jovem e brilhante oficial, que aos 22 anos fora nomeado secretário da embaixada de Paris — estava entregue a uma «aventura», ele que era considerado um «dandy» dos Comuns! Soube-se, então, que o encontro com Tito se dera em paraquedas e que Mac Lean — fala sérvio e croata — está acompanhado de especialistas que ajudaram o marechal a agrupar tropas e a estabelecer planos. Como membro do quartel general de Tito, acompanha este por toda a parte, apelidando-o os alemães de «terrível comandante Jones». O inimigo, de resto, torna-o responsável de grande parte dos seus desastres — mas a história deste general misteriosamente desaparecido da Câmara dos Comuns, só será conhecida depois de acabada a guerra. Entretanto, pode bem acontecer que amanhã ou depois surja no Banco a reclamar o seu correlato, entre no «clubs», tome o «maple» favorito, perguntando sorridente: — Olá, amigos, então que há?

Na foto, vemos-lo no traje que envergava quando desapareceu, falando com um eleitor de Lancaster.

Por onde vai começar a invasão?

SE não é lenda nem bombardeio de guerra de nervos, a Europa está a preparar-se para receber a invasão aliada. Claro que isto não é novidade. Assim como não surpreende ninguém a notícia de que a França é um dos pontos supostos para servir de campo de manobra aos desembarques. A Alemanha, pelo menos, não se cansa de demonstrar as suas suposições: o perigo deve vir dos lados da França. E, então, vá de fortificar a França para o que der e vier — mesmo porque nunca se sabe se a invasão será um mito ou uma realidade. Vichy, naturalmente, não tem interesse nenhum em sacrificar a população civil aos horrores da guerra — de modo que, pela rádio e outros modos de que ainda dispõe, aconselha os franceses a evacuar a costa que vai de Port-Vendres a Menton. Toda a Ríviéra está transformada numa verdadeira fortaleza e a gente simples dos campos e do mar, em boa ordem, deixa as terras e o Mediterrâneo para se lançar na vida nómada dos que não

têm brasa nem telha que os conforte e defenda.

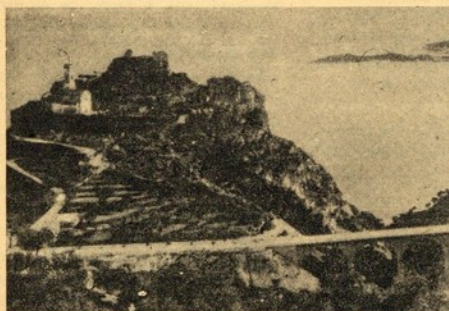
E que a invasão tanto pode dar-se pelo norte, do lado da Inglaterra, onde se acumulam tropas publicamente sem destino — como pelo lado sul, visto que da outra «margin» do Mediterrâneo não há obstáculos intermédios.

A «hora H» vai, portanto, soar talvez dentro de dias — dizem as partes em controvérsia. Mas os estrategas de «cafés» e os outros que pensam mas não escrevem ou escrevem mas não pensam — arriscam-se a outras conjecturas: talvez a segunda frente seja o avanço soviético, alentado pelo esforço anglo-americano; talvez mesmo a segunda frente nunca se faça e as forças em «depósito» se destinem a entrar em acção, para o caso dos vizinhos não se conterem a tempo e no espaço dos interesses comuns...

Nas fotos juntas, perpassam algumas imagens do sul da França, terras até há anos pacíficas e sedutoras, belas estâncias de turismo que todo o mundo culto e endinheirado conhecia...



Port Vendres



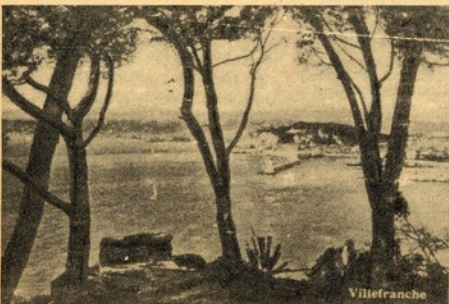
Eze



Antibes



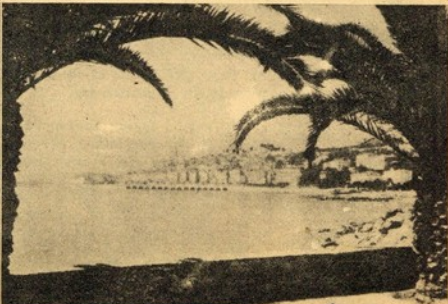
Nice



Villefranche



St. Tropez



Menton



UM VALE!

NÃO falta quem diga que não há nada mais parecido com o teatro do que a cozinha. De facto, as peças «cozinham-se» como os pratos culinários, e os homens de teatro são, no fundo, verdadeiros cozinheiros literários. Escrevo estas palavras acompanhando o retrato — perdão... — a caricatura dum infatigável cozinheiro teatral: Amadeu do Vale. A sua primeira peça, escrita aos 14 anos para um grupo de estudantes da idade dele, chamava-se «E canja...» — um prato de cozinha autêntico. A seguir à canja tinha de seguir-se o resto. Há trinta anos que Amadeu do Vale cozinha tudo, sendo o «cozido de portuguesa» das operetas até à «mayonnaise» das revistas, passando, é claro, pelo «chors d'oeuvre» das fantasias. Paqueno, mexido, exuberante, gesticulando com a mesma verbosidade com

que fala, falando com a mesma vertigem com que escreve, capaz de fazer sete peças numa noite e de fumar dez maços de cigarros em trez minutos, — quem o vir no palco, após uma peça de êxito, agradecendo os aplausos, bem poderá dizer que os homens se não medem aos palmos, mas às palmas...

Tem pouco mais de quatro dezenas de anos — e já escreveu à volta de 120 peças. Está rico! — dirão. Engano. A literatura, em Portugal, só, excepcionalmente, enriquece aqueles que a cultivam. Este rapaz vive, dia a dia, do seu trabalho e embora não seja um «Vale» de lágrimas — quantas lágrimas lhe terão custado muitas das suas peças que fazem rir! Inimigos não lhe faltam — mas a verdade, é que inimigos só tem quem «vale» alguma coisa...

À maneira de Maria de Carvalho

Comecei a escrever-te, alegremente, Sem recriminações, sem azedume... Mas subiu-me um fogacho de cúme E mudei de pensar, intetramente.

Tentei recomençar a ser prudente, Enviar-te as palavras do costume... Na lareira, a meus pés, ardia o lume E quedei-me indecisa e incoerente.

Dez vezes a seguir recomencei... Còrei, ri, fiz rascunhos e chorei Como chora o Amor sem espalhafatos.

Mas de repente — ó desilusão! — Quando eu sentia apagado o coração Reparei que me ardiam os sapatos!

O poeta Rozendo

VEIO um dia dêstes parar-me às mãos um livro intitulado «Velharias de Coimbra». No obstante os seus cabelos brancos, guarda ainda, em certas páginas, uma mocidade que muitos livros, agora publicados, lhe poderiam invejar. Entre outros episódios de singular interesse evocativo, há um tempo que vou contar-lhes, ainda que sem o pitoresco com que êle é referido no volume a que me refiro. Os leitores que me perdoem.

A cena passa-se em Coimbra em 1854 ou 55. Vivía então na nobre cidade dos doutores um célebre poeta repentista de nome Rozendo António de Carvalho. Não havia serão para que o não convidassem, só para o ouvirem improvisar, a propósito de tudo e de nada, os mais imprevistos versos. Por essa altura Alexandre Herculano foi a Coimbra e hospedou-se em casa do dr. Vicente Ferrer, lente de Direito. Ora, um belo dia, a pedido do grande historiador — que ouvira muitas vezes, falar no poeta Rozendo — o dr. Ferrer convidou êste para um serão. Reüniram-se várias pessoas e, entre elas, o dr. Joaquim Gonçalves Mamede, catedrático de matemática, e que se permitia o luxo de esconder a sua enorme calva doutoral sob uma grandiosa cabeleira postiça. Vicente Ferrer era um excelente cavaqueador, dotado dum espirito vivo e jovial; e, lembrando-se de pregar uma partida ao dr. Mamede, pediu a Rozendo que improvisasse uns versos, glosando êste mote: «Um calvo com cabeleira». O poeta não se fez rogado; meditou alguns instantes, e declamou, com o ar mais natural do mundo, perante as gargalhadas da assistência:

Nêsses remotos países,
Por onde fui viajar,
Coisas notei de espantar:
Senti falar codornizes;
Homens vi com dois narizes
E até vi numa leira
Dar péras uma macieira;
Mas o que por lá não vi
E só aqui descobri
— Foi calvo com cabeleira!

Os versos não serão uma obra-prima, mas têm filosofia — e ainda não perderam a oportunidade, bem ao contrário, por que o caso do dr. Mamede se repete cada vez com mais frequência.



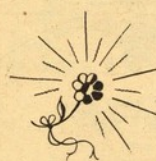
O DIABO NO CORPO



Segundo informaram os jornais numa povoação da Beira apareceu uma rapariga com o diabo no corpo. A aldeia em péso foi de parecer que se consultasse uma bruxa. Assim se fez. Inútil. O diabo não saía do corpo da rapariga. Foi então que amiga e confidente da endiabrada moça se lembrou de aconselhar a intervenção duma beata, que era mulher de bom aviso. E a beata, tendo meditado o caso, aconselhou qua alimentassem bem a rapariga, que não a obrigassem a trabalhar, e que a casassem com o rapaz que ela namorava, há muito, às escondidas dos pais...

Remédio infalível! No dia seguinte o Diabo regressava destroçada-mente, ao Inferno.

A B R I L



A primavera, em pleno campo, é uma grande aguarela doirada de sol. Florescem as árvores. chilream os ninhos. Germinam as sementes. Dir-se-ia que a natureza se abre, à luz, como uma flor gigantesca. A terra ergue os seus braços floridos. A vida estende as suas mãos fecundas. Palpitam seivas novas. Lateja sangue novo. E o velho Pan, eternamente jôvem,

sentado na sombra verde dos valados e dos soutos, recomeça as suas lições de canto aos melros e aos pintassilgos...

A CHUVA E A PROCISSÃO



Contar-nos que nas últimas festividades da Semana Santa o vigário de certa freguesia anunciou aos fieis que, no dia seguinte, se realizaria a chamada procissão do Entêrro. E logo acrescentou:

— Se chover muito de manhã a procissão sairá à tarde; se chover muito à tarde a procissão realizar-se-á de manhã...

Se não é verdade, temos de reconhecer que não está mal inventada.

FRANQUEZA



O conselheiro Emídio Navarro foi, um dia, asediado na rua por um pobre, novo e côrado e aparentemente sem qualquer aleijão.

— O sr. sofre de alguma coisa?
— perguntou-lhe Emídio Navarro.
— De nada, felizmente.
— Então porque não trabalha?
— Porque, saiba V. Ex.ª, sou o rei dos mandriões.

Logo Emídio Navarro, dando-lhe uma moeda:
— Tome lá um tostão pela sua franqueza!

NO EXÍLIO, SENECA ESCREVEU TRAGEDIAS E APANHOU UMA TAREIA...



ENQUANTO Cláudio, César omnipotente, se divertia, entregue à sensualidade e à luxúria, um homem — um grande homem — na solidão do destêrro, passava o seu tempo escrevendo tragédias.

Estávamos na decadência do Império Romano. Cláudio sofria ciúmes atrozes. Sua mulher, a dissoluta Messalina, sedenta de prazeres, trazia Roma vergada a seus pés.

No Circo, os espectáculos atingiam a sua grandiosidade. Vergonha e sangue. O povo, embrutecido, mergulhava os seus olhos concupiscentes nas virgens núas que eram lançadas às feras. Feitos de horror. Morte. Mas o povo ululava, vibrante, entusiástico.

A época era de imoralidade, de luxúria, de depravação. Todavia, Seneca, insensível aos males, indiferente aos odores do vinho e do sangue, vivia para o estudo, para a filosofia. Era um contraste, uma nota de vida pura dentro da miséria moral em que Roma caíra.

O tumultuar das paixões e dos vícios não conseguiram impedir que Seneca legasse ao mundo os famosos tratados dos «Benefícios» da «Cólera», da «Clemência», da «Sabedoria», da «Constância» e tantas outras obras notáveis de filosofia.

Um dia, porém, incorreu no desagrado de Messalina e foi desterrado para Luli, cabo da Córsega, onde lhe deram, para morar, uma soturna e desmantelada torre.

E Seneca sofreu. O seu espírito fino, requintado, rasgava-se diante daquela solidão. No alto das escarpas pedregosas, sem arbustos, nem nascentes de água, Seneca conseguiu, apesar de tudo, encontrar ânimo para escrever o seu teatro. A medida que escrevia as suas tragédias, ia-as mandando, para Roma para serem lidas perante um auditório de amigos, numa sala alugada especialmente para esse fim. Vieram a lume «Medéa», «Edipo», «Agamemnon», etc., que, se como peças de teatro eram de técnica mediocre, como obras literárias valiam pelas idéias e maravilhosos conceitos de alta filosofia, servidos por um estilo riquíssimo.

Foi no exílio que Seneca sofreu o maior vexame da sua vida, e que lhe havia, depois, de marcar um meio fundo na sua personalidade.

Uma noite — uma noite bela, de brisa morna — Seneca encontrou uma jovem córsega, de surpreendente beleza. Amou-a, silencioso, como um filósofo pode amar. Nas noites que se seguiram, voltou a descer as escarpas apenas para a tornar a ver. Não falavam. Seneca não ousava dirigir-lhe o menor som.

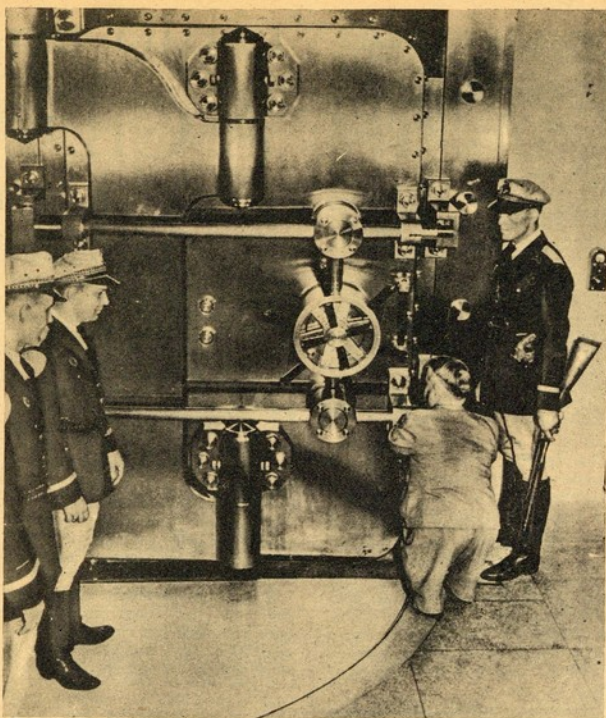
Mas uma noite, a sombra era mais acariciadora, a brisa mais tépida — e Seneca, entusiasmado, pretendeu abraçar e beijar a córsega. Foi repellido com violência. Isto, porém, não o fez desistir.

Apenas pensava nessa jovem morena que lhe lembrava o tipo sugestivo e belo da raça ibérica. Na noite seguinte, tornou a descer as escarpas. Então, esbarrou com um bando de mulheres, amigas da córsega, que o despiram e que, sem dó nem piedade, lhe vergastaram o corpo com molhos de ortigas...

Este pormenor é saboroso e vem provar, mais uma vez, que os grandes homens, por mais filósofos que sejam, têm, também, os seus momentos pouco estéticos, e não podem fugir à sua condição humana...

Um cow-boy de palmo e meio

WILLIAM Crawford Eddy — Eddy, como geralmente lhe chamam — é um artista americano de talento e que acaba de apresentar, a todo o país, a sua última invenção: «Joe», herói das mais estranhas aventuras... mexidas por cordelinhos. «Joe», de facto, que ficará tão célebre como os bonecos de Disney, é um títere inteligente e de categoria — exactamente como aqui se apresenta e que está a obter extraordinário êxito, à frente de uma companhia que percorre toda a América. Uma companhia de títeres como este — já se vê...



É pequenino, mas...

AQUELE senhor pequenino, um tanto gordo, que parece ser visto através de um espelho meio côncavo, meio convexo, é nada menos que o administrador do Banco do Texas. Mede 1,20, pesa 56 quilos e chama-se Lockhart. Todas as tardes, antes de deixar o seu posto, verifica se os cofres estão bem fechados. Resta dizer que o Texas é um estado da América, maior do que a França, e que o senhor Lockhart tem sido reeleito para esse cargo desde há 9 anos seguidos.

O TÚMULO DE EVA MATRIMONIOS

SEGUNDO a lenda, o filho do primeiro casal humano sepultou seus pais, perto de Meca, sobre o monte Abu Jobar. Os despojos dos nossos progenitores expulsos do paraíso terrestre, permaneceram ali até que, chegada a época do dilúvio universal, Noé enxumou-os, salvando-os na Arca.

Afirmar-se que esse patriarca voltou a enterrá-los mais tarde, nas cercanias de Jerusalém.

Por sua parte, os árabes, de acôrdo com as suas tradições, afirmam que os restos de Eva foram enterrados perto de Yeddá, onde actualmente se encontra o seu sepulcro. Poucos estrangeiros têm podido visitar esse túmulo, porque o zeloso fanatismo dos árabes da referida região considera grave sacrilégio o facto de um cristão pôr os pés naquele recinto sagrado. Para dar uma idéa da violência dessa tribo encarregada de custodiar o túmulo de Eva, basta recordar que nos primeiros anos deste século foram assassinados, em muito pouco tempo, três vice-cônsules europeus que cometeram a imprudência de querer lá entrar. Isso trouxe, como consequência, mercedos castigos, severas represálias e uma série de medidas de precaução, graças às quais a famosa tumba pode agora ser visitada e fotografada. O primeiro explorador que conseguiu isso foi o capitão Smithson que, disfarçado em persa e acompanhado por alguns árabes de Jeddá, pôde entrar no túmulo e no recinto que o rodeia. O sepulcro de Eva está situado no centro de um cemitério circundado de altos muros. Na necrópole existem muitos outros túmulos, mas o da primeira mulher destaca-se pelas suas proporções constituindo um verdadeiro mausoléu.

O matrimónio é uma coisa muito cerimoniosa e custosa entre os negros. Nem sempre é o marido que procura a noiva. Em regra elas já estão prometidas desde que nascem.

Todos os casamentos de negros são baseados numa compra e venda. O preço da mulher difere muito, conforme os lugares.

Em certas regiões da África, regiões próximas ou sujeitas à influência europeia, o casamento entre negros é muito mais difícil, porque o pretendente a marido nunca consegue arranjar a soma que o pai pede pela futura esposa.

Este encarecimento de mulheres deve-se ao facto dos europeus, colonos ou funcionários da administração, tomarem as negras por esposas e pagarem por elas qualquer preço. Eis um benefício que a nossa civilização levou aos negros...

AUTÓGRAFOS

RUDYARD Kipling tinha um jardim. O jardim tinha uma árvore. Mas acontecia que o auto-carro passava junto ao jardim e roçava pelas folhas da árvore, fazendo-o cair.

Kipling arrelivava-se. Arrelivava-se, falava com o «chauffeur» que, ao mesmo tempo era dono de uma taberna, pedia-lhe para passar um pouco mais longe da árvore, mas tudo resultava inútil.

Então, aborrecido, resolveu escrever ao homem uma carta enérgica de protesto. O «chauffeur»-taberneiro mostrou a carta aos seus freguezes e um deles, admirador do famoso escritor, resolveu comprá-la por dez shillings.

Não obtendo resposta, Kipling enviou uma segunda carta, mais enérgica ainda, e o taberneiro encontrou outro colecionador de autógrafos, que a comprou por uma libra esterlina.

Desesperado, Kipling foi procurar o homem à taberna.

Porque não respondeu às minhas cartas? — perguntou.

Porque não respondi, senhor? — respondeu o taberneiro — Porque esperava uma todos os dias. Dão-me maior rendimento do que vender cervejas e guiar autocarros...

COMO JEAN NICOT, O HOMEM QUE INTRODUZIU O TABACO NA EUROPA, EXERCEU A DIPLOMACIA EM PORTUGAL

O acaso trouxe-nos às mãos um jornal francês que fala do caso. É o «Vaincere», de uma das últimas semanas, e donde passamos a transcrever um curioso artigo sobre o homem que divulgou na Europa o uso do tabaco. Todos sabem que esse homem se chamava Jean Nicot — mas talvez muitos ignorem que ele era diplomata e que esteve em Lisboa.

Vejamos, pois...

«Jean Nicot, «seurs de Villemain, divulgou em França o uso da erva «pétura», ou seja do tabaco, que, como se sabe, contém nicotina. Jean Nicot foi também — e isto é que é menos sabido — embaixador da França em Portugal, de 1580 a 1578. Foi de Lisboa, a 6 de Maio de 1561, que comunicou ao rei Carlos IX o cerco pôsto pelo sultão Mulay Abdallah, contra a praça forte portuguesa de Mazagão. Jean Nicot tinha sido informado por um francês prisioneiro do «cherif» e que se tinha evadido de Marrocos. Este cativo fazia parte, precisamente, das tropas enviadas para Mazagão. A guarda avançada do exército marroquino compreendia 10 mil cavaleiros e 6 mil infantis. Corriam boatos, segundo os quais o sultão, em pessoa, tomaria parte nas operações de cerco, para o que viria à frente de um exército de 60 mil homens, com 12 ou 13 peças de artilharia. Entre os canhões marroquinos, contava-se o famoso «Maimuna» — isto é, aquêle em que se confia — cujo projectil media cinco palmos e meio de circunferência.

As informações enviadas por Jean Nicot não eram desprovidas de fundamento. A 4 de Março de 1562, o exército de Mulay Abdallah apareceu, efectivamente, diante de Mazagão, que o sultão esperava fazer render pela fome. Passou-se um mês em trabalhos de aproximação. A 24 Abril, o primeiro assalto foi repellido pela guarnição que contava, ao todo, 2.600 homens. A 30 de Abril, depois de uma segunda tentativa mortífera e infrutuosa, o cerco foi levantado. Os assaltantes tinham construído um baluarte donde esperavam disparar, em tiros de «emergulhos», as suas peças. Mas das ameias respondiam-lhe com tal ardor e alvejavam tão intensamente o baluarte, que este se tornou praticamente inútil. A cidade, no entanto, tinha sofrido bastante, segundo as informações deixadas por um outro embaixador francês. Jean Hebrard de Saint-Sulpice escreveu, com efeito, a Carlos IX, uma carta de Madrid, em 1 de Junho de 1562, na qual dizia: «Não há nada a mencionar, digno do conhecimento de Vossa Majestade, a não ser que o «cherif» levantou o cerco de Mazagão donde os portugueses tiveram a infinita honra de se ter batido e valentemente defendido, se bem que a praça fôsse totalmente arruinada e demolida».

E assim termina o pequeno artigo de «Vainere», a que vimos referindo-nos e que tão bem ilustra as relações franco-portuguesas e a acção de um fumador mais do que todos célebre!...



O jornalinho de garotos

ESTA é a história maravilhosa da «Cidade dos Rapazes». Não nos propomos descrever um episódio mais ou menos cinematográfico mas, sim, contar, com todos os pontos e vírgulas, a história autêntica da célebre Boy's Town, para meninos abandonados e sem lar, seja qual for a sua raça, credo ou côr.

Podemos principiar como nos contos de fadas: «Era uma vez...» ...uma pequenina cidade irlandesa, chamada Roscommon. Foi aí que, no dia 13 de Julho de 1886, num lar modesto, onde já existiam dez filhos, nasceu um menino a quem chamaram Eduardo — aquêle que mais tarde havia de partir para a América, onde se celebrizaria com o nome de Padre Flanagan.

Em 1913, na época em que as fôlhas das árvores tombam amareladas, um homem, ainda novo, caminhava pausadamente pelas ruas

COMO NASCEU A CIDADE DOS RAPAZES

VIDA E OBRA DO PADRE FLANAGAN

da cidade de Omaha. Viam-se em todos os rostos sinais evidentes de desolação e desespero. A vida não tinha corrido bem. A perda das grandes colheitas de Iowa e Nebraska lançara tôda aquela gente na miséria do desemprego.

As esquinas, os homens desocupados aconchegavam-se ao sol. O espectro da fome avizinhava-se já e o frio, a neve e o gelo não demorariam muito. Era forçoso encontrar uma solução que suaviasse um pouco a tragédia latente.

O homem, que silenciosamente caminhava pelas ruas, era o Padre Flanagan. No seu coração ouvia-se o primeiro rebate.

A sua obra significa iria principiar pelo fim — com um fracasso que, por mais paradoxal que pareça, foi o alicerce seguro onde hoje se levanta a «Cidade dos Rapazes».

O Padre Flanagan entendeu que era seu dever suavizar, tanto quanto possível, a vida daqueles homens. E assim nasceu o Workingmen's Hotel, que se destinava a recolher e a confortar, todo aquêle que se encontrasse sem trabalho e sem possibilidades.

Durante algum tempo, a experiência deu os melhores resultados, graças, sobretudo, à tenacidade do seu criador. Mas, ao fim de três anos, verificou-se que o «Hotel dos trabalhadores» seguia por um cami-

nho absolutamente contrário aquêle para que fôra fundado. A pouco e pouco, a freqüência dos homens honestos, mas sem trabalho, foi substituída por autênticos bandos de vândios profissionais: bêbados e mendigos, desejosos de viver sem fazer nada. Desta maneira, o Padre Flanagan viu gorados todos os seus esforços; o que equivale a dizer que a tentativa falhou. No entanto, a experiência adquirida trouxe-lhe o estímulo para novos empreendimentos.

São dêle próprio estas palavras: «Depois de milhares de observações e estudos cheguei a um denominador comum: falta de lar».

Partindo dêste princípio, o sonho ia em breve ser realidade. O mal seria cortado pela raiz. Os homens começam por crianças. Muito bem: êle tomara a seu cuidado o amparo moral de quantas crianças pudesse. Seria um pai para as que não tinham família, um protector e um amigo para as que tivessem sido abandonadas.

Dentro dêstes princípios morais estabeleceu rigorosamente os seus planos e, dois meses antes do Natal de 1917, pediu emprestados 90 dólares e alugou uma casa em Omaha.

E assim nasceu a «Cidade dos Rapazes».

Os Estados Unidos estavam em guerra com a Alemanha e ninguém

tinha tempo para pensar em obras de assistência social.

O Padre Flanagan é que não pensava assim e, pacientemente, ia trabalhando no barro humano do seu sonho. A breve trecho foi necessária uma casa maior e, pouco depois, outra maior ainda, até que por fim a «Cidade» ficou definitivamente instalada na granja Overlook, onde se encontra ainda hoje.

As crianças precisavam de ar livre, de liberdade de movimentos. O Padre Flanagan teve de fazer várias hipotecas, pedir dinheiro a uns e a outros, mas a caridade e a compreensão do povo americano nunca o desampararam.

Foram os próprios rapazes, mal entraram na granja, que começaram a construir a sua cidade, e êstes, para os que vieram depois, ficaram sendo os pioneiros — palavra que todos pronunciam com verdadeira veneração.

Do terreno lavrado, como por encanto, surgiram lindíssimos jardins, lagos, campos de futebol, de «basebol», de atletismo, piscina, «ringues» de «box» e de luta, teatro, cinema: um pequeno mundo de maravilhas que a fantasia dos rapazes construiu a seu gôsto e para sua própria satisfação.

Hoje, a «Cidade» dispõe também duma esplêndida banda de música, dum jornal quinzenal muito bem dirigido: com artigos de fundo, crónicas, reportagens gráficas, comentários desportivos e de actualidade e assuntos de interesse geral. Diz-se até que, apesar de ser um jornal

escrito, composto e impresso por garotos, é melhor paginado e tem muito mais interesse do que muitos jornais feitos proposadamente para pessoas crescidas.

Em Junho de 1938 uma multidão de cineastas invadiu «Boy's Town». A «Metro» — com as magníficas interpretações de Spencer Tracy e Mickey Rooney — quis, antes de tudo, significar com o seu interesse, a admiração que o povo americano sentia pela obra do Padre Flanagan. O filme deu a volta ao mundo e o cinema realizou uma missão de altíssimo sentido social.

A mãe do Padre Flanagan, quando ficou viúva, veio viver com o filho, e um dos últimos encantos da sua vida foi assistir à projecção do filme. Quando ela morreu, em 1939, os rapazes da «Cidade» vestiram-se de luto e choraram sentidamente a sua falta.

A «Cidade dos Rapazes» vive exclusivamente do auxílio particular e dos rendimentos dos seus próprios

negócios. São os próprios habitantes quem escolhe os seus administradores e êstes, por seu turno, elegem o «perfeito». Até hoje, os garotos têm-se sabido governar como homens experientes, e a população é composta de rapazes dos 6 aos 18 anos.

O primeiro «perfeito» foi Tony Villone. Antes da guerra trabalhava para a «Metro» e era considerado uma grande esperança do cinema americano. Hoje combate no céu da Europa, cumprindo admiravelmente os princípios de honra que aprendeu na «Cidade».

Uma das grandes preocupações do Padre Flanagan é conseguir que os seus pupilos, quando abandonem «Boy's Town», sigam directamente para um emprego que lhes garanta a primeira vitória na luta pela vida. Até hoje, tudo tem seguido bem — diz êle — porque os seus rapazes merecem sempre bons lugares. Quando algum se vai embora outro lhe sucede imediatamente.

Esta extraordinária obra de compreensão social não tem fim. A vida rola incessantemente e as casas da «Cidade dos Rapazes», apesar de serem muitas, ainda não chegam para abrigar tôdas as crianças que merecem lá entrar.

SILVA BASTOS

QUANDO A OUTRA MENINA DA RÁDIO CANTA CANÇÕES



— O papão, vai-te embora... — quatro expressões da mesma canção.

PORTUGUESAS

A rádio americana descobriu as canções portuguesas. Primeiro foi o célebre «Club Glee», com um esplêndido repertório de baladas coimbrãs — velhas cantigas da capa e batina com versos de António Feijó e rimas de João de Deus. Depois foi o «Tiro-liro-liro» e este ainda está na moda, ainda se canta e dança com variantes de ritmo que passam da valsa ao «swing» e vão do «fox-trot» ao «slow».

Agora, apareceu a «Menina da Rádio» — a outra menina da rádio, chamemos-lhe assim. Segundo a opinião unânime da crítica mais exigente, trata-se duma criança prodígio — um fenómeno musical sem paralelo na história da rádio.

Fixem o seu nome: chama-se Miriam Fogerty e tem apenas... dois anos de idade.

Quando apareceu — há alguns meses — conquistou imediatamente a admiração de todos os ouvintes,

com o fervor com que interpretou os seus primeiros números: velhas canções dos escravos da Georgia e «blues» em voga. Há dois meses, talvez, o seu repertório alargou-se, melhorou, e o número mais apreciado foi, nem mais nem menos, a nossa tradicional canção de emba-lar:

*O papão vai-te embora,
De cima dêsse telhado...
Deixa dormir a menina
Um soninho sossegado.*

Apesar da sua pouca idade, Miriam Fogerty toma muito a sério a sua arte, e raro é o ouvinte que não se emociona com a sua vozita cariciosa e meiga que transcende encanto.

Oxalá a possamos ouvir na primeira oportunidade mas, enquanto êsse momento não chega, daqui lhe enviamos um grande abraço: um abraço de Portugal.



Miriam Fogerty, a outra menina da Rádio



O Padre Flanagan com dois dos seus discípulos

Factos e cenas inéditas da lendária travessia de Gago Coutinho no veleiro «Foz do Douro»

UMA AVENTURA AOS 75 ANOS



Manuel de Azevedo viu assim o famoso marinheiro

UM ALMIRANTE COMANDA UM NAVIO DE CARGA... E DISTRIBUE CIGARROS

A' uma hora e trinta minutos do dia 2 do corrente, fundeava na bacia do pórtico de Leixões, vinda de Santos, após 103 dias de viagem, a barca «Foz do Douro» com um carregamento de algodão.

Não teria o acontecimento importância de maior se não existisse uma particularidade que lhe deu notoriedade. É que a comandar o veleiro vinha um Homem, com maiúscula: o almirante Gago Coutinho, cientista, herói nacional e ídolo popular, que embarcara no Rio como passageiro, com o fim de se documentar para os seus estudos sobre as rotas dos nossos descobridores e ainda, como então declarava ao jornal brasileiro «Diário da Noite», para «viver mais uma aventura, cuja oportunidade não quis perder».

Foi o capitão da barca «Foz do Douro», sr. João Fernandes Mano Agualusa quem, numa cerimónia simples, com toda a tripulação presente, resolveu entregar ao nosso glorioso almirante o comando do seu barco. Gago Coutinho, muito sensibilizado com a gentileza, distribuiu cigarros à tripulação, e este foi o seu primeiro acto, como comandante...

Com esta viagem no «Foz do Douro», Gago Coutinho acaba de concluir cinquenta travessias do Atlântico, sendo 2 de avião — que estão na memória de todos — e 6 à vela (já lá vão 51 anos após a sua primeira viagem ao Brasil, a bordo da corveta «Mindelo»).

A BORDO DO «FOZ DO DOURO»

Pela hora tardia a que o veleiro chegou, os jornalistas, que havia alguns dias esperavam a chegada do ilustre marinheiro, tiveram apenas o tempo necessário de trocar algumas palavras de saudação e cumprimentos e de tomar umas breves

notas. Na manhã seguinte, fomos a bordo da barca, que se balouçava com majestade, como que espreguiçando-se, colher as impressões de viagem de Gago Coutinho e indagar das conclusões a que havia chegado.

Na câmara de bordo, o almirante tomava o pequeno almoço. Entretanto, demos uma volta pelo tombadilho. Nenhum dos 31 tripulantes havia ainda desembarcado. Como a viagem se prolongou bastante além do previsto, havia acabado o tabaco e os homens não fumavam havia mais de 15 dias. Distribuímos cigarros. Os homens do mar são comunicativos, e os do «Foz do Douro» não fazem excepção.

O QUE NOS CONTAM OS TRIPULANTES

Obarco, depois de Santos, não tocou em nenhum pórtico e viram apenas três navios. Em compensação foram sobrevoados por centenas de aviões, que se aproximavam ao reconhecimento. Um marinheiro conta:

— O vento rasgou-nos as bandeiras e ficámos só com uma, que tínhamos guardada. Mal ouvíamos roncocar ao longe, desatávamos a correr como malucos e a içar a bandeira à carreira, por causa dos enganos. Alguns aparelhos desciam tão baixo que nós podíamos ver a saudação do piloto, quando se afastava. E nós respondíamos com os nossos bonés, contentes por ver gente. Se lhe parece!

UM ALMIRANTE REINADIO

Procurámos então conhecer opiniões sobre o almirante Gago Coutinho. Todos são unânimes em lhe tecer elogios e falam d'ele com estima e admiração.

— Pessoa mais reinadia que aquilo não há — diz-nos na sua típica linguagem o criado de bordo, Joaquim Esteves Nevado.

E continua:

— Todos os dias se levantava às cinco da manhã. Quando não observava os astros estava sempre a escrever.

— Fêz um romance da viagem — esclarece outro tripulante, referindo-se às observações que Gago Coutinho apontava continuamente.

Surgem pormenores da vida de bordo. O almirante, depois de se levantar, logo que aparecia o Sol, ainda descalço, fazia ginástica na ponte do convés. Comia tudo que lhe apresentavam e passou toda a viagem bem, com excepção de uma rápida indisposição.

Nos dias de bom tempo sentava-se numa cadeira, no tombadilho, a escrever. Um gato vadio — o «Tarzan» — apanhado por um tripulante num cais do Rio de Janeiro, costumava anichar-se na cadeira e quando Gago Coutinho chegava saltava prontamente, ao ouvir a frase habitual:

— Sáí daí, bichano! Tem paciência, que esse lugar é para mim.

GAGO COUTINHO FALA A VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

Um moço de bordo veio prevenir-nos que o sr. Almirante nos esperava na câmara do navio.

Gago Coutinho, com a simplicidade e afabilidade habituais, recebeu-nos sorridente e dispôs-se a conversar:

— A viagem foi demorada mas eu já sabia o que é um navio à vela. Aliás não é a mesma coisa que navegar no tempo das descobertas, pois agora temos outros confortos. Não me cansei nem me aborreci. Via o que se passava e interessei-me pela vida do navio. Não tinha pressa, visto nem ter família que estivesse em cuidados à minha espera, nem negócios. Embarquei por puro prazer de nave-

gar. Tenho 75 anos e já não vivo outros 75.

— Mas não senti satisfação em avistar terra?

— Bem vê, fiz tantas viagens que essas impressões se me apresentam esbatidas.

A FALTA DE MEMÓRIA IMPEDE O GLORIOSO PORTUGUÊS DE ESCREVER UMA OBRA DE EXTRAORDINÁRIO INTERESSE

Gago Coutinho fala então dos objectivos da travessia:

— Embarcando na barca «Foz do Douro» tive por objectivo documentar-me acerca das rotas dos nossos descobridores.

— Tenciona então publicar brevemente alguma obra?

— Não. Tenho já grande falta de memória e qualquer trabalho se me torna difícil e penoso. Preciso de escrever tudo e depois reparo que repito frequentemente as mesmas coisas.

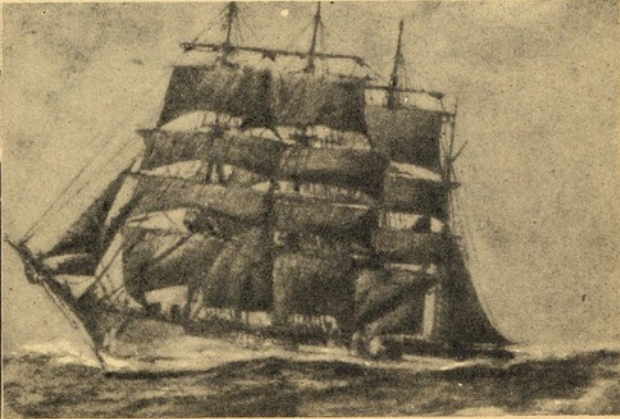
Preguntamos então se chegara a algumas conclusões.

— Nas minhas observações diárias não me servi nem do cronómetro nem do sextante, mas unicamente do astrolábio, para deste modo verificar o que se pode fazer apenas com este aparelho, que era o único usado pelos nossos navegadores das descobertas. Em face das rotas dos nossos navegadores, refor-

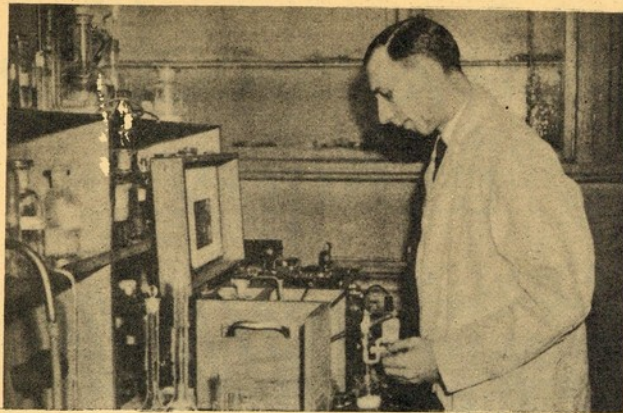
(Continua na pag. 28)



Gago Coutinho, quando o veleiro chega, recebe os jornalistas e explica as razões e conclusões da sua viagem



Neste veleiro frágil, como o eram outrora os barcos das descobertas, Gago Coutinho fez a sua histórica viagem do Brasil a Portugal



A LUTA CONTRA O CANCRO

Os cientistas acabam de alcançar mais uma vitória na luta contra o cancro. O sábio inglês James Henry Thompson, que a foto mostra trabalhando no seu laboratório de Sunbury-en-Thames, comunicou ter descoberto um tratamento indolor, que assegura, em 50 % dos casos, a cura aos cancerosos. O novo remédio conhecido por «H II». O tratamento, que demora 6 meses ou mais, é feito por meio de injeções sub-cutâneas, dadas todos os dias. Está a ser largamente experimentado na Grã-Bretanha. E temos assim uma nova arma a acrescentar aos «Raios X», ao rádio, à cirurgia, que até hoje constituem os meios soberanos contra as diversas espécies de cancros.

O CARAPAU, UM PAI EXTREMOSO

A maloria dos peixes não se preocupa com a prole. Com a desova dentro de água, fica cumprida a sua missão. Mas a fabulosa quantidade de ovos postos compensa a falta de cuidados.

Por exemplo, um só esturijão produz 3 a 6 milhões de ovos; o esturijão é conhecido dos endinheirados por «caviar». Porém, o carapau põe apenas 100 ovos, o que o obriga a cuidados especiais com a prole.

Os carapaus machos são os construtores e os protectores dos ninhos que fabricam para a sua prole com plantas aquáticas coladas por meio de uma excreção pegajosa. O rival que tenta aproximar-se é rigorosamente repellido.

Acabado o ninho, o carapau-macho sai em procura de uma companheira, que nem sempre obtém por livre e espontânea vontade dela, mas por meios violentos.

Postos os ovos no ninho, o macho fecunda-os e defende-os da própria mãe e de qualquer outro inimigo, revelando-se incansável e inexorável nesta tarefa.

Quando os peixinhos nascem, é ainda o pai quem os trata. Se os carapaus bebés se afastam demasiadamente, o pai vai buscá-los, transportando-os dentro da boca. E assim continua o desvelo paterno, até que os filhinhos mais crescidos se dispersam definitivamente.

A B C sobre o entorse

DÁ entorse sempre que os movimentos duma articulação são tocados além dos seus limites normais, duma maneira brusca e brutal, sem que por causa disso sobrevenha um deslocamento permanente ou uma fractura. As lesões mais importantes produzidas pelo entorse, localizam-se nos ligamentos que unem os ossos da perna aos do pé.

É sobretudo frequente no adulto, porque os ligamentos da criança são bastante elásticos e resistem.

Os sintomas de entorse são muito nítidos: dor vivíssima alguns segundos após o acidente; há um sofrimento intolerável e o tornozelo incha. Esta inchação é rápida e deriva dum derramamento de sangue à volta da articulação.

O médico deverá constatar que os ossos estão intactos e confirmará a ausência de fracturas com uma radiografia.

O tratamento clássico consiste em imobilizar o membro enquanto houver dor e inchaço, e em dar uns banhos quentes à articulação. Mais tarde, são de aconselhar as massagens e os exercícios progressivos, e até, se forem necessários, tratamentos eléctricos. Mas há já um novo tratamento preconizado pelo professor Periclé: consiste em injectar *novocaina*, que é um anestésico, ao nível dos ligamentos da articula-

O «ólho» descobridor da morte

NUM congresso anual do Colégio americano de cirurgiões, foi apresentado um «ólho eléctrico capaz de «ver» a aproximação da morte, dando aos operadores e anestesistas um sinal precioso para poderem salvar a vida do paciente.

Entre os primeiros sintomas capazes de assinalar a aproximação da morte está a diminuição do oxigénio. Essa diminuição provoca o escurecimento da cor do sangue.

O «ólho eléctrico» é uma célula foto-eléctrica de extrema sensibilidade, destinada a notar as mais pequenas variações na cor do sangue que circula à flor da pele. Esta célula foto-eléctrica é colocada, como se fez no hospital Ford, em Detroit, junto à orelha fortemente iluminada. A luz intensa torna a orelha semi-transparente, e logo que há escurecimento na cor vermelha do sangue, a célula foto-eléctrica dá o sinal de alarme, muito antes do ólho humano descortinar qualquer diferença de cor.

A nova técnica operatória foi até agora apenas experimentada com animais, mas os resultados têm sido tão animadores que se espera, para um futuro próximo, a sua aplicação aos seres humanos.

A ciência contra o crime

A fotografia realizada com o auxílio dos raios ultra-violetas está sendo muito empregada para a descoberta de alterações feitas em cheques bancários, testamentos, e outros documentos capazes de serem falsificados.

Os falsários que acreditassem baseados na evidência dada pelos seus olhos, ter conseguido apagar, por meios químicos ou outros, alguma parte indesejável dum dado documento, deixando intacto o papel e não afectando a assinatura, seriam desmascarados diante do testemunho da câmara fotográfica. Em tais fotografias, o escrito original aparece brilhante e claro entre as linhas que o falsário tinha lançado sobre o papel supostamente branco.

Por sua vez, o uso dos raios infra-vermelhos em fotografia, torna perfeitamente visível a escrita ou a impressão sobre o papel que tenha sido queimado a ponto de ficar negro.

Os infra-vermelhos são também utilizados para examinar telas e verificar se por debaixo das camadas superficiais de tintas não haverá outras, e se, por consequência, houve ou não falsificação.

O laboratório do nosso bem dirigido Museu de Arte Antiga, está apetrechado com infra-vermelhos.

ção atingida. Por este processo o entorse cura-se em 48 horas; pelo processo clássico a cura só vem ao fim de bastantes dias.

Singularidades da nossa vida psicológica

TODOS têm a nítida consciência de que o corpo lhes pertence e possuem d'êle uma imagem particular, chamada em psicologia, «esquema corporal». É um complexo funcional neuro-físico-psicológico da maior importância para a vida: permite orientar o corpo, regular as suas relações com o mundo exterior e estabelecer, em cada indivíduo, uma unidade íntima entre o sentimento da existência e o corpo.

Este «esquema» não vem com os seres, logo à nascença, mas vai-se constituindo, aos poucos e poucos, com o agrupamento especial das impressões e experiências várias do indivíduo ao longo da infância. Em regra, só aos 3 anos a criança faz a destreza nítida entre o seu e o «mundo exterior».

Quando o «esquema corporal» é perturbado e se desorganiza, é-se vítima de estranhas perturbações psicológicas, que foram, durante centenas de anos, consideradas dos domínios da feitiçaria e da mística.

Uma dessas perturbações é a falta de vivência do próprio corpo ou «assomatognózia», sentida por certos doentes. Kleist e Fünfgelde descreveram o caso de um doente com encefalite, que no período antes de adormecer desconhecia como sua a metade direita do corpo, e agarrava a mão direita com a esquerda, para verificar a sua existência.

Fünfgelde fala, ainda, de uma mulher que sentia o corpo separar-se, de súbito, abaixo do umbigo, e reconhecia apenas como seus os braços, uma parte do tronco e a cabeça.

Lhermitte relata, por sua vez, que um homem com hemiflegia direita (paráliza de metade do corpo), perdera por completo a consciência da metade esquerda. Três dias após o início da doença, o homem declarava não ser sua a mão direita e mostrou receio de que esta lhe batesses.

Sob a designação de «membro fantasmas», agrupam-se, também, fenómenos curiosos. Os doentes amputados sofrem perturbações derivadas da permanência do «esquema corporal» relativo à parte do corpo amputada. Os amputados, sentem calor, frio, comichões, dores, nos membros de que estão privados, e fazem com êles movimentos voluntários — tal é o vivo sentimento da permanência desses membros.

Segundo Lhermitte, uma doente sem pernas costumava dizer:

— «Digam o que disserem, sinto o meu pé. Há momentos em que tenho vontade de cogá-lo, sobretudo o dedo pequenos. Outros, amputados do braço direito, «estendem» muitas vezes a «mão fantasmas» para apertar a dos amigos.

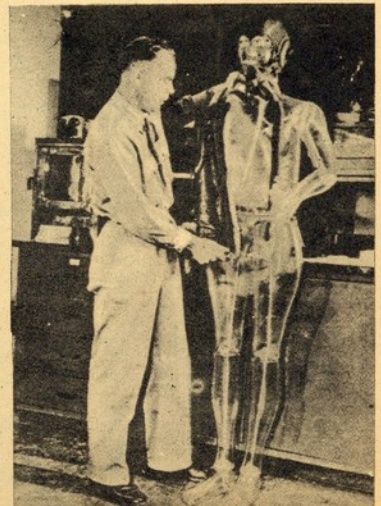
Só muito lentamente o «membro fantasmas» desaparece, e há indivíduos que sentem a presença dos membros até ao fim da vida.

Fenómenos ainda mais estranhos são os de «theatroscoopia», em que os doentes, acordados, vêem a sua figura projectada fora de si. Dá-se o aparecimento do «duplo», que surge colado ao corpo real ou à distância de uns metros. Baelz observou, a seguir, passado com um convalescente de um tifo grave: «sentia como se alguma coisa se desprendesse d'êle, como se saísse de si mesmo e se, encarrasse com o seu próprio seu». Depois de alguns minutos desaparecia a alucinação, deixando-o num estado de esgotamento e confusão.

Podiam-se apontar outras perturbações do «esquema corporal», mas estas são suficientes para que se faça uma ideia da complexidade do assunto e das dificuldades dos cientistas procurando explicar cientificamente o espírito humano — a sua maneira de ser normal e as suas anomalias.

FATOS PARA A ESTRATOSFERA

OS progressos da aviação criaram a necessidade de fundar laboratórios destinados a estudar as condições de vida nas grandes altitudes, e a procurar vencer as dificuldades dos vôos estratosféricos. Estes vôos, além de exigirem aparelhos adequados, exigem também fatos especiais para os aviadores. Tais fatos, de vital importância para quem voo nas grandes altitudes, são objecto de estudos minuciosos em que a física e a fisiologia se dão as mãos. Os laboratórios americanos utilizam manequins plásticos, como o da foto, para submeter os equipamentos a variadas experiências.



As joias

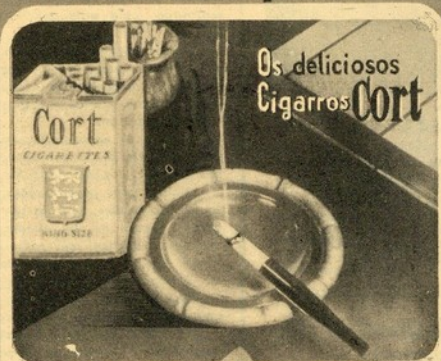


da OURIVESARIA - JOALHARIA
RIBEIRO

R. Barros Queiroz, 66 — LISBOA
Telefone 28385

Uma feliz escolha
de artigos
para o

**CAVALHEIRO
DISTINTO**



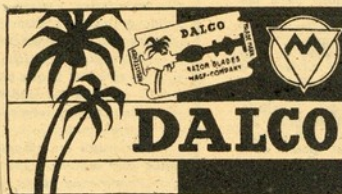
Os deliciosos
Cigarros Cort

CASA TRAVASSOS
PRAÇA D. PEDRO IV, 42

Elegância
& Qualidade



RELÓGIOS TITUS



A lamina de barba
de superior qualidade

Fornecedores exclusivos MONDALCO, L.^{da}
Rua do Ouro, 165-1.º LISBOA

Tabaco

Edgeworth
READY-RUBBED



DEPOSITÁRIO: TABACARIA BRITANICA
P. Duque da Terceira, 19 — LISBOA Telef. 24752

SHEAFFER'S
"TRIUMPH,"



A CANETA DE TINTA
PERMANENTE N.º 1

Os óculos que prescrevem
o médico e a elegância



NA CASA ADRIANO SEIXAS
RUA AUGUSTA, 188 LISBOA

Dr. Daners
ANTINICOT

20
FILTROS
EXTRA



EXTRA!
DO TABACO:
70 % Nicotina
60 % Piriclina
50 % Amoníaco

A BOQUILHA EFICAZ

À venda em todas as
boas tabacarias do país

Depositário: CHACO, L.^{da} TELEFONE
Rua da Palma, 271 LISBOA 2 8 6 5 6

"VIDA E OBRAS DE ZOLA" por A. Luquet

Muito poucos países se exigirão tanto da crítica literária como em Portugal, onde o meio artístico é pobre e as criações tão frágeis que se sofriam querendo o grande mal de não poder admirar; e a exigência, por triste paradoxo, está na relação directa do desprezo com que se premeiam os críticos, depois de lhes ser arrancada a misericordiosa apreciação. Muito poucos estes que se sujeitam deliberadamente, neste país de rotundas mediocridades, aos juízos alheios; raríssimos enviam os seus livros sem o objectivo de extorquir o aplauso, a exaltação laudatória, a anunciação do génio. De modo que a função de criticar em breve se converte, quando o desassombro e a sinceridade estão à prova dos amáveis e das grosserias, em desagradável, rante e áspero embate de critérios. É impossível nesta atmosfera feia e sombria fazer da crítica literária o que ela sempre devia ser: uma arte cristalina, uma devoção de inteligência, uma lúcida e bela descoberta. Por instinto de defesa moral, acaba-se por procurar nas obras clássicas dos tempos mortos o refúgio de um ambiente impassível, ou por se exagrar a simpatia e a adesão à priori perante as criações que sabemos antecipadamente fugirem à publicidade mercadejada, dispensarem a compra do elogio por quaisquer meios e trazerem ao público com altivez ou modestia aquilo que lhe possa dar a simpatia de todo, bem ou mal construídas no plano puro dos valores literários, vem a reconhecer-se que essas obras, verdadeiramente, são as raras que correspondem a um destino exacto; as que abrem perante o olhar desinteressado e sincero alguma coisa de novo; as que palpitam de verdade e de vida depois do fogo breve da celebridade.

Nessas se demora e conforta o espírito crítico — porque lhe justificam a amargura da tarefa externa e lhe alimentam a necessidade artificial de se realizar interiormente. Realizar-se em idéias, em admiração, compreendendo e julgando.

Obra sincera; nobre e fecunda é esta biografia de Zola por A. Luquet. Não a ilustra, no conjunto, uma riqueza literária excelsa, nem a amplitude e profundidade dos julgamentos sobre a obra do mestre de Médan avultam como virtudes primaciais. Mas toda ela é percorrida pelo largo alento de uma aspiração ideal, pela adesão convicta ao que houve de melhor na vida e nas criações literárias do grande escritor naturalista.

Abre o volume por um prefácio que parece uma rajada sobre as águas mortas. A juventude que desponta para tomar nos punhos andrécidos as supremas verdades do homem e da vida, aponta o autor, com vibração corajosa o exemplo do criador de «Germinal»; e recorda, com o estrechimento das palavras próprias que rebentam da carne e da

NOITE DE ANGÚSTIA

por Castro Soromenho

alma atormentadas, as palavras mais palpantes de Zola ante o futuro. Literariamente, no estilo e na verdade que exprime em forma cadenciada de mensagem veemente, é este o melhor trecho do livro — e por ele valerá a pena tê-lo escrito.

Com razão se nota — Zola o previu — que a geração de hoje, ou menos-preza esse grande vulto do romance moderno. O naturalismo que ele entendeu e praticou está um pouco longe, decerto, das formas de romance com que hoje se depara mais frequentemente. O seu naturalismo transmite muito à superfície um humanismo estremo; o seu realismo vai muito além da fria e triste realidade da miséria, porque faz vibrar logo atrás dela a comção de quem a viu e sentiu; o seu estilo de contorno directo e forte, não esconde a verdade humana de modo que manejava essa corda do instrumento mais vibrátil e subtil criado pelo homem, que é a palavra. Não aceitou o impressionismo, que o seu amigo Cézanne consagrava, como arte de visão fugaz e passageira no instante. O seu impressionismo, anásta demoradamente através de uma alma, aberta de par em par sobre o mundo e enriquece-se com todo o conteúdo humano de quem nada recusou da vida e tudo quis realizar por ela.

Quem ler «La Terre» ou «La bête humaine» pode supor, na primeira aparência, que o fundamento da arte literária de Zola é uma visão dura e cruel da vida, um cinismo supremo de espectador sem véu. Mas depressa a impressão se desvanece, porque dessas e dessas obras e ainda mais de «Germinal» o que lhe são mais próximas, se desprende a proclamação sonora e viril de um homem que viu na miséria muito mais que um espectáculo ou um tema de fria análise. Viu nela a realidade das almas que foram tocadas pelo sópro gelado e triste da desolação, que da sua mesma animalidade tiram um protesto e uma essência humana e sobre o pavor das coisas subjectas levantam a mais alta verdade: o conhecimento do seu próprio destino e, algumas vezes, a revolta contra ele.

Por isso Zola substituiu como ninguém, pelo meio moderno do ro-

mance, a antiga epopeia. Compreende que não é preciso fugir à verdade das almas para representar fortemente o real; e que a «naturalidade» do homem está no processo difícil das suas relações com o mundo e não na singela anatomia da paisagem do seu viver.

O autor de «Vida e obras de Zola» procurou realizar isto mesmo com a grande figura literária e humana que escolheu. Não levou tão longe como seria para desejar a observação crítica que se impunha e de análises do sistema de idéias e de acontecimentos em que Zola se incorporou — aderindo ou reagindo contra eles. Pode dizer-se mesmo que o romancista aparece nesta biografia um pouco empobrecido psicologicamente. As suas ansiedades morais e as divergências irreductíveis entre o pensamento e a acção, que naturalmente sofreram por ter agido entre homens, não avultam com a riqueza e a flagrança que fazem a genialidade da vida de Zola. Além disso, a representação da época em que se debateu como estranho combatente pela verdade e pela justiça, é dada mais pelo intuíto e pelo sentimento que pelo essencial. A essa tessitura firme dos dons individuais com a realidade social, que é a forma exacta de expressão de uma vida, não chegou o pulso especulativo do biógrafo. Foi muito mais um narrador — embora inspirado pela comunidade — não insensível ao mesmo idealismo militante — do que analista profundo de uma alma. E da mesma insuficiência, no plano crítico, padecem as aplicações da obra literária de Zola que vão acompanhando o cuidadoso registo e julgamento das fases da existência.

Esta obra, porém, ensina muito a quem a ler — sobretudo sabendo adivinhar pelo coração o que a inteligência do autor não quis ou não pôde dizer. E preciso, com efeito, aderir à mesma vibração humana, pulsar com a mesma ansia de justiça, com a mesma fé no destino dos seres sofredores, para recolher o sentido generoso desta obra. Basta ler as páginas consagradas ao livro de Zola, «Travali». Para se compreender esta exigência de uma sensibilidade no plano da crítica — que não tem precisão alguma de ser

adivinhar pelo coração o que a inteligência do autor não quis ou não pôde dizer. E preciso, com efeito, aderir à mesma vibração humana, pulsar com a mesma ansia de justiça, com a mesma fé no destino dos seres sofredores, para recolher o sentido generoso desta obra. Basta ler as páginas consagradas ao livro de Zola, «Travali». Para se compreender esta exigência de uma sensibilidade no plano da crítica — que não tem precisão alguma de ser

fria e seca. A Livraria Latina Editora revelou aos leitores portugueses uma bela e sedutora criação.

Castro Soromenho não é ainda um autor de literatura colonial a quem se tenha prestado a necessária justiça. Não importa muito considerar aqui as críticas mais ou menos laudatórias suscitadas pelo aparecimento de «Noite de Angústia» em primeira edição, nem os elogios fáceis da imprensa anónima, nem a publicidade de acaso. A Editorial Inquérito apresentou a segunda edição deste romance e é necessário que se compreenda a recontra o valor de revelação que a obra contém.

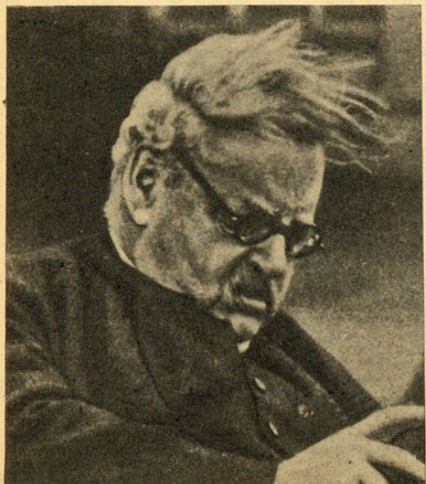
Na pintura literária de ambientes exóticos quasi sempre se resvala no colorido convencional e externo ou na habilidosa sobreposição de um europeísmo exótico aos mundos remotos e misteriosos. Qualquer «pastiche» bem dotado pode fazer o que por aí se chama um romance colonial sem nunca ter penetrado na realidade material e moral das sociedades primitivas. Não sucede assim com Castro Soromenho e é preciso que em Portugal o recetáculo para além das palavras não queira — compreendendo e sentindo o forte aroma exótico deste livro que anuncia um escritor sincero e dotado com animadoras qualidades literárias.

«Noite de Angústia» é um livro que não mente, como não menta a gloriosa «Selva» de Ferreira de Castro. Um estilo fino e claro, dúctil e insinuante como a atmosfera tépida do meio que descreve, exprime neste romance os dois únicos elementos sérios que devem definir uma literatura colonial: a paisagem estranha e remota, sem o exagero que pretenda forçar a originalidade para o europeu; e a vida social e espiritual dos primitivos que vivem como personagens as histórias simples do seu estreito destino. Ambas as coisas são dadas por Castro Soromenho com delicadeza e finura. Não vai além do possível, sem dúvida, que pouco é quando se trata de exprimir sensibilidades e espíritos essencialmente diferentes dos nossos. É mesmo estreita e pobre, em muitos casos a repercussão do Soromenho de dos singelos dramas da existência primitiva nos tipos humanos que descreve. Mas em toda a obra se encontra, além de uma forma atraente, a impressão de verdade bem observada que um romance sugere ou não com invencível força quando se lê com interesse.

Uma narrativa do viver de «selvagens» nunca poderá ir muito além do que Castro Soromenho conseguiu em «Noite de Angústia». Não é muito, mas é bastante para que se admire a arte e a fina composição do livro.

ALVARO SALEMA

CHESTERTON E O HUMORISMO BRITANICO



que melhor distingue o «humour» da ironia francesa é a grande dose de seriedade que alimenta essa risonha e tranqüilla forma de apreciação dos homens e dos acontecimentos. Há no sorriso humorístico muito mais tristeza do que chalaça — e sempre, por trás dele, uma filosofia desencantada da vida, um generoso perdão, uma descrença funda da vã-cua agitação comum.

Extraordinária representação do «humour» britânico é a obra de Chesterton, recentemente apresentada em português na tradução de alguns livros mais ou menos representativos. O livro de tradução de Chesterton para português é muito duvidoso. Difícilmente se com-

preende, em primeiro lugar, a versão para uma língua imaginativa e expressionista, voltada para a sensação do externo, dessa prosa carregada de sentido interior, muito subtil e fina. É preciso audácia ou abdicção de responsabilidade para traduzir na grossa frase portuguesa as delicadas «nuances» da ironia de Chesterton. E, em segundo lugar, o leitor português comum dificilmente apreenderá a significação dessa filosofia flutuante e ligeira, saturada de misericórdia perante as loucuras humanas e tão cingida à inteligência de uma alta civilização espiritual que o melhor se escapa nas aparências da palavra.

«O homem que era quinta-feira» é a mais perfeita e delicada caricatura que se fez até hoje das idéias de ordem social e espírito revolucionário. Em duas atitudes diferentes ou opostas da vida, que todos os homens são obrigados a viver simultaneamente e em diferentes graus, representa Chesterton o poder dos subjectivos da existência nos que a vivem com inteligência e sinceridade. A história movimentada e na aparência picaresca da perseguição de anarquistas por polícias, ter-

mina por essa estupenda féerie que representa afinal a essência da vida: a vitória da imaginação fantástica sobre as pretensões do espírito realista. E verdades idênticas se extraem dos «Paradoxos de Mr. Ponds», do «D. Quixote», da «Ortodoxia» e até da fascinante biografia de S. Tomás de Aquino, cuja tradução me parece ter sido anacuada.

Chesterton é católico e conservador no especial sentido que pode dar ao termo um homem de excepcional inteligência. É ainda um dos seus paradoxos, radicado profundamente na própria índole do seu espírito, esse facto desconcertante de ser tão didático e luminoso o catolicismo de Chesterton. Há uma impressão de alvura, ingenuidade, graça generosa, humanidade sincera, nessa biografia de S. Tomás que exprime a visão simultânea de um homem e santo da Igreja por um católico de infinita subtilidade.

Essa claridade íntima do pensamento de Chesterton dá ao seu humorismo um cunho original que é único na literatura inglesa desde Swift — mais puro e mais são, a despeito de tudo, do que o de Bernard Shaw, seu rival polémico em muitas circunstâncias.

HUMORISMO

FÁBULAS DO NOSSO TEMPO

Os meninos prodígios

NÃO sei se já repararam que as crianças hoje nascem muito mais espertas, do que antigamente. E mesmo quando não são espertas, fingem que o são...

Na verdade, em tempos passados, nunca se ouvia falar tanto em meninos-prodígios como agora. Mas, hoje em dia, rara é a criança que já não tem qualquer coisa de curioso para contar.

Penso mesmo que não virá muito tarde o dia em que nas montras das livrarias aparecerão livros com títulos neste género: «Memórias dum menino de oito anos», ou então: «Recordações dos meus primeiros seis meses», ou ainda: «Confidências dum recém-nascido».

Não sei se já ouviram falar do Nisito. O Nisito é um dos meninos-prodígios das Avenidas Novas. Vive num prédio de luxo, com duas criadas, «chaufage», elevador e tudo.

Um dia destes perguntaram ao Nisito o que é que ele queria ser no futuro. E logo o Nisito olhando o papá banqueiro que passa os dias, de automóvel e em banquetes, respondeu, muito sério:

— Quero ser como o patinho... Não fazer nada e ter muito dinheiro! É certo, dirão, não tem muita graça. Pois não, não tem... A graça é que o Nisito está ainda nas suas três primeiras risonhas primaveras... Mas a respeito de meninos-prodígios, conheço melhores e bem melhores.

Por exemplo, o Zêquinhas costuma rezar todas as noites, com muita crença. Certo dia, uma das tias, perguntou-lhe:

— Oh Zêquinhas, que pedes tu ao Nosso Senhor?

Espiritado, o garoto respondeu:

— Para que ele me proteja durante a noite.

— Sim? Então, e durante o dia?

Então, o Zêquinhas encheu o peito de ar e tomou uma atitude digna.

— Ora, durante o dia eu mesmo posso olhar por mim...

Agora, mais outra historiazinha, mas esta dum menino menos prodígio.

Certa mamã estava a mostrar o filho a uma sua visita.

— Vê?... Ele tem os olhos do pai.

E a visita, sorrindo:

— Pois é... E tem o nariz da mãe...

Depois, a mamã insistiu:

— Não acha a minha boa amiga? Tem a testa do pai...

E a visita, amável, mais uma vez:

— De facto... Mas tem a boca da mãe...

Nessa altura, o garoto interrompeu o diálogo:

— E tenho também as calças do meu irmão...

E, para terminar, esta saída do Luizinho, quando lhe disseram que ele era ainda muito pequeno, que devia andar sempre agarrado às saias da mamã.

— Eu cá «na» posso... A mãezinha usa as saias muito altas e eu «na» chego lá...

Três perguntas Idade da pedra de algibeira

PREGUNTA — O que diz a rouge para a cara?

RESPOSTA — Quando passo por ti até coras...

* * *

PREGUNTA — Como se chama aquilo que está no fim do mundo?

Resposta — Um «o»...

* * *

PREGUNTA — Qual é a semelhança entre uma careca e a lua, numa noite quente de luar?

RESPOSTA — Ambas brilham...



«Fazes favor abres a telefonia, querido. Quero ver esta gente toda a conversar.»



O viajante: Acabamos de chegar. Tenho que descer?
O condutor: Desça na próxima estação. Não tive ainda tempo de furar o seu bilhete.

(«Ric & Rac», Paris)

Butch, o gatuno filósofo



«Vá lá, peça por favor, sendo não lha dou...»

Intolerância



A moçidade, folheando o album de retratos de família: — Oh! Como eles eram ridículos!

No escritório



O empregado: Peço desculpa... Mas agora é a minha vez, senhor director...



— O minha filhinha, não podias ter dito isso antes de fazermos a pirâmide?

Graças históricas

O EPITÁFIO DE LA FONTAINE

La Fontaine escreveu para si próprio este curioso epitáfio:

«Aqui jaz La Fontaine, um homem que desprezava a riqueza e dividiu o tempo em duas partes. Na primeira dormia e na segunda não fazia nada.»

A MODESTIA DE CARLOS STUM

Carlos Stum, o famoso matemático, possuía uma modestia extraordinária, não querendo reconhecer, de maneira alguma, o valor da sua personalidade.

Assim, certa vez, numa reunião de professores, convidaram-no para demonstrar a certa altura, Fernando VII que estava fumando, ofereceu o seu cigarro, já em meio, a Rossini.

Este escusou-se, amavelmente, mas a rainha, que estava a seu lado, segredou-lhe: — E uma honra que o rei não concede a muita gente. Deve aceitar o resto do cigarro e fumá-lo. O rei ficará satisfeito!

Então, em voz mais baixa ainda, Rossini disse-lhe a razão da sua recusa: — Mas eu nunca fumel, Majestade...

UMA DEFINIÇÃO ESPIRITUOSA

A senhora de La Sablière, conhecida pela sagacidade do seu espírito, costumava dizer:

— Um idiota rico é sempre um rico. Mas um idiota pobre não passa nunca dum idiota...



A criada do faquir: Sabe? Já estou cansada de lhe fazer a cama todos os dias...

A guerra vista pelos ingleses

NA FRENTE DE BATALHA



O cosinheiro: Saiba o meu sargento que os soldados se queixaram da comida. De maneira que resolvi pedir-lhes para trazerem as mães para o acampamento...

(«The Humorists»)

UMA ENTREVISTA EM 10 MINUTOS
**COM O EMBAIXADOR
 SOUSA DANTAS**
 DECANO DA DIPLOMACIA MUNDIAL



ONDE SE FALA DE D'ANNUNZIO, DE BARTHOU E DOS FILHOS DE DAUDET. ASSISTIU À QUEDA DO IMPÉRIO RUSSO E FOI AMIGO DE CECIL SOREL

POR MANUELA DE AZEVEDO

As palmeiras e as samambalas batem de leve os leques das ramagens e o bercinho baloiaço ao vento numa cadência suave, enquanto o menino sorri ao seu destino e estende os braços a cingir o mundo. Ele sabe que o mundo vai ser a sua pátria, depois do seu Brasil e de sua terra, depois da Baía, onde não nasceu, será Paris, Roma, Moscovo, Berna... É um futuro brilhante o que se anuncia diante do bambino, neto de um Presidente do conselho imperial e sobrinho de um ministro de Estado. Ele próprio será ministro das Relações Exteriores, para mais tarde confessar amarga ou irônicamente:

— Mas, minha amiga, cheguei à conclusão de que a política se fez para os políticos!...

— Em que ano foi isso, sr. embaixador?

— Esta verdade histórica que é de todos os tempos e conhecida, aliás, por muitos homens, soube-a eu talvez, em 1917 — diz o embaixador Sousa Dantas, sacudindo negligentemente a cinza de um charuto baiano...

Ele é um homem dos seus sessenta e tantos anos. Mas ninguém lhe dará mais do que cinqüenta e poucos. Tem um ar tão jovial, sem excluir os modos palacianos, que dir-se-ia um rapaz de trinta anos. De vez em quando, porém, gosta de fingir de velho cansado. E, então, diz que não tem memória — e lembra-se de tudo — faz que não ouve, para o que leva ligeiramente a mão à orelha — mas nenhuma palavra lhe escapa das que se dizem ou calam à sua roda.

(Alguns hábitos adquiridos em cerca de cinqüenta anos de diplomacia...)

Sousa Dantas, de resto, sabe muito bem o que diz e o que faz. Tem uma inteligência lucidíssima. Sente-se que não foi dominado pelo «affaire». O homem de coração ergue-se através das sua carreira de diplomata, dominando intempéries para salvar a felicidade de um desconhecido, gastando do que é seu sem olhar ao dia de amanhã — não para manter a corte dos comprados, antes para lançar longa a semente do bem-estar aos bem-aventurados do seu amor pelo próximo...

OS PRIMEIROS CINCO MINUTOS

Quando peço esta entrevista ao sr. embaixador, ele diz logo que sim. E, voltando-se para os seus convidados do jantar íntimo que acabou, esclarece: «São só dez minutos... Dão-me licença?».

Quasi tenho motivos de desistir! Dez minutos para entrevistar o decano dos diplomatas de todo o mundo — o homem cuja vida daria um livro grande de memórias, o homem que mais teria que contar, como «boullevardeiro» e diplomata!...

Atenção, pois! Em dez minutos é preciso perguntar e ouvir — dar a volta ao mundo à mesa de uma sala de fumo do hotel. Será um belo «récord» se realmente conseguir dispor uma conversa que nem sequer estava imaginada!...

Rio, Berna, Buenos Aires, Roma, Moscovo, Paris, Gudesbergue e Lisboa!...

O sr. embaixador é um belo fumador... Acende outro charuto:

— Por ser baiano... Porque eu adoro a Baía. Minha família é toda da lá, não obstante a política da corte a ter sempre retido no Rio onde nasci e onde me formei, com pouco mais de 19 anos, em Ciências e Letras. Aos 20 era adido da legação em Berna, onde, portanto, iniciei a minha carreira na diplomacia...

Como hei-de agora explicar, sem ofender a modéstia de Sua Excelência, que ele é um caso único na diplomacia? E, no entanto, é assim: ele não foi só o mais jovem diplomata, mas o único secretário de embaixada que passou a ministro. A sua carreira é um caminho luminoso, de casos imprevistos.

— Isto aconteceu quando eu estava em Buenos Aires onde, aliás, saí para substituir o Presidente Campos Sales, como vice-Presidente. Depois é que fui chamado para ministro das Relações Exteriores. E daí dá a minha convicção de que a política é para os políticos e não para os funcionários... A Grande Guerra arrastava o Brasil para a sua fogueira. Já vê como deviam ser movimentados os meus seis meses de ministro...

— E por onde reatou o fio da sua carreira diplomática, sr. embaixador?

— Roma. Fui como ministro. Depois, quando a legação passou a embaixada, passei a embaixador, nos tempos áureos em que D'Annunzio desumbrava o mundo...

— Conheceu-o, portanto?

— Intimamente.

— E que impressão pessoal guarda dele?

— Oh! de semi-deus! Um semi-deus que desceu à Terra e passeou entre os homens em forma de poeta, romancista, dramaturgo... e «dandy»! Tome nota: D'Annunzio foi o homem que em toda a vida mais me impressionou, porque ele foi o homem mais completo do nosso século. Era uma capacidade de trabalho, de heroísmo... e displicência...

— Como?...

— Displicência. Quere ouvir? Com certeza que conhece «A Nave». Pois bem, eu estava em Roma, quando da sua estreia. Sabe lá o que foi isso, que grande acontecimento constituiu a sua estreia! Nápoles, Milão, que sei eu, a Itália inteira cafu em Roma. Pois, nessa noite, jantei num restaurante com o meu amigo, como todos os autores, em dia de estreia, naturalmente mais ou menos emocionado. O rei assistia à representação — e eu também, dos bastidores, em companhia do autor. Foi um grande, um clamoroso êxito. Parecia que a casa, de pé, vinha abaixo com os aplausos. Vítor Manuel, no seu camarote, aplaudia e D'Annunzio foi agradecer em pessoa ao seu real admirador. O rei felicitou-o e confessou: «que coisa maravilhosa, ter descoberto tão magníficos documentos sobre a fundação de Venézia». E logo D'Annunzio com o ar mais inocente: «não, não os descobri, inventei-os...»

O meu entrevistado sorri gostosamente:

— Claro que o rei, em face desta desconcertante resposta, já o não fez

nem conde nem senador do reino, a suprema distinção que o meu querido D'Annunzio acabava de deitar fora, pela porta do camarote...

— E não o viu mais, depois de Roma? Não foram companheiros em Paris, quando D'Annunzio fugiu aos oradores italianos?

— Encontrei, encontrei... Era sempre a mesma grande alma. Tinha o hábito de dar todos os dias 20 francos a um tenor de mérito que perdera a voz. E quando o secretário o preveniu de que o cantor ia gastar o dinheiro em álcool, D'Annunzio censurou-o: «Vê lá, naturalmente querias que ele, com vinte francos, fôsse comprar um automóvel!». Mas, minha amiga, se eu lhe fôsse a contar tantas notas curiosas recolhidas do meu contacto pessoal com o autor de «O triunfo da volúpia». Era tão distraído, tão etéreo... Você sabe que «A Nave» foi um motivo de discussão quase eterna. Verso a verso, a peça foi dissecada. E uma vez, que uma senhora lhe dava a interpretação de um verso cuja essência é antes que tenha existido o mundo, já existiam a dor e a noite que não tem mãe, D'Annunzio agradeceu a gênese do verso... porque ele confessou que já a esquecera...

E para terminar as suas recordações de D'Annunzio.

— Guardo religiosamente uma fotografia, onde ele escreveu: «ao embaixador das graças...» que os meus patrióticos traduziram: ao embaixador da graça...

OS OUTROS CINCO MINUTOS...

Olho o relógio. Faltam 5 minutos para terminar a entrevista e ainda agora chegámos a Paris onde o embaixador há-de ter deixado as mais caras e ricas recordações...

— E é que sim. Fui amigo de Barthou, êsse malgrado do Conselho com quem, caso raro entre estrangeiros e diplomatas, me tratava por tu. Era um grande espírito, o espírito da França, essa vítima da política e do ódio dos homens...

— Que pensa o sr. embaixador da França?

— O Sr. Dr. Sousa Dantas entristece um bocadinho... Mas, depois, diz convictamente:

— O que pensou e disse D'Annunzio: «France, oh! France, sans toi, le monde sera seul!...» Porque D'Annunzio tome nota, escrevia tão bem em francês como em italiano.

— Não estive na Rússia?

— Dois anos, como 2.º secretário, em 1900 ou 1901. Assisti

ao crepúsculo dos czares, minha amiga!... E tinha 24 anos! No 1.º do Ano, numa reunião do Corpo Diplomático, presidida pelo czar, que estava ao lado do representante do Japão, Nicolau discursou. Um discurso banal. A todos desejava um ano novo feliz. Mas, voltando-se para o encarregado japonês, acrescentou: «desejo as maiores felicidades ao Japão, quando V. Ex.ª tiver a primeira oportunidade, não se esqueça de dizer ao seu Governo que a minha paciência tem limites...». Lá fora, os tambores soavam lugubrememente, como um pronunciado de ódio entre os homens e eu assisti, com o desmoronar de um regime, a uma guerra sangüinolenta entre a Rússia e o Japão!

— O sr. embaixador há-de ter saudades de Paris...

— Vinte anos consecutivos lá fui embaixador, o que constitui um «récord»... O mundo das letras, do teatro, conheço-tão bem como o da minha terra. Privei com autores e com actores e actrizes, conheci todas as celebridades teatrais e fui amigo de muitas delas. De Cecil Sorel, por exemplo. Mas para falar de todas...

— Bem sei, não chegariam 10 minutos e Vossa Excelência há-de querer escrever o seu livro de memórias...

— Engana-se. Gostaria, mas nada faço para o conseguir!...

— Não foi amigo de Daudet? — Dos filhos, sim. Grande amigo, por sinal. Uma vez, estava ainda havia pouco tempo em Paris, fiz uma referência ao grande escritor, durante um brinde, num banquete. No dia seguinte, recebia um telegrama

(Continua na pág. 28)

Hoje, o embaixador Sousa Dantas é ainda um excelente espírito e uma lucida inteligência



APONTAMENTOS E RECORDAÇÕES

Carlos Malheiro Dias

EMBORA não conhecesse nunca pessoalmente Carlos Malheiro Dias, as nossas relações estabeleceram-se muito cedo, aí por 1898...

Estou certo que a alguém há-de vir a interessar um dia o saber-se que numa publicação coimbrã, uma destas efêmeras revistaszinhas que lá duram tanto tempo como a floração dos salgueirais do Mondego, existe um capítulo do seu romance «A Fábrica».

Dessa revista — «Hoje» — da qual fui um dos fundadores, saíram apenas três números, e conjecturo que não restem exemplares; a não ser que os tenha ainda Cândido Nazaré, o grande coleccionador.

Pois esse romance de Carlos Malheiro Dias era, segundo me informou epistolamente — um romance socialista...

O que foi feito d'êlo?

Estou convencido de que chegou a ser concluído, e que estava pronto para impressão quando a vida do seu autor teve um súbito stournant: passou, num ápice, com armas e bagagens da esquerda para a direita. «A Fábrica» estorou no incêndio devorante de ambições que levavam Malheiro Dias a caminhos — cuidava êle — de triunfo imediato no Terreiro do Paço e na Côrte.

Mas do lado de lá — o que êle sonhara! — como numa barricada...

Começando a traçar esta nota, eu não queria mais que registar um informe bibliográfico; mas já agora, chegado a êste ponto, acrescentarei algumas linhas duma carta que tenho sobre a mesa:

«Fêz Você uma grande tolice em entrar na Maçonaria. Isso só lhe serve para o prender e escravizar, e nada mais.

«Eu recusei sempre entrar nela, apesar das sedutoras promessas que me faziam.

«E isto porque quero ser absolutamente senhor meu, completamente livre.

«Nessa porcaria chamada lojas maçônicas tem a gente de obedecer quer queira, quer não queira. Livre-se, pois, disso, se puder. E o que lhe aconselho como seu verdadeiro amigo. Não quero para si o que não quis para mim.

Esta carta era dirigida a Carlos Malheiro Dias, quando êle estava escrevendo «A Fábrica»; assinava-a Alfredo, depois Conde de Paço-Vieira, que, quando Ministro das Obras Públicas, o fêz seu secretário. Pobre Malheiro Dias!

LOPES DE OLIVEIRA



MARIA LÚCIA



Maria Lúcia — Maria Lúcia Silva Rosa — directora de «Os Nossos Filhos» e escritora de sensibilidade apurada, publicou agora um livro que, se não se recomenda como obra de ficção, se impõe como trabalho útil, escrito com elegância e bons ensinamentos. Trata-se de «A mulher dona de casa» — um interessante volume, bem ilustrado, e que todas as senhoras vão com certeza apreciar devidamente. Maria Lúcia, de resto, merece-o tanto — pelo menos tanto como o seu simpático trabalho...

ANTONIO BOTTO



António Botto, um dos nossos maiores poetas da actualidade, publicou a 4.ª edição das suas «Canções». A crítica dêste livro está feita — uma crítica consagratória, como a matéria de que está cheio requeira, porque António Botto, mais do que em nenhuma outra sua obra, vive aqui na plenitude da sua sensibilidade e emoção. O público, que sabe ler, encontrará nas «Canções de António Botto» a melhor maneira de realizar uma fuga para um mundo melhor, em que tudo é harmonioso e bom.

DR. SARAIVA LIMA



Homem do fóro, homem de letras — e homem de toiros, eis o que se pode dizer depois de fechar a última página do livro «Da Barreira...», verdadeiro compêndio de ensinamentos da arte tauromáquica que o Dr. Saraiva Lima escreveu e Domingos Saraiva magnificamente ilustrou. O público amigo de toiros e toiradas, do mesmo modo que a crítica da especialidade, saudaram carinhosamente o autor de «Da Barreira» — um livro que, com certeza, vai ser guia de muito boa gente...

Raymond Warnier, antigo director do Instituto Francês em Portugal, que com a queda da França, em 1940, se desligou da política de Vichy, seguiu para o Brasil, onde vai em missão designada pela Comissão Nacional Francesa de Libertação. No Avenida Palace, os seus muitos amigos reuniram-se durante um «cocktail». Na foto, além de Raymond Warnier, vêem-se os srs. Marcel Dany e Le Roulet.

FALA-SE ESTA SEMANA

Cultura e alegria para todos

JA não é a primeira vez que aqui defendemos a divulgação de uma cultura ao alcance de todas as bolsas. No geral, escreve-se, faz-se teatro, rádio, cinema para as classes populares — não no sentido de elevar o seu nível de cultura, mas alongando-lhe certas tendências, no que há de menos edificante e menos elegante no seu nível mental. Quere dizer: não se encontrou, na maioria dos casos, aquela média virtuosa que torna acessível a factura da obra, elevando a mentalidade do povo, fazendo-o subir até às classes mais nobres, pela cultura do intellecto. E, assim, o caldeamento social e mental está a fazer-se, no que respeita a instrumentos de captação de ensinamento, não de cima para baixo, mas de baixo para cima. Em regra, as tendências grosselras do povo é que ditam, às correntes intellectuais, isto e aquilo que é de seu gosto, para rendosa industrialização. Acontece isto mesmo com o teatro, com o cinema, com os romances, com os programas da rádio — e sabe-se lá até onde iria a confusão!

Isto, naturalmente, no que diz respeito ao nosso meio de produção. Porque, lá fora, não há dúvida, as classes de elite souberam há muito desvendar o segredo dessa aproximação, dando-nos espectáculos de valores sem o protesto e o grosseiro que o público medíocre acabou de compreender ser necessário abolir do seu manual de relações com o mundo. O povo ri, o povo diverte-se com aquilo que lhe servem, mesmo que na mais inocente frivolidade lhe fiquem algumas coisas de utilidade à cultivação do seu espírito. E nada mais edificante nem mais útil a essa cultivação do que o teatro e o cinema — o cinema, principalmente, que tem amplos horizontes e múltiplas funções. O povo, o homem e a mulher que trabalham, precisam de se divertir, de se distrair, frequentar espectáculos de alto nível moral e regular nível intellectual. Mas, precisamente, uma das razões que levam a nem todos poderem ir ao teatro e ao cinema, é a exorbitância dos preços dos bilhetes, principalmente nos dias em que certas camadas snobs decretaram ser elegantes. Referimo-nos, como é fácil de compreender, aos sábados e aos domingos, dias em que geralmente são aumentados os preços e diminuídas as possibilidades das classes trabalhadoras frequentarem espectáculos. Ora, salvo melhor opinião — a questão está vista ao contrário...

Aquêle que trabalha a semana inteira na fábrica ou no escritório até às tantas da tarde, e tem a obrigação de estar cedo no emprego, não se arrisca facilmente a perder a noite num espectáculo e não pode, claro, frequentar «matinéas». So-nha, naturalmente, com a tarde de domingo ou a noite de sábado, para uma fugazita ao cotidiano, ao «materialismo e preocupações pragmatistas». Mas, precisamente, aqueles que mais ganham e em geral menos trabalham — decretaram que esses dias lhes pertenciam. E, então, as empresas, vá de aproveitar o decreto para aumentar os preços — no que não podemos censurar-lhes. Simplesmente, olhou-se a tudo menos às conveniências do público miúdo que vê destruído o seu sonho de uma semana, ao olhar para a tabela aumentada de uns tantos por cento...

Não seria, pois, possível remediar tamanhos inconvenientes? Está certo que quem pode pagar — pague. Mas não está certo que os fracos tenham de fazer das fraquezas forças, pagando o que não podem ou privando-se de uma classe de espectáculos tão úteis ao seu optimismo, como compensação de uma semana de trabalho.

Porque não se diminuem, pois, os preços nos espectáculos de sábado e domingo? As empresas haviam de ver como os «snobs» decretavam logo outro dia para a sua elegância...

Mimi,

estreia-se hoje no R. C. P.



POIS é verdade. A Mimi, a célebre Mimi das emissões infantis do «Senhor Doutor», — já lá vão dez anos e ainda parece que foi ontem!... — afastada há dois anos do microfone, pelas exigências da sua vida de estudante, volta a tomar contacto com o seu público, que era todo aquêle que escutava as populares emissões! A notícia não é positivamente inédita. O que se não sabia ainda era a estação onde reaparecia, ou mais propriamente, Mimi reservara para a «Vida Mundial Ilustrada», essa revelação.

Esta Mimi desde os 8 anos que vinculou a sua personalidade. Não se parecia com ninguém. Era ela própria; era a Mimi. Só muito tarde, pelas indições da Imprensa se soube o seu nome: Maria Manuela Estremadouro. Mas continuou sempre a ser a Mimi.

Sorriso aberto, mulher-criança, uma satisfação intraduzível lhe ia na alma, quando nos declarou:

— E no Rádio Clube Português, meu querido amigo, que reapareço.

Lá estarei hoje, a recordar bons momentos, a reatar um sonho que tantos anos me embalou. Sabe? Agora, reparando no tempo que passou e em que actual ao microfone, parece-me ter vivido um sonho!... Afinal, foi uma realidade prolongada... Voltar ao meu Rádio Clube, encantamente. Não esqueço que lá me tornei conhecida, não só por obra e graça da minha possível habilidade, como também pela amizade do Cosme, um director de emissões, que não sabe mandar, porque sabe como há-de pedir...

— Vai interpretar números novos, escritos expressamente para si?

— Claro. Mas não lhe digo mais nada. Gosto deles. Um... O melhor é ouvir logo...

A Mimi muda de súbito, de expressão e de tom:

— Não sei porquê, estou nervosa... Talvez destreinada de ver o microfone à minha frente... Aperta-se-me a garganta... Mas se me vir muito afilada, tomo flor de laranja... O microfone com certeza que me reconhecerá.

— Torna a colaborar nas peças?

— Suponho que sim... O Cosme é que poderá dizer...

— E quanto a cinema? Consta-nos que desejaria «fazer coisas»...

— Oh! Isso é outro sonho... Gostava de facto, de conseguir ser alguém... Veremos... O que é preciso é persistência... Por ora, porticipo num filme sem grandes pretensões...

Mimi é uma optimista. O sorriso de confiança não a abandona. E acompanha-nos até à porta. Projectos radiofónicos há muitos. Cinematográficos, também. No momento, porém, todas as atenções se concentram no Rádio Clube Português, onde, logo à noite, nas emissões dirigidas pelo popular e impagável José de Oliveira Cosme — o sr. Cosme que contraccena com o sr. Zacarias... — voltaremos a ouvir a ladina e expressiva Mimi!...

NOTAS RÁPIDAS



Lino António, pintor da moderna geração, cujos quadros têm sabor elegiaco e simbólico, expôs no Salão de São Pedro de Alcântara, uma colorida e valiosa colecção de novos trabalhos e que são mais uma definição do seu autor e da época em que vive.



O capitão Tait, do exército britânico, que combateu em França ao lado dos portugueses, durante a outra guerra, tomou parte nas comemorações com que o Pôrto assinalou a passagem do 9 de Abril, indo os combatentes depôr flores junto do monumento aos companheiros mortos.

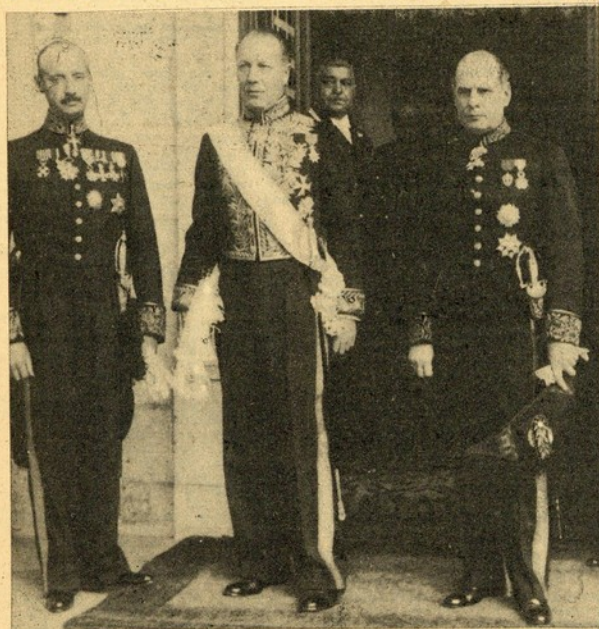


No centro desta foto, vê-se o dr. Angel Jorge Echeverria, ladeado pelos srs. drs. Alves Pereira e Oscar Moreno, quando aquêle illustre cientista esteve no Pôrto, onde realizou duas conferências. O dr. Echeverria é director da Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela e director do Instituto de Anatomia da mesma cidade.



Lady Campbell inaugurou, há dias, no Instituto Britânico, uma interessante colecção de trabalhos da pintora inglesa «Miss» Margarette James. Ao lado da sr. embaixatriz e da artista vê-se a sr. George West, esposa do director do Instituto Britânico.

NOVOS MINISTROS



Com o cerimonial do protocolo, o sr. ministro da Suécia, Gustaf Weidel, esteve na Presidência da República a apresentar as suas credenciais, pois a partir de agora, ficará a representar o seu governo em Portugal. No mesmo dia, o sr. Avilex Ramirez esteve também a apresentar credenciais junto do governo português, como representante da Nicarágua entre nós. A foto que damos, mostra o sr. ministro da Suécia, à saída do Palácio de Belém, acompanhado do sr. dr. João de Mendonça.

TEATRO

UMA IDEIA EM MARCHA TEATRO PARA SOLDADOS—

não deve servir apenas como diversão e, sim, principalmente, como alimento espiritual—afirma Ivo Cruz



A pequena sala está chela de livros e de quadros amontoados por toda a parte. O Conservatório anda em obras—não se pode negar. Obras que prometem dar alma nova ao velho edificio.

Sabemos que para o Dr. Ivo Cruz o tempo é sempre pouco. Temperamento artístico por excelência, ele não pára um minuto. Por isso mesmo—prometemos roubar-lhe apenas uns cinco minutos.

Mas esta entrevista tornava-se absolutamente necessária, na série de depoimentos que queremos reunir sobre a carinhosa sugestão que lançámos: «Teatro para soldados».

O Dr. Ivo Cruz, director do Conservatório e maestro dos mais distintos, acolhe-nos com afabilidade e começa por dizer:

—Sim, senhor, concordo absolutamente com a idéa de serem organizados espectáculos para os soldados. Simplesmente, tomando como exemplo os ensinamentos fornecidos pelos exércitos em campanha—esses espectáculos não devem servir apenas como meio de diversão e, sim, principalmente como alimento espiritual. Assim, esses espectáculos podem comportar agrupamentos musicais de ópera, orquestras sinfónicas, de câmara e solistas, assim como o teatro nas suas várias modalidades.

A conversa recái sobre as horas trágicas que o mundo atravessa. Mas logo o Dr. Ivo Cruz nos pede licença para desviar a atenção e atender o professor João Dias.

Entretanto, o repórter aproveita a oportunidade para deitar à sala uns olhares bisbilhoteiros. Mesmo na sua frente, em cima duma cadeira, vê um grande quadro. No quadro umas letras bem nítidas: Josephus Antonius Carlos & Seyzas. O repórter olha melhor. O músico está a acabar de escrever a palavra sonata num rôlo de papel de música. O repórter tenta imaginar imediatamente um romance, mas a voz do Dr. Ivo Cruz chama-o de novo à realidade...

E a entrevista continua... Nós perguntamos a certa altura:

—Na vossa opinião a quem compete a realização de tal iniciativa: a particulares, a empresários ou ao próprio Estado?

A resposta do Dr. Ivo Cruz é pronta e sem hesitação alguma:

—Ao Estado. Trata-se de serviços ligados a um interesse público e só o Estado deve decidir da modalidade que mais convém, sem ter que se prender com cálculos comerciais... Depois, procuramos saber qual a maneira mais lógica e mais prática de realizar a iniciativa de Teatro para Soldados. Mas o Dr. Ivo Cruz é sincero. Não tem uma idéa definida sobre isso nem quer responder improvisadamente.

Lançamos então uma nova pergunta:

—Foderá o Conservatório colaborar nesta iniciativa?

Uma pausa. Um olhar para o relógio. Um leve enrugar de sobrancelhas. E, por fim, a resposta:

—Espectáculos dessa natureza

não são da competência do Conservatório. A sua interpretação deve pertencer a conjuntos devidamente organizados.

E, quasi a seguir, sem dar tempo a qualquer outra interrogação, o Dr. Ivo Cruz acentua:

—Convém frizar que se supõe erradamente que espectáculos para as grandes massas têm de se revelar dum baixo nível estético. Enganam-se todos os que assim pensam. Eu posso afirmar, por experiência, que as massas, mesmo com a falha dum gráu de cultura conveniente, possuem o instinto do que é elevado e belo!

—Portanto a melhor índole de teatro para soldados...

A voz dele é quente e fervorosa, ao completar a nossa frase.

—Consiste em teatro sério e música séria, em espectáculos mistos ou individuais, conforme as circunstâncias.

Estamos já de pé. Inexoravelmente, os cinco minutos passaram. E o Dr. Ivo Cruz tem pressa, muita pressa. Fazemos a última pergunta: —Acha que deveria ser aberto algum Concurso para escolha de repertório?

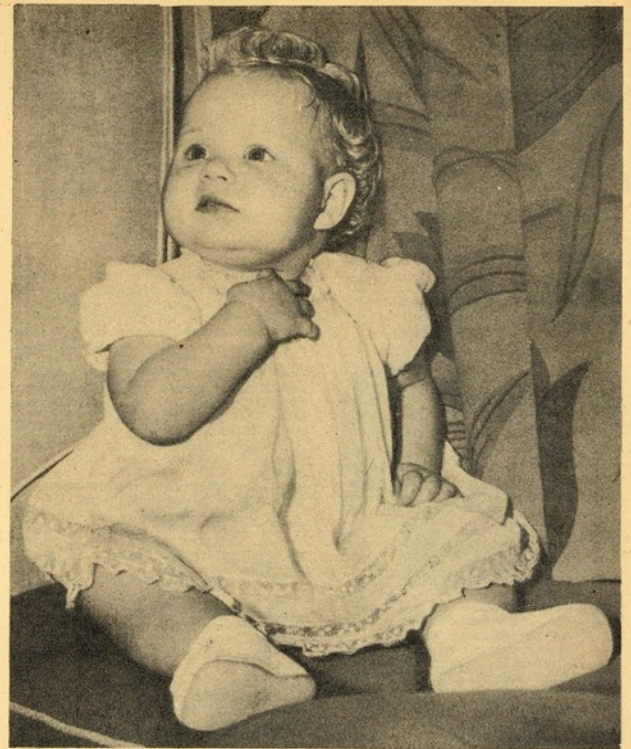
Um gesto enérgico:

—Não! Concursos não servem para coisa alguma nem remediavam necessidades. É preferível seleccionar entre o que já se encontra feito ou então incumbir alguém de absoluta competência de preparar um repertório adequado.

E nem mais uma palavra. Despedimo-nos. O Dr. Ivo Cruz correu para o Coliseu, para um ensaio da Orquestra.

O repórter correu para a redacção. No fundo, também estava com pressa...

E. M.



A mais pequena vedeta do teatro americano

CHAMASE Moma Harris, tem este tamanho todo que a nossa foto mostra e é, hoje, uma das mais populares estrelas do teatro americano. Aláds, é também a mais pequena de todas elas.

Seus pais esperam que se torne uma grande artista — e, entretanto, vão embolsando o bom dinheiro que Moma Harris ganha. Por seu lado — o Cinema já a descobriu e contratou. Nesta tão tenra idade — achamos que não se pode desejar mais, tão bem e tão depressa...

Vamos ouvir

SÍLVIA LASTRA,

uma cantora de nome internacional!



SÍLVIA Lastra é uma jóvem e elegantíssima cantora que o público conhece e aprecia. A sua arte é nobre e a sua voz é rica de volume, extensão e doçura. E é a esposa do representante consular de uma república sul-americana — senhora respeitabilíssima que já deu o seu concurso em concertos portugueses. Quando começou a guerra, Sílvia Lastra veio para Portugal. Tinha, então, muitos projectos que a imprensa divulgou. E um d'elles, precisamente, era cantar em São Carlos, como primeira figura de Ópera italiana. Afinal, essa companhia, por causa da guerra, não chegou a vir — e o público de Lisboa não pôde ouvi-la integrada num grande elenco.

Quando perguntámos a Sílvia Lastra porque ficou em Portugal, ella diz com simplicidade:

— Porque mi gusta! Gosto de Portugal e meu marido também.

— Conhece os grandes centros de canto europeus?

— Sim. Cantei em quasi todos. Estreei-me em Habana, cantei no «Metropolitan» em Nova York, em

Chicago, em Miami, Filadélfia... E cantei depois em todas as grandes cidades de Itália e da Suíça. Em Espanha, trabalhei duas épocas seguidas...

— E os artistas com quem trabalhous?

— Bem vê... com os melhores do mundo: Lauri Volpi, agora entre nós, e Tito Schipa, Gigli e Francesco Merli, Giuseppe Lugo e Maria Philipeschi, Carlo Tagliabue e Afro Poli, Gino Bechi, Andrea Mongelli, Tancredi Pasero... que sei eu! Tantos, tantos...

Na voz de Sílvia Lastra, voz suave e quasi juvenil — não é ella uma joveníssima artista? — há como que uma saúde... Saúde da luz da ribalta, do público, do contacto directo do espectáculo que é o melhor elemento de progresso artístico. Ella conheceu noites de grande triumpho, por toda a parte onde andou, como uma embaixatriz de arte e de beleza, quando a batata de Serafini, Narinuzzi, Polzinetti, Berethoni, Amovazzi e de Piestro Masegni, balfava no espaço e lhe segurava os passos, como um «ciceroni» amável: «piu... piu... mais «piano»...

— Em Portugal, com quais maestros cantou?

— Com o grande Pedro de Freitas Branco e Rui Coelho, outro grande maestro português!

— E que operas cantou nessas longas peregrinações?

— Sei lá... Olhe: «Traviata», «Turandote», «Bohème», «Mefistófeles», «Faustos», «Amigo Fritz», «Las Golondrias», «Zázá», «Manon», «El Campiello», «Don Pasucelo»...

Não queremos perguntar a Sílvia Lastra qual é a ópera que mais gosta de cantar. Admittimos que ella canta todas com o mesmo gosto. Porém, que sabe... Talvez a «Manon» ou «Mimi» lhe agrade mais!

Sílvia Lastra diz que sim e nós perguntamos-lhe quais são os seus projectos:

— Fui convidada pela Sociedade de Música de Câmara, para tomar parte num concerto que vai realizar-se em Lisboa, no dia 10 de Maio...

— E depois?

— Antes da guerra acabar, quem pode fazer projectos?

— Guarda boas recordações das suas viagens por Itália?

— Se guardo!...

E, com gracioso acento de espanhol de sul-americana:

— E até não me esqueço de que, em Parma, cidade que se orgulha de possuir um dos teatros que mais respeito impõe aos cantores, senti não só os cumprimentos do público elegante, mas do povo. Ali, todos entendem de música e de canto, todos conhecem as partituras de óperas. Pois, a primeira vez que ali fui, quis gratificar os homens que me levaram as malas ao hotel. E sabe o que me responderam? «Não aceitamos dinheiro de cantores!».

— E não aceitaram?

— Não... mas acrescentaram: «Se cantar mal, nem por dinheiro lhe levamos as malas à estação!».

— E não levaram?

— Levaram... e de graça! A contratada para duas noites com a «Traviata» e cantei mais duas.

— Bom, essa é uma recordação do público. E dos seus colegas?

— Ah! Desses, tenho muitas... mas nenhuma é tão boa como a de um tenor célebre, destes que não admittem rivais, que me tapou a boca com um almofada, na cena da morte de «Mimi»... la morrendo... não tuberculosa... mas asfixiada!

— Quem foi o tenor?

— Ah! Esse não digo! Nem esse nem o de um outro que, para me dominar a voz, me pisou um pé até quasi não esmagar!...

Más insistimos... Mas é feio teimar com uma senhora... Por isso ficou incompleta esta entrevista.

Não temos "cantores" a mais?...

HOJE, não há ninguém que não cante. Basta abrir o nosso aparelho de rádio, para escutar, em todos os postos, a voz prendada de um menino ou de uma menina que por dá cá aquela palha desata a cantar com ar convencido de cantor de nomeada.

A maior parte das vezes, porém, não vão além de fífias mais ou menos sonoras — mas fífias, apesar de tudo.

Porque razão todas as meninas e todos os meninos hão-de cantar ao microfone? Já não lhes chegam os serões familiares, as festazinhas íntimas, onde podem, pacata e livremente, dar largas à sua garganta de ouro que, afinal, é lata velha e muito enferrujada?

Há uma coisa — e bem grave — que esses meninos e essas meninas esquecem: os postos emissores são ouvidos por muita e muita gente que tem mais que fazer do que deixar-se ficar a ouvir a voz prendada de uma menina prendada. Ou julgam que um pósto emissor é coisa igual à festazinha de família, onde se podem dar ao luzo — que não fica mal — de mostrar as suas habilidadezinhas?

É certo que não fazemos mal de ninguém em especial. Mas é pena, e conflagra, ouvir uma boa voz, de um bom cantor ou cantora, — porque as há, felizmente, — perdida num programa onde toda a gente canta, primos, primas, a tia, a avó ainda bem conservada, a criada da província, já não falando na Lili, na Zizi, no Zézé e no Lólo, crianças prodígios, que vão dos 4 aos 60 anos, ou mais.

O pior, porém, é que a epidemia alastra e em proporções cada vez maiores. De quem é a culpa: dos radiófilos, das estações, ou dos aspirantes a cantores? Seja de quem for, temos de reconhecer que o nosso amorosismo, levado ao exagero, só serve para prejudicar as verdadeiras revelações, os cantores verdadeiros que são apagados por entre a onda asfixiante de meninos e meninas, bem intencionados, mas que, para prestígio da própria Rádio, deviam ficar muito sossegadinhos em casa, a ouvir as emissões dos outros — daqueles que sabem e podem cantar.

Não seria melhor assim? Já Rossini, o grande maestro italiano, costumava dividir estes meninos e estas meninas de voz de ouro, em três categorias:

- 1.º — Os que têm voz mas não sabem cantar.
- 2.º — Os que sabem cantar mas não têm voz.
- 3.º — Os que não sabem cantar nem têm voz.

Meditem nisto os nossos pseudo-cantores — e a Rádio portuguesa terá avançado um passo, um grande passo.

REPORTER UM



Os valiosos prémios deste Concurso em exposição na montra da casa Sasseti, na Rua do Carmo

O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO

Publica-se hoje o cupão da 10.ª e última etape

Luís Piçarra, Maria Sidónio, Maria da Graça e Maria Gabriela conservam as suas posições

O cupão que hoje se publica é o da décima etape — o último, portanto, desta luta intensa para a conquista do título da vedeta portuguesa mais popular da rádio.

A classificação da 8.ª etape foi a seguinte, no que se refere aos dez primeiros classificados:

1.º — Luís Piçarra	492 votos
2.º — Maria Sidónio	311 »
3.º — Maria da Graça	126 »
4.º — Fernando de Oliveira	72 »
5.º — Maria Gabriela	60 »
6.º — Graciete de Melo e Curado Ribeiro	26 »
7.º — Eteylina Maria	21 »
8.º — Mário Duque	20 »
9.º — Milly	16 »

Luís Piçarra continua a classificar-se brilhantemente. Maria Gabriela, afastou-se um pouco mais. Mas Maria Sidónio e Maria da Graça, uma com 311 votos, a outra com 126, pode dizer-se que não ficaram mal classificadas nesta etape. Fernando de Oliveira, a revelação deste concurso, voltou a cotar-se muito bem.

Vejam, agora, a classificação geral:

1.º — Luís Piçarra	2.667 votos
2.º — Maria Sidónio	2.092 »
3.º — Maria da Graça	1.585 »
4.º — Maria Gabriela	1.039 »
5.º — Graciete de Melo	542 »
6.º — Curado Ribeiro	444 »
7.º — Fernando de Oliveira	309 »

A diferença entre os quatro primeiros classificados continua a ser sensivelmente a mesma. É de esperar que os seus milhares de admiradores, nesta etape — por ser a última — deem todo o seu esforço de forma a que os seus favoritos ganhem, justamente, a posição que lhes é devida.

De uma leitora, Luzia Maria, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Admiradores da Maria da Graça:

Há dias, num teatro, ouvi o seguinte diálogo entre dois cavalheiros que liam a «Vida Mundial Ilustrada» e comentavam o concurso da rádio: — Já viste? Os admiradores da Maria da Graça ou estão muito «fraquinhos» das algebras, ou são muito inconstantes.

— Melhor, porque a nossa «X» (citaram o nome duma artista) vai muito bem classificada, e talvez ganhe.

Como estão vendo, esta conversa não nos favorece absolutamente nada. Vamos provar aqueles dois cavalheiros e a muitas outras pessoas que não somos tão volúveis como pensam, que quando queremos levamos a nossa artista preferida ao êxito?

Votando na Maria da Graça, prestar-lhe-emos uma muito modesta mas sincera homenagem, que encerra os nossos agradecimentos pelo seu trabalho, pelo seu talento, pela sua simpatia!

Admiradores da Maria da Graça:

Escrevo confiada na vossa boa-vontade. Vamos votar?

E, que o meu apêlo abraça todos os admiradores da artista:

Votos para a Maria da Graça, para a simpática e popular Rainha da rádio!

LUZIA MARIA

CONCURSO DE RÁDIO «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

10.ª etape

Voto em

Pôsto em que trabalha

Nome

Morada



Maria Hortense

uma nova vedeta da rádio, estreou-se na Emissora!

As Caldas da Rainha, onde Maria Hortense estuda canto, e São Martinho do Porto, sua terra natal, viveram, na noite de 21, horas de intensa expectativa. Tratava-se de um acontecimento regionalista: a concha azul do oceano dera ao nosso firmamento mais uma estrela da Rádio que ia estrearse na Emissora. Toda a gente rejubilava, pondo os rádios à janela bem abertos — e ninguém deixou de sentir orgulho quando Maria Hortense acabou de cantar aquela linda «mazurka» polaca, numa voz quente, envolvente — e convincente: Maria Hortense tem uma voz invulgar e há-de ir longe! Por isso a quisemos ouvir. Assim que acabou de cantar, puxamos-lhe pela manga do casaco e pedimos-lhe duas parvinhas.

— Então, Maria Hortense, está satisfeita?

Maria Hortense, uma morena de grandes e negros olhos calmos, muito bonitos e líquidos, tem um sorriso quente:

— Muito contente! Devo tudo à minha professora, uma artista notável, de nacionalidade polaca que está a repousar no nosso país!...

— Foi ela, então, que a descobriu?

— Foi. E é ela que está a educar-me a voz, vai para onze meses. Aconselhou-me a tentar a Rádio, porque preciso de ganhar dinheiro para acabar de me educar, e foi ela que me fez inscrever no concurso de artistas ligeiros, aberto pela Emissora e a realizar em Junho.

— Quando volta a actuar?

— Não se ainda em que regime trabalho. Mas o sr. Nóbrega e Sousa, que tem sido de uma grande gentileza para mim, do mesmo modo que o maestro René Bohet, disse-me que voltaria a cantar em Maio. Por cada audição, ganho cem escudos, que é o dinheiro das passagens do meu deslocamento a Lisboa com minha mãe. Mas eu espero melhores dias, creta!

— Ficou contente com a sua actualção?

PORTUGAL-BRASIL

O sr. embaixador do Brasil e três jornalistas portugueses num programa comemorativo da Descoberta do Brasil

GUEDES de Dion, um dinâmico das coisas de rádio, como agora se diz, mantém no Clube Radiofónico de Portugal, um programa de aproximação luso-brasileiro que é uma bela iniciativa, tanto pelas características que o seu organizador lhe imprime, como pelos nomes que nos programas têm figurado. Assim, além de entrevistas com Adolfo Casais Monteiro, José Osório de Oliveira, Armando de Aguiar, Amália de Proença Norte e José Loureiro Botas, outros nomes passaram pelo microfone do Clube Radiofónico, que foram ali fazer pequenas palestras ou que foram citados pelos seus trabalhos de luso-brasileirismo.

No próximo dia 7 de Maio, em comemoração da Descoberta do Brasil, o programa incluirá uma «Alocação ao povo de Lisboa, inspirada na data do dia 3 de Maio», pelo ilustre embaixador do Brasil, sr. Dr. Neves da Fontoura, que expressamente escreveu este apontamento para o documentário sonoro: «Duas palavras com o escritor João de Barros», que falará do panorama literário contemporâneo; «Três minutos ao microfone com a jornalista Manuela de Azevedo, redactora-chefe da nossa revista, e que falará de arte brasileira; «Luz Forjaz Trigueiros fala a «Portugal-Brasil» — e, finalmente, algumas reportagens de actualidade, comentários e notícias sobre arte e literatura, declamação de poesias portuguesas e brasileiras, etc.

Este programa, a todos os títulos excepcional, 9.º da série dirigida por Guedes de Dion e comentado musicalmente por Artur Agostinho, será transmitido às 18 horas.

— Assim, assim... Estava muito nervosa. Depois, eu só devia cantar no sábado, de modo que até nem pude apresentar um outro número de canto que era de efeito mais seguro... Depois, sabe, há uma grande dificuldade em arranjar músicas. Tudo o que vem para Portugal foi já cedido a outros artistas de Rádio. De modo que tive de escrever para o estrangeiro, a pedir músicas para que organize o meu repertório...

E, sorrindo:

— Preciso de trabalhar, tentar o cinema, preparar-me para a ópera e corresponder ao interesse dos meus conterrâneos... Eles queriam vir todos a Lisboa, para me ver na Emissora. Mas essa alteração de datas complicou tudo...

Chega gente, família e amigos que a cumprimentam. Ela hoje vive uma grande noite. É melhor não a perturbar...

TOIROS

COMENTÁRIO

RIVALIDADES

A rivalidade é a base do entusiasmo pela festa brava — o seu fogo sagrado. Todos os períodos áureos da tauromaquia derivaram de rivalidades de certo tão necessárias que os aficionados as arranjaram, ainda mesmo quando não têm razão de existir. Está neste caso a que pôs frente a frente «Guerrita» e «Espantero» numa competição que custaria a Manuel Garcia as mais amargas horas da sua vida. É claro que dela não resultaram vantagens por aí além, pois «Guerrita», finíssimo e sabedor, não teve, realmente, um competidor sério. Outro tanto, porém, se não pode dizer dos duelos artísticos entre as «padeiras» «Machaquito-Bombita» e «Joselito-Belmonte» que forneceram à história do toureio as mais célebres páginas.

Embora, em Portugal, a rivalidade não constitua motivo fundamental de entusiasmo popular, a ela se devem também os períodos de maior animação. A competição entre os nossos cavaleiros e Cañero e os encontros Simão-Lopes-Núncio de há anos, corresponderam a épocas de vivo interesse, como no passado ano o embate Espanha-México, através dos programas em que figurou Gregório Garcia alternando com «Morenito de Talavera» «Angelete», «El Choni» e «Dominguim» — sobretudo com este último.

Surge agora uma competição curiosa com que muito pode lucrar a «afición», entre a Sociedade Campo Pequeno e a Empresa Sol e Sombra, numa rivalidade interessante que principia a esboçar-se com os melhores pronúncios. Dela podem resultar grandes tardes de toiros e isso depende em absoluto do público. Animar as duas empresas, amparando ambas, é dever de todo o bom aficionado.



Simão da Veiga e Alberto Lopes fazendo as cortezias

Uma boa tarde de toiros em Algés

O resultado artístico da corrida de domingo em Algés, bem como o interesse do público — que se consideramos o número de espectáculos populares que à mesma hora se estavam realizando a correr em número muito apreciável — pode animar a empresa «Sol e Sombra» a prosseguir nas organizações, pois deve ter ficado com a prova de que não ficarão sem recompensa os esforços que fizer no sentido de oferecer «afición» cartazes sérios como o do dia 23, sobretudo se tiverem a emoldurá-los o lindo sol que inundou de luz o redondel, muito contribuindo para o brilhantismo das «faenas». O cartaz, já se disse, era sério e tinha interesse. Apresentavam-se pela primeira vez, toureando juntos, os cavaleiros Simão da Veiga e Alberto Lopes num encontro da maior expectativa a um «mano-a-mano» «Cagancho»-«Gitanillo de Triana» que sendo uma incógnita, pelas características especiais destes toureiros, podia muito bem dar, como deu, o melhor resultado.

Simão da Veiga lidou primorosamente o primeiro toiro, um adversário que apresentava dificuldades, o que mais valorizou o triunfo do admirável cavaleiro.

Quere na preparação, a que Simão consegue imprimir um cunho pessoal e de inconfundível beleza, quer na consumação das sortes, a lide foi sempre perfeita, tendo digno remate num soberbo «curto» que o público soube premiar com fartos aplausos e volta ao redondel.

No segundo que lidou, Simão não foi tão feliz, sobretudo a bandarilhar a duas mãos. O toiro, tardio nas arrancadas, não se prestava à modalidade pelo que não consentiu mais que dois melos pares.

Alberto Lopes, que no primeiro pareceu um pouco precipitado, não imprimindo o lide grande luzimento, no 6.º toiro esteve admirável de decisão e valentia, toureando de caras muito bem e terminando com um colossal par a duas mãos que lhe valeu uma ovação calorosíssima com volta, flores e chapéus, de que compartilhou Simão da Veiga, pelo gesto simpatiquíssimo de Alberto, indo buscá-lo à barreira. Dos mais novos cavaleiros, Alberto Lopes está a afirmar-se cada vez com mais segurança, alargando assim o número de «azes» do baralho taurino nacional.

Os «espadas» apresentaram-se com uma vontade de agradar que surpreendeu — «Gitanillo» desde o primeiro lance, e «Cagancho» quando após o triunfo do colega se resolveu a mostrar que dentro de si também estava um toureiro. Realmente, à parte umas «chicuelas» plenas de sabor toureiro e uma formidável «meia-verónica», Joaquim Rodriguez pouco mais fez de bom ao seu primeiro, que toureou de mula com certa cautela, numa «faena» desligada a que nem sequer faltou a característica «espanta». No sétimo, porém, o público com uma «faena» linda, valente, cheia de improvisos, salpicada daquela graça que só os toureiros ciganos sabem imprimir ao que fazem. A ovação foi enorme com volta à praça e saída aos «meílos».

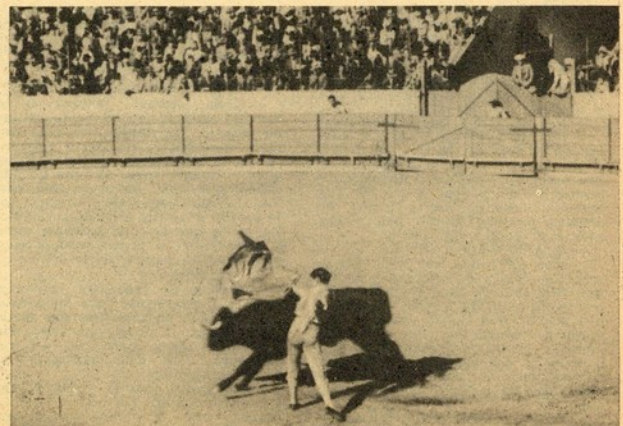
«Gitanillo» agradou em tudo quanto fez. Lanceou à «verónica» com impressionante verdade e elegância, e mostrou-se toureiro finíssimo com a mula em qualquer das «faenas» que executou — e foram três, pois safu ao 6.º, de Alberto Lopes, compartilhando justamente da maior ovação da tarde. Nesse toiro, «Gitanillo», que já no seu primeiro entusiasmara com alguns passes estupendos, fez uma «faena» admirável, variada e ligada que principiou com um passe ajudado por alto absolutamente estatutário, para prosseguir por «naturais», de «pelto», «molletes», tudo de execução impecável. «Faena» inteira, completa, como poucas vezes temos a felicidade de ver em praças portuguesas.

Bandarilhando os toiros dos «espadas» distinguiu-se Joaquim de Oliveira, e na «brega», alás diminuta, Augusto Gomes, António Correia, Saraiva e Agostinho Coelho.

Houve ainda duas boas pegas de cara e uma à volta, muito justamente aplaudidas.

Os toiros, sem grande apresentação, cumpriram regularmente, com excepção do primeiro, que era difícil, do segundo, que se mostrou inerte, e do último, que pela mansidão não permitiu que brilhasse o trabalho dos toureiros.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



«Gitanillo de Triana» num passe de peito

CAPOTAZOS

UM JORNAL DE TOIROS

Asseguram - nos que ainda este mês aparecerá um jornal taurino, iniciativa de jovens aficionados que se acham animados do mais puro entusiasmo e da melhor das vontades. Se essa publicação for orientada no sentido de esclarecer o público através de uma crítica honesta e de divulgação técnica competente, prestará um inestimável serviço à festa brava em Portugal.

Já têm existido alguns jornais do género que se não logravam vencer foi, regra geral, por culpa própria pois enveredaram por caminhos que não podiam servir a causa que se propunham defender. Um houve, porém, que satisfazia regularmente e só desapareceu pela apatia e desinteresse de um público que, incidentalmente se alheou do esforço que representava a sua manutenção. Referimo-nos a «Bandarilhas de Fogo» que, apesar de tudo, se manteve alguns anos.

Com o entusiasmo crescente que actualmente se tem notado no meio tauromáquico é de crer que ao novo jornal esteja reservado um bom acolhimento.

MAIS VALE TARDE...



Está em preparação para oportunamente ser apresentado à apreciação de quem de direito, um regulamento para as corridas de toiros em Portugal, trabalho

que, segundo nos consta, está merecendo o melhor cuidado aqueles que tomaram a seu cargo elaborá-lo. Nêle se cuidam dos interesses de toureiros, ganadeiros, empresários e dum modo geral de quantos

por qualquer forma se acham ligados à festa brava. Problemas da maior actualidade serão resolvidos com aquêle cuidado que exige trabalho de tal amplitude e interesse.

Já há muito que se impunha a regulamentação oficial ou oficializada do espectáculo de toiros, pelo que registamos a noticia convencionada de que ela levará verdadeira satisfação aos aficionados.

SUPERSTIÇÕES



É tradicional a superstição nos toureiros, que em alguns chega a tomar a s p e c t o s doentios. E esse sentimento que não deve ser característica de espíritos fortes, tem

para eles certa razão de existir devido ao contínuo contacto com o perigo, numa lida sujeita a tantas contingências que torna incertas todas as horas futuras. E a verdade é que a superstição exerce sobre os caracteres tal influência que por vezes têm ocorrido factos que lhes dariam razão de ser, se não fosse de admitir que eles se consumam pelo próprio estado de espirito do que se deixa suggestionar.

Faustino Posadas era extremamente impressionável e uma das coisas que mais o horrorizava e deprimia era a quebra de espelhos. Certa tarde, estando a vestir-se para uma corrida, chamou a irmãzita para que lhe segurasse no espelho enquanto fazia o nó da gravata. Acabado de apertar o laço quis estreitar a criança que, radiante de contentamento, deixou cair o espelho que logo se estilhaçou.

Faustino tornou-se muito pálido e exclamou:

— O que fizeste, «chiquita!» Acabas de matar-me!

Duas horas depois vinham trazer o corpo de Posadas que um toiro havia morto em plena praça!

À VENDA O N.º 5 DA REVISTA
melhor informada da actualidade
europeia



Sumário deste n.º: O de Albacete — A ciência e a cultura alemã superam os ataques terroristas — Etienne Lagrange, o Néguas branco — Europeus sob as bombas — Uma intérprete indiana de música europeia — O casamento com o Céu — Para onde vái a moda? — Com a ajuda de rádio, de ganchos e de uma balança — Orgulho e paixão — Lope de Vega na Alemanha.

artísticas ilustrações
em todo o País — Esc. 2500 ex.

NOVIDADE

URCAPIL

LOÇÃO PARA O CABELO À
BASE DE SUÇO DE URTIGAS!

DESTROI A CASPA! PARA A QUEDA DO CABELO! FAVORECE O
CRESCIMENTO. ATRAZÁ O APARECIMENTO DOS CABELOS BRANCOS

Pedidos a **Paolo Cocco** Rua Andrade, 4, r/c.

Visado pela Comissão de Censura
Composição e impressão: Bertrand (Irmãos), L.ª
Telef. P. B. X. 21227-21368 — Lisboa

JORDÃO, será de futuro o médio-centro do Benfica?

(Continuação da pág. 29)

peramento lustano. Como treinador e como amigo, vou ter muitas saudades, se Albino se retirar. Ele não está velho. Mas reconheço que está cansado, exactamente porque se não poupa e porque a sua vida particular lhe exige também, importante dispêndio de energia. Ele quer fazer mais uma época. Vamos a ver...

— Mas se Albino se retira abre-se uma grande crise no fúlcro da «intermediária»... A menos que Clímaco ou Guia da Costa, venham a satisfazer futuramente...

Um sorriso de confiança — e de esperança:

— Nem um nem outro estão nos meus planos, embora Guia da Costa possa ser um possível candidato. Posso afirmar convictamente que Jordão virá a ser um médio-centro de apreciáveis recursos, se quiser trabalhar. É novo, combativo e assímla com facilidade. Quando «assentar» melhor a sua fôssidade, o que é fácil, satisfará. Nos laterais, não há motivos para recelos.

— No ataque... Que me diz dos extremos?

— Manuel da Costa é um jogador de qualidades, mas de complexa psicologia. Rogério, um habilidoso que nos treinos faz o que quer e que em competição se apaga.

— Espírito Santo ressurgiu e Valadas é um dedicado e que ainda não acabou...

Biri concorda:

— Exactamente. O regresso de Santo satisfaz-me imensamente. Reconquistou o seu lugar na turma de honra, mas é importante não esquecer que tem de haver o máximo cuidado com o seu físico. Valadas é realmente um dedicado e sabe. Não compreendo a relutância de uma parte do público benfiquense, quando ele joga na «primeira».

— O público esquece facilmente os ídolos...

— É assim, infelizmente.

A apreciação continua:

— Tenho esperança em solucionar o «caso» dos interiores. Pires é útil. Arsénio tem habilidade, precisando apenas de ganhar resistência física. Teixeira, um póço de energia, movimentação e «onze» e será muito mais proveitoso logo que metodize a sua vida. Ao centro, Jíllo progredirá, mas na minha opinião, terá mais utilidade a interior, se quiser, como demonstrou em Olhão. Jaime não tem a elasticidade necessária para o lugar; por enquanto, é um bom rematador, se estiver bem apoiado pelos interiores.

— Nos «juniões» há gente com futuro?

Biri franze o sobrececho e retorquente apenas:

— A primeira vista, não. Mas pode ser que me engane. Tudo farei, aliás, para me desmentir...

— Não pensa sair do Benfica?

— Por mim, não. Só tenho motivos de satisfação em lá estar. Sei, felizmente, colocar-me no meu lugar e creio que ninguém terá razões mínhas.

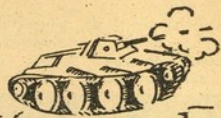
— Quando termina o seu contracto?

— No fim de cada época.

— Se um dia tivesse de sair de Portugal, para onde iria?

— Nessa altura, já cidadão português, lá para a América do Sul. Mas com 45 anos, só por muita necessidade, é que deixaria Portugal, até hoje minha terra pelo coração e amanhã por lei...

GUERRA ÀS NÓDOAS



Quer em tempo de paz
quer em tempo de guerra o

CASULO Limpa-Fatos

não dá tréguas às nódoas
e ao lustro

EMBORA CUSTE APENAS 2\$00, este inimitável produto, síntese maravilhosa de 6 substâncias químicas inofensivas, elimina radicalmente LUSTRO, NÓDOAS, MAU CHEIRO e torna os fatos como novos e mais duráveis.

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER & ALMEIDA

Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



**AQUI
JAZEM**

TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados
com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS

Húmilitas

MEDICINAIS

e capazes de

destruírem os

microbios da

boca, reche uma

Extra

estomacaltes

mercuriais

ou bisulfatos

FRATA

gengivas des

comidas

Couto, L.ª - Porto

L.ª - 1900000 - 104

PASTA MEDICINAL COUTO

Tubo 10\$50

Duplo 16\$00

PASTA COUTO VULGAR

Tubo 4\$00

Duplo 7\$00

Limpa os dentes e perfuma a boca



OUVIR UM
LUXOR
é um sonho!



NOVOS FILMES PORTUGUESES

O que nos disse ARTUR DUARTE sobre os seus fu- tuuros trabalhos

A RTUR Duarte concluiu as filmagens da «Menina da Rádio». Actualmente, procede aos trabalhos de montagem. E em meados de Junho, o filme será apresentado em Lisboa, para começar a correr o País. Fita acabada — fita começada. Artur Duarte devia ter coisas para nos dizer. E, assim, fomos procurá-lo:

— Satisfeito?...
— Sob que aspecto?
— Com a «Menina da Rádio», evidentemente!

— Sim. Os trabalhos correram bem. A despeito das naturais dificuldades que há sempre que vencer — entre as quais conciliar o horário das filmagens com a vida profissional dos artistas teatrais e suas deslocações fora de Lisboa (Maria Matos, António Silva e Ribelrino, cada um dos quais, na sua companhia e na sua data, foram em «tournee» ao Pôrto, durante o período da realização da fita) — a despeito de todas as dificuldades, dizia, conseguem cumprir o programa, previamente estabelecido, com ligeiríssimas diferenças. Basta que lhe diga que havíamos previsto 44 dias de

filmagens, dentro de 60 dias — e que chegámos ao fim com estes números alterados, respectivamente, para 45 e 65, o que constitui um verdadeiro «récord». O orçamento não foi atingido, o que também é raríssimo. E tendo calculado que gastaríamos 16.500 metros de negativo-imagem e 18.000 de negativo-som, utilizámos apenas 11.700 do primeiro e 14.000 do segundo.

Artur Duarte explica-nos que o segredo da indústria está nestas coisas aparentemente áridas e sem importância, pois se já é bom não exceder as previsões orçamentais — é óptimo ficar àquém das mesmas.

— Tudo isto se tornou possível — explica o realizador — porque o filme foi escrupuloso e metódicamente preparado, sobre uma planificação detalhada, fruto por sua vez da íntima colaboração de técnicos e autores.

— O que pensa do filme?
— Não estou muito à vontade, para responder. Compreende?! Que lhe diga, senão que confio, sinceramente, no êxito do espectáculo?

(Continua na pág. 20)

AS NOVIDADES DE O VIOLINO DE JOÃO

Desde o célebre «Variétés», de Dupont, com Jannings descrevendo visualmente o seu crime, que o cinema tem usado a narração em retrospectiva. É um processo que empresta ao relato, como dominante, a nota sentimental — a nostalgia do que nunca mais volta, ou a dor irreparável.

Essa maneira estava ainda inédita no cinema português. E foi a que Braz Alves escolheu para contar a história dramática de «O Violino de João», de tal modo principiando, este novo realizador, por trazer qualquer coisa de novo à técnica dos nossos filmes, no campo da descrição.

Outra inovação foi a de desprezar, deliberadamente, as fáceis concessões ao chamado — ou caluniado — gosto popular. Portanto, nem fados, nem barretes; nem paisagem, nem suguão; nem romarias, nem chalaças — grossas, ou mecânicas. Em resumo: um filme que vai direito ao fim — simples, escorreito e sincero, como o quis o seu autor.

Vêm estas notas a propósito da recente notícia de haverem terminado as filmagens desta nova produção portuguesa, que assim se anuncia fora-da-série. Como fora do comum é, também, o elenco enquadrando a nova vedeta Ada Luftmann, a dos múltiplos dons.

Nêle sobressaiem, com efeito, os nomes prestigiosos de Igrejas Caeiro, o nosso galã mais cinematografado, como se diria nos States; Erico Braga, o homem-do-mundo dos nossos actores e D. Juan quinquagenário da história; Emília de Oliveira, a já imprescindível em filmes nacionais; e — last but not least — João Villaret, cujo aparecimento na tela constitui, só por si, um notável acontecimento cinematográfico, que não será, decerto, a menor das novidades de «O Violino de João».

C I N E M A

O reverso da medalha

O problema dos cinemas da Província continua na ordem do dia. Sem pretensões a campanhas, ao velho estilo, voltamos hoje ao assunto porque, de toda a parte, dessa legião valorosa e anónima dos cinéfilos do País inteiro, nos chegam incitamentos, para que insistamos nos argumentos aduzidos, em favor das necessidades e vantagens da melhoria de instalações das martirizadas salas da Província.

O cinema improvisado no armazém de seca de bacalhau, a que nos referimos no nosso último número, é, como pano de amostra, suficientemente elucidativo.

Temos dito e redito que a situação mudará radicalmente, no dia em que os empresários, com a visão justa do problema, possam reformar e renovar as velhas salas e passar a exhibir uma programação adequada. Citámos o caso de cinemas cujo volume de negócio quadruplicou ou sextuplicou, com a simples mudança da entidade exploradora. Em lugar dos programas «a pataco», sem actualidade e sem interesse, o cinema passou a exhibir programas atraentes. E o público afluíu, consideravelmente. Ao maior dispêndio de aluguel correspondeu compensador acréscimo de receitas. E o lucro, apesar de tudo, foi maior.

Compreendo e admito o cepticismo dos que me lêem, sobretudo se estiverem ligados à exploração dos cinemas da Província. «Quem me garante — dirão com os seus botões — que assim sucede? Quem me prova — acrescentarão — que o desinteresse do público é originado pela falta de comodidade da platéia, pela deficiência das aparelhagens, pela má qualidade dos programas?».

Se não bastassem os exemplos que são do conhecimento geral, o caso dos Recreios Desportivos da Amadora seria mais do que suficiente. Com efeito, a velha sala que a Empresa Santos Matos ali fundou, perdeu, com o andar dos tempos, os requisitos indispensáveis para bem servir o público. A Empresa que adquiriu o edifício e seus anexos assim o entendeu. E em lugar de se limitar à cômoda e rotineira posição do «deixa andar», resolveu empreender no edifício uma renovação total das instalações. Quando em Janeiro deste ano abriu as suas portas — a mutação havia sido completa. O povo da Amadora encontrou-se na presença de uma das melhores salas da Província, que pode ombrear, aliás, com muitas de Lisboa.

Vejamos agora os resultados. Até então, o cinema dava apenas dois espectáculos por semana: à quinta-feira e ao domingo à noite. A exploração era precária e parecia não autorizar outro ritmo de funcionamento. De Janeiro para cá, o cinema da Amadora dá espectáculos cinco noites em cada semana. E inaugurou, com proveito, as «matinees» ao domingo. Exibe óptimos programas e conta hoje, não só com o público daquela progressiva vila, como ainda com o dos arredores. Tudo permite augurar que os resultados serão cada vez mais animadores.

Este é o reverso da medalha. Os que se afundam na inconsciência das realidades dos problemas cinematográficos — lutam dia a dia com mais dificuldades. Os que têm, a tempo, a visão justa desses problemas, e aliam à clarividência, a iniciativa bastante para mudar a face das coisas — colhem necessariamente o fruto do seu trabalho.

No negócio cinematográfico, em face do público, para praticar a regra da multiplicação, é preciso também inverter os termos ao quebrado divisor...

FERNANDO FRAGOSO

Espectáculos para os soldados! Os filmes americanos vêm cheios de sugestões desta filantrópica cruzada das estrelas... Gipsy Rose Lee, em «Stage Door Canteen», revela-se de uma generosidade a toda a prova.



Inquéritos semanais

(Continuação da pág. 21)

turas; confiança, lealdade e franqueza recíprocas; condições materiais que permitam assegurar a vida do casal e a educação dos filhos. E, sobretudo, que os noivos se amem sincera e desinteressadamente.

Madgy

«Para os que se amam, o noivado é eterno. Nada impede um casamento de amor.»

Para um bom casamento, deve existir um amor sincero, absolutamente desinteressado.»

Marília - Golegá

«Muitos pactos há que podem desatar os nós já apertados de um grande amor. Em primeiro lugar a religião, facto fundamental para a harmonia num lar. Também uma grande diferença de educação pode separar dois jovens, pois um homem culto e inteligente tem de ser tir-se desolado e infeliz ao lado dum espósa que não possa acompanhar as suas esperanças e idéias; do mesmo modo, uma rapariga instruída andar mal, se, por amor, se ligar a alguém que a não compreenda.»

Ainda há a considerar a diferença de classes que geralmente leva a desdita aos lares construídos sobre alicerces pouco firmes. No entanto, topamos, por vezes, com tamanhas excepções, que seria loucura recusar certos casamentos desiguais, desde que de ambas as partes existam elevadas qualidades morais a suprir essa desigualdade.

E além de tudo isto, entendo que uma rapariga não deve ter demasiada pressa em ser conduzida ao altar, mas antes procurar conhecer, tanto quanto possível, o carácter do seu futuro marido durante o período do noivado que, a meu ver, não deve ser inferior a um ano ou talvez mais. É possível que assim, ela evite desilusões...»

Maria Rosa

4.º Inquérito

O PROBLEMA DO CLÍME

- O clíme reforça ou enfraquece o amor?
- Acha que o clíme é um defeito ou uma virtude?
- Deve demonstrar-se ou esconder o clíme?

As respostas devem ser enviadas num postal para a «Página Feminina» da *Vida Mundial Ilustrada*, Rua da Ementia, 69, 2.º, Lisboa, até ao dia 2 de Maio.

Um sensacional número ilustrado dedicado a Coimbra pela Revista Turismo



O mais completo documentário gráfico, artístico, literário, histórico, monumental e pitoresco, que se tem publicado no país.

Centenas de fotografias "Hors-textes" a cores reproduzindo quadros de artistas. Roteiros e mapas turísticos da Região—Reportagens sôbre a vida municipal, turística, comercial, industrial e agrícola de todo o

Distrito de COIMBRA.

Colaboração dos mais ilustres professores, escritores, jornalistas e artistas.

Evocação da vida romântica coimbrã—Recordações dos grandes poetas e escritores que passaram por COIMBRA—Os cantores e guitarristas das margens do Mondego—As reuniões dos Cursos—Tradições Académicas—Vida cultural e universitária.

Uma obra jornalística do maior interesse para todos—velhos e jovens—que passaram por Coimbra.

À venda nas principais tabacarias e livrarias do país. Pedidos nos escritórios da Revista TURISMO: Rua do Loreto, 4-2.º—LISBOA—Telefone 28616

Preço de cada exemplar (240 pág. ilustradas) 30 escudos

Artur Duarte

(Continuação da pág. 23)

Desta vez, repetimos a triunfante experiência de «O Costa do Castelo». Os mesmos autores, os mesmos técnicos, muitos dos artistas que fizeram o sucesso daquele filme estão presentes em «A Menina da Rádio». Com a vantagem, de termos partido de um assunto escrito expressamente para o cinema.

—E quanto aos artistas?

—Magníficos. Tanto os do Teatro, como os do Cinema. Maria Matos, António Silva e Ribeiro, entre os primeiros, formam uma trindade insuperável, no seu género. Oscar de Lemos, Teresa Casal e Fernando Ribeiro, estão cada vez mais seguros das suas próprias possibilidades.

—E quanto à Maria Eugénia?

—Calei o seu nome, propostadamente, ao nomear os restantes, para poder falar dela, mais de espaço. É uma revelação agradabilíssima. Simpática, insinuante, de uma singeleza a toda a prova, safu-se brilhantemente das responsabilidades que pesavam sôbre os seus ombros. Num próximo filme, fará melhor ainda. Porque é uma artista que sentimos «crescer» dia a dia. Que diferença entre os seus primeiros dias de trabalho e os últimos! O público vai gostar dela!

—Projectos?...?

—...Imediatos?! Acabar a montagem da «Menina da Rádio».

—E depois...

—...Depois, é cedo talvez, para falar! No, entanto, há um projecto firmemente arreado no meu espírito e para o qual trabalho há muitos meses de alma e coração. Refiro-me a *Heróis do Mar*, filme baseado no livro de Jorge Simões: *Os Grandes Trabalhadores do Mar* e destinado a fixar no cellulóide a epopeia dos pescadores portugueses, na Groenlândia, durante as campanhas da pesca do bacalhau. Pelo interesse criado à roda deste espectáculo, pelas entusiásticas adesões asseguradas, pelas contribuições registadas, posso afirmar que será uma realidade. No entanto, só na próxima partida dos bacalhoeiros, no início do ano que vem, poderei meter omissos à empresa. O programa será completado com um pequeno filme, focando a obra admirável das Casas dos Pescadores, e que já tem título: «Deus os féz».

—E até lá?...

—...Espero realizar mais uma comédia, que tanto poderá ser «O Leão da Estréla»—um sonho de há muito tempo—como qualquer outra, até possivelmente original.

—E quanto ao filme de Gregório Garcia?

—Tive que pôr de parte a realização imediata, pois o calendário de corridas do famoso espada mexicano, não lhe permite consagrar-se ao cinema, enquanto durar a época tauromáquica. No entanto é muito possível que, finda esta, encaremos seriamente o problema. O argumento, escrito por Silva Tavares, está pronto—e é magnífico!

E Artur Duarte explica:

—Como vê, todos estes projectos, sobretudo os imediatos, estão imprescindíveis. Nem admira. Encontro-me ainda com os meus cinco setos fixados na «Menina da Rádio». Acabada a montagem, porém, pouco tempo depois, terei coisas definitivas para dizer.

E assim terminámos a conversa, que continuará, como os leitores estão vendo, num dos próximos números...

Filmes portugueses NA SUIÇA

A Suíça vai ver os filmes portugueses. Primeiro, «Ala-Arriba», prémio da Bienal de Veneza. Depois «O Costa do Castelo». As cópias respectivas seguiram já para o seu destino. As referidas películas serão apresentadas nas versões originais, com legendas sôbre-impresas.

FILME OS MELHORES MOMENTOS DA SUA VIDA COM UMA CÂMARA Paillard L 8

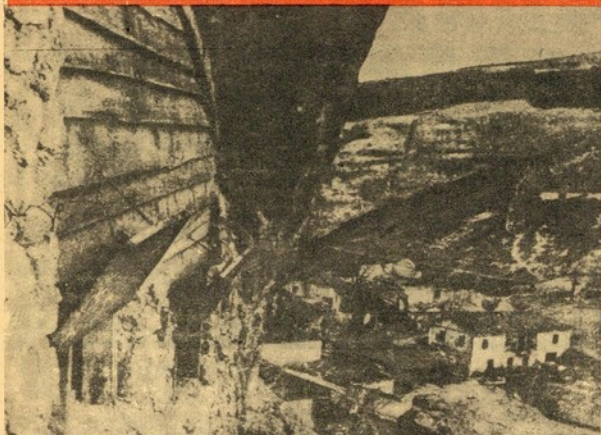
É mais fácil do que fotografar e... também mais barato utilizando o filme económico de 8^m/m. Poderá assim fazer reviver pelo cinema as passagens mais deliciosas da sua existência!

Peça hoje mesmo uma demonstração em

TODAS AS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS DO PAÍS

PAILLARD
A GRANDE MARCA
SUISSA

NOTAS DE GUERRA



O engenho do homem, para a defesa e para o ataque, não tem quebras, nem limites. Aqui temos, diante de Sebastopol, as defesas construídas nas rochas. Parece que o homem tem o gosto de um regresso trágico às cavernas...



Não parece uma grande ostra poisada na imensidade do céu? Pois não é. Trata-se apenas do efeito criado pelas nuvens de fumo que se elevam das instalações japonesas da ilha de Wake, após um ataque dos marinheiros americanos que ali lançaram 50 toneladas de bombas.



A senhora Carmen Soriano, esposa do cônsul Andres Soriano, Secretário Financeiro filipino, quebra simbolicamente a garrafa de champanhes na proa do «Philippines Victory» durante a cerimónia do lançamento à água num estaleiro na costa do Pacífico. O coronel Soriano vê-se por detrás de sua esposa. No mês de Março, a comissão dos estaleiros marítimos dos Estados Unidos lançou à água 152 novos navios.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



ALBERTO EINSTEIN — É um grande símbolo do saber humano: o autor da teoria da relatividade do tempo, o homem que veio destruir a teoria de Newton, sobre a gravitação universal — esse famoso sábio judeu de branca cabeleira que se chama Einstein.

Hoje, Einstein vive numa casinha modesta dos Estados Unidos, onde um jornal inglês ainda há pouco o foi surpreender entre números, pensamentos vagos e desarrumação. Prepara um novo trabalho — ele gosta muito de decifrar charadas e problemas que os seus inúmeros e desconhecidos admiradores de todo o mundo lhe enviam — mas, a seu respeito, nada quer dizer por enquanto.

(Caricatura de SANTANA)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana

UMA LUTA CONFUSA

General Ravenstein que, como dissemos, ficou prisioneiro dos ingleses, dissera para caracterizar a natureza da luta no deserto: «É um paraíso para o comando, mas um pesadelo para o Estado Maior.» O sr. Churchill aludira claramente nos seus discursos, em que dava conta da marcha das operações iniciadas em meados de Novembro com tão fundamentada esperança pelos soldados das forças imperiais, a este carácter da luta dizendo que ela era uma sucessão de duelos confusos muito semelhantes a uma batalha naval dispersa.

Era de facto uma luta incrível e confusa. Havia soldados que eram surpreendidos e presos para serem libertados quando, por sua vez, eram surpreendidos os que os haviam aprisionado. Havia unidades inteiras motorizadas, ou apenas veículos conduzidos por oficiais dum dos campos, que atravessavam o campo adverso sem que surgisse ninguém para se opor à sua passagem. Os movimentos das tropas eram continuamente mascarados pelas nuvens de lama, que se levantavam do solo, ou pelas cortinas de chuva que se formavam incessantemente entre os combatentes.

Os «tanks» ingleses e alemães tomavam, durante a noite, toda a espécie de precauções para que o inimigo se não apercebesse da sua presença. Nos carros não se acendiam, como medida de precaução, as luzes. Mas os «tanks» e os carros ligeiros apareciam, com frequência, quando amanhecia, no meio das linhas inimigas que, precisamente, tinham procurado evitar. Este conjunto de circunstâncias favorecia incontestavelmente mais os alemães, remetidos à defensiva, do que as tropas britânicas, que tudo haviam confiado das condições favoráveis em que tinha sido preparada a sua ofensiva.

Foi nessa fase da guerra no deserto que Rommel desenvolveu as qualidades de chefe e de tático que consagraram, rapidamente, o seu nome como uma das figuras mais populares desta guerra. As suas acções de surpresa, beneficiando das condições do terreno e das condições do tempo, eram constantes e as armadilhas que preparava ao adversário não tinham conta. Para lhe fazer frente, o general Auchinleck tinha que pôr em jogo todo o seu sangue-frio e que usar toda a sua serenidade.

UMA INICIATIVA AUDACIOSA

Depois de ter expulso os sul-africanos que defendiam Sidi-Rezegh, o general Rommel tomou uma iniciativa que surpreendeu vivamente o comando britânico. Em 24 de Novembro o general alemão, contra toda a evidência, ordenou a uma das suas colunas motorizadas que penetrasse ao longo das linhas britânicas e que procurasse infiltrar-se no meio delas, a fim de cortar e prejudicar, o mais possível, o sistema de comunicações ao adversário.

A tarefa era arrojada e dir-se-ia, de começo, votada a um malogro inevitável. Para dar cumprimento à ordem recebida, os carros alemães dividiram-se em dois grupos e avançaram até às proximidades da fronteira egípcia de onde os alemães tinham sido repellidos uma semana antes. Os estragos que esta manobra produziu tornaram-se evidentes, e o comando britânico viu-se na necessidade de lhe fazer imediatamente face ordenando à sua aviação que atacasse os carros alemães. A coluna blindada sofreu perdas apreciáveis mas, na medida do possível, cumpriu a sua missão: desorganizar a retaguarda inimiga e dificultar o abastecimento da frente britânica.

Mas na parte principal dessa missão, que era expulsar a 4.ª divisão indiana de Sidi Omar, malogrou-se. Os restos da coluna blindada enviada pelo general Rommel juntou-se ao grosso das forças alemãs, que se tinham concentrado a leste de Sidi-

Rezegh, enquanto os neo-zelandeses, na sua marcha sobre Tobruk, se colocavam a meio caminho entre esta cidade, que era o principal objectivo das forças britânicas, e Bardia.

A coluna que operava ao sul, a partir de Giarabub, procurava simultaneamente penetrar em direcção ao norte e ligar-se com as restantes forças britânicas. Depois de ter tomado os oásis de Jalo e Augila, fazendo cerca de mil prisioneiros, deixou porém de se ouvir falar dela durante algum tempo, sendo geral a convicção de que se esforçava por se juntar ao resto das forças britânicas que operavam para libertar Tobruk.

UMA FAÇANHA DOS NEO-ZELANDESES

Na noite de 25 para 26 de Novembro, os neo-zelandeses, com uma força de «tanks» ingleses, expulsaram os alemães de Sidi-Rezegh e puderam, finalmente, fazer a junção com os defensores de Tobruk. Essa junção operou-se próximo de El Duda, um nome que depois seria frequentemente invocado com o desenvolvimento da campanha na Líbia.

As guardas avançadas desses defensores nunca tinham deixado de fazer «raids» incessantes nas linhas inimigas. O último que fizeram, nas vésperas da libertação da cidade, tinha-se concluído pelo aprisionamento de dois mil inimigos e pela captura de cerca de oitenta peças ligeiras de artilharia, sobretudo graças à valentia e à decisão dos neo-zelandeses que continuavam a afirmar-se dos melhores soldados postos à prova nesta guerra.

A parte principal dos objectivos do general Auchinleck aparecia assim realizada, com uma rapidez e com um êxito que não podiam deixar indiferente o comando alemão. Como era natural, este reagiu imediatamente e de maneira prática, procurando anular o resultado conseguido, sobretudo graças à valentia e à decisão dos neo-zelandeses que continuavam a afirmar-se dos melhores soldados postos à prova nesta guerra.

Iniciou-se então uma luta feroz à volta de Tobruk, ou mais propriamente à volta do estreito corredor que os neo-zelandeses e as guardas avançadas da guarnição de Tobruk haviam conseguido criar entre o limite oriental da cidade e Sidi-Rezegh. Essa luta revestiu-se de várias fases mas finalmente liquidou-se pela vitória dos britânicos que devia decidir desta fase da campanha da Líbia.

A GUARNIÇÃO DE TOBRUK

No dia 28 de Novembro, o general Rommel reagrupou as suas forças, alemães e italianos, utilizando destes os que haviam dado melhores provas desde que se iniciara, dez dias antes, a ofensiva britânica. Partindo de leste atacou energeticamente o estreito corredor organizado, como vimos, entre Tobruk e Sidi-Rezegh. A réplica britânica foi igualmente enérgica.

A batalha prolongou-se ao longo de três dias. O primeiro ataque das forças do Eixo malogrou-se. Estas, especialmente os italianos, sofreram perdas avultadas em homens e em material. Em 30, o comando alemão estava, porém, em condições de desencadear um poderoso movimento de flanco com «tanks» e infantaria motorizada. As forças do Eixo atacaram, simultaneamente de leste, no sentido já anunciado, e ao mesmo tempo de sudoeste e do sul, organizando um movimento irresistível que podia ser fatal para a segurança dos adversários.

Estes viram o perigo que corriam e preferiram retirar-se não sem que tivessem sofrido perdas pesadas. As 5.ª e 6.ª brigadas neo-zelandesas foram especialmente afectadas. A segunda esteve em risco de perder o seu estado-maior e da primeira foi aprisionado o próprio comandante, brigadeiro Hargest. A situação, nos primeiros dias de Novembro, parecia irremediavelmente comprometida para os ingleses.

Mas estes fizeram acorrer, rapidamente, ao local reforços importantes. E valeu-lhes, mais uma vez, a decisão dos defensores de Tobruk, cuja experiência dominava, de longe, as restantes forças empenhadas na batalha. Esses defensores continuavam a atacar incessantemente o inimigo em acções ofensivas audaciosas. Deve dizer-se que uma parte deles tinha sido substituída, pois entretanto os acontecimentos ocorridos no Pacífico tinham levado a afastar de África os australianos e Morshead. O comando da guarnição da cidade fora confiado ao general Scobie,



O major-general Ronald Scobie foi o comandante das tropas que libertaram Gazala da pressão inimiga.



cuja experiência e conhecimentos especiais da guerra no deserto beneficiariam, em larga escala, a causa britânica nessa altura. A guarnição de Tobruk, depois do afastamento dos australianos, era constituída por ingleses, polacos e checos, com alguns contingentes dos Domínios que prestaram excelentes serviços.

O PONTO CRUCIAL DA BATALHA

Rommel conseguiu um êxito tático incontestável mantendo, fora do local onde se desenrolou o ataque principal dos seus adversários, a maior parte das forças blindadas e motorizadas de que dispunha. Mas as probabilidades de êle poder socorrer os contingentes que se encontravam isolados em Bardia e aqueles que se tinham aventurado até à fronteira egípcia diminuía a olhos vistos. Além disso, os seus homens começavam a dar sinais evidentes de cansaço. Por isso o comandante alemão se remeteu a uma atitude de prudência, aconselhada pelas circunstâncias, organizando uma linha defensiva, que se estendia de Bir-Adem a Bir-el-Gobi, mantendo-se nela ao longo de uma semana.

Entretanto o ponto crucial da batalha aproximava-se, pois Auchinleck não queria deixar de beneficiar da vantagem temporária que alcançara e sabia quanto o sentido das oportunidades fora a razão principal das vitórias alcançadas pelo seu antecessor, Wavell. O comando britânico fez, por isso, tudo quanto estava ao seu alcance para precipitar os acontecimentos e arrancar uma decisão, forçando Rommel à luta. Um ataque frontal, conduzido por uma divisão blindada inglesa e por uma brigada de neo-zelandeses, simultaneamente com um ataque de flanco conduzido por polacos e checos da guarnição de Tobruk, sob comando pessoal do general Scobie, libertou Gazala da pressão do inimigo. Uma operação idêntica, realizada em Bir-Hakem, conduziu a resultados semelhantes.

Rommel entrava claramente na fase do retardamento. Durante três dias impediu as forças britânicas de se fixarem na linha Gazala-Bir-Hakem. Teve para isso, porém, de dispendir um esforço apreciável e de exigir novos sacrifícios às suas tropas, os quais se saldaram por perdas apreciáveis em vidas e em material. A situação evoluçionava, porém, com rapidez e num sentido desfavorável para as forças do Eixo.

Esta tendência acentuou-se quando chegou ao campo de batalha a 4.ª divisão indiana, experimentada e animada dum grande ardor guerreiro. A frente de combate deslocara-se para oeste da linha Gazala-Bir-Hakem, da qual distava já cerca de quarenta e cinco quilómetros.

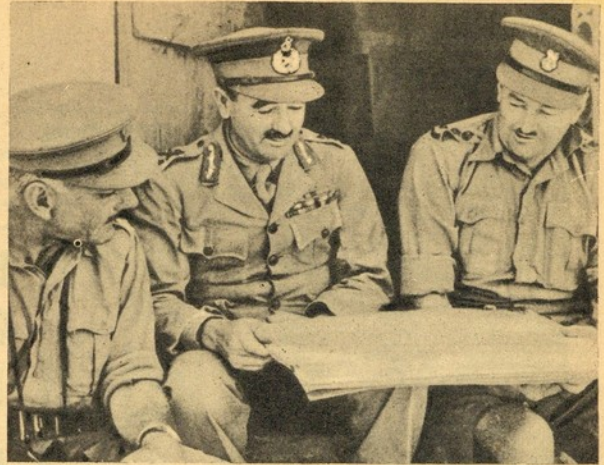
MALOGRO DO CONTRA-ATAQUE DE ROMMEL

Para Rommel a necessidade de contra-atacar tornara-se imperativa. Durante a segunda semana de Dezembro procedeu, rapidamente, ao reagrupamento das suas forças e concentrou o núcleo principal de «tanks», que ainda podia utilizar, em frente da 4.ª divisão indiana. Realizou assim uma superioridade local numérica que era o prelúdio indispensável da sua acção.

Esta foi desencadeada na noite de 13 para 14 de Novembro, e malogrou-se completamente. A luta prolongou-se ao longo de três dias, que foram de grande emoção para as tropas do Exército do deserto, obrigadas a dar a medida das suas possibilidades.

O comunicado oficial do Quartel General do Cairo, de 18 de Dezembro, dava conta do desenlace da luta que fora nitidamente favorável para a divisão indiana, que teve ocasião de revelar exuberantemente a qualidade dos seus soldados e o grau de adestramento que êstes haviam alcançado.

Entre 14 e 16, Rommel atacou, com todas as suas forças disponíveis, especialmente carros e aviação, sendo o choque inicial suportado pela 5.ª brigada de infantaria indiana. Em auxílio desta acorreu o 4.º regimento de sikhs e, depois dêste, o 1.º regimento de Punjab, que desfizeram sucessivamente todos os contra-



Ao centro, o major-general Morshead conversa com oficiais da defesa de Tobruk. Morshead foi designado para a Índia

-ataques alemães. O número de carros e de aviões alemães destruídos dava a medida da intensidade da luta que, como dissemos, se prolongara ao longo de três dias.

A batalha do deserto na sua nova fase devia considerar-se decidida. As perdas sofridas, numerosas e valiosas, sobretudo para quem não tinha reservas abundantes à sua disposição, e o estado de cansaço em que as tropas do seu comando se encontravam, não permitiam que Rommel continuasse a lutar com probabilidades de conseguir qualquer resultado satisfatório. O pêndulo da Líbia voltava a fucionar e, pela segunda vez, desde o início das operações no deserto, a favor das tropas britânicas.

A SEGUNDA PARAGEM EM JEDABIA

No dia 17, perdidas as últimas esperanças de recuperação rápida, iniciou-se a retirada das forças do Eixo, precisamente um mês depois de sa haver iniciado a batalha. A aviação britânica passou então a desempenhar um papel preponderante para o prosseguimento da acção, perseguindo e atacando as colunas germano-italianas em retirada.

No dia 18 os ingleses entraram em Dema, onde libertaram um número elevado de prisioneiros sul-africanos. No dia seguinte caíu Mekili em seu poder. As patrulhas britânicas alcançaram rapidamente Cirene e Apolonia. Uma acção de retaguardas, conduzida pelos italianos para retardarem a entrada dos ingleses em Benghazi, não deu qualquer resultado. A capital da Cirenaica mudou, mais uma vez, de ocupantes na véspera do Natal.

Durante a sua perseguição, ao longo da estrada costeira, as forças britânicas tinham-se apoderado de grandes quantidades de material que os seus adversários abandonavam, dada a necessidade de não deixarem prisioneiros nas suas mãos. Este era, de momento, o principal objectivo de Rommel e não há dúvida que o estava realizando plenamente.

Em Benghazi os alemães abandonaram igualmente muito material. No pôrto encontravam-se abandonados quinze transportes. Os ingleses ultrapassaram rapidamente Benghazi, não se detendo na perseguição das forças de Rommel. O mês de Dezembro aproximava-se do seu termo e, com êle, era o termo da acção ofensiva de Auchinleck que ia produzir-se.

Entre 25 e 28 de Dezembro, os ingleses percorreram rapidamente o caminho que separava Benghazi de Jedabia, ponto extremo do avanço de Wavell na primeira campanha de Líbia. Esse seria, também, o ponto extremo do avanço britânico nesta segunda campanha. Barce foi a única localidade de certa importância ocupada durante êsse período.

Em 28 de Dezembro, Rommel tinha conseguido reagrupar as suas forças depois da corrida no deserto e levava-as a combater de novo o inimigo que as vinha perseguindo, sem dar mostras de cansaço. A reacção alemã produziu imediatamente os seus efeitos. A luta desenrolou-se entre 28 e 30 de Dezembro, em volta de Jedabia. A linha defensiva, construída pela engenharia do Eixo, mostrara-se suficientemente poderosa para deter o avanço das forças britânicas. No último dia de 1941, a sorte da batalha estava decidida. Os alemães tinham sofrido perdas mais avultadas do que os seus adversários, especialmente em carros. Mas a linha suportara o embate das forças blindadas britânicas. A segunda campanha da Líbia fechava-se com a segunda paragem das forças britânicas no caminho da Tripolitânia. O pêndulo da Líbia parecia uma realidade militar irremovível.

VANTAGENS E DESVANTAGENS

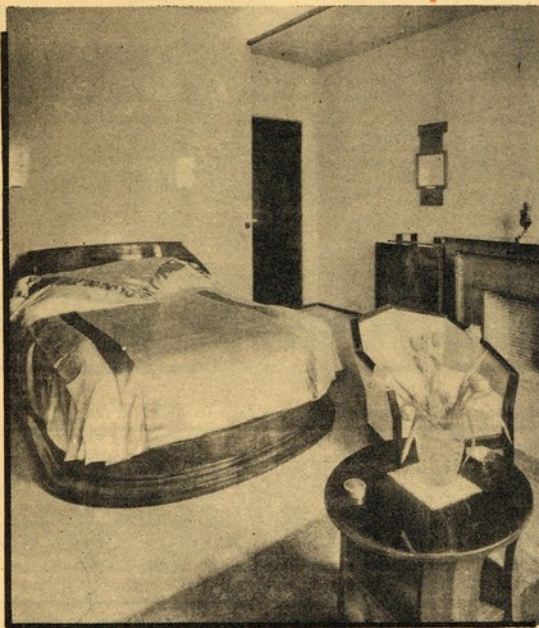
Entretanto o êxito de Auchinleck era incontestável. Êle não conseguira, como lhe era indispensável, aniquilar o núcleo principal das forças do adversário. Era portanto



Os soldados, no deserto, eram obrigados a viver às vezes nas cavernas...

(Continua na pág. 30)

MOVEIS-DECORAÇÕES



Janel

RUA DA PALMA 95 A 107 - LISBOA - TELEF. 27984

J
a
n
e
l



J
a
n
e
l

GAGO COUTINHO

(Continuação da pág. 10)

cei e melhorei as minhas concepções.

— E poderá dizer-nos o que concluiu? — indagamos.

— Por exemplo: Cabral nunca poderia ter ido ao Brasil por acaso. Analisando o período que vai de 1434 a 1487, isto é, a dobragem dos Cabos Bojador e Boa-Esperança, e verificando a rota de Pedro Álvares Cabral, depara-se-nos a certeza de que este navegou numa rota que a pouco e pouco se foi preparando, pois que nessa altura não existiam cartas de ventos. Ora a sua viagem prova que havia um conhecimento real dos ventos dominantes na rota percorrida.

— Disse-se que a «Foz do Douro» seguiu a rota de Cabral...

— Anunciou-se que eu vim repetir a rota de Cabral. Mas não é verdade. Repare que viemos em sentido contrário e que, portanto nada tem que ver uma coisa com outra.

Gago Coutinho fala depois da rota da Índia, seguida por Vasco da Gama, que considera outra prova dos preparativos acumulados, atendendo à segurança com que navegou, se nos lembrarmos dos precários instrumentos coevos.

O BRASIL DE HOJE

Fala-nos depois do Brasil com admiração.

— Gosto imensamente mais da vida do Brasil do que da de Lisboa. Se eu aqui não tivesse a minha casa, onde guardo os meus livros e os meus rascunhos, não sairia do Brasil, especialmente em tempo de guerra.

Afirma-nos a seguir que qualquer português com preparação que ali

viva é considerado e animado. Cita os casos de Tomás Ribeiro Colaço, que está a escrever e a «fazer figura» e de Jaime Cortesão, cujos trabalhos estão no país irmão a ser muito apreciados.

Interrogamos então o nosso ilustre interlocutor sobre os seus projectos.

— Parto para Lisboa amanhã, a sua casa jantar. E foi assim que penetrei nesse santuário de família, e que começou a nossa grande estima...

— O sr. embaixador esteve em Genebra?...
— Na Sociedade das Nações, sim. Fiz parte da última delegação do Brasil, com Afrânio de Melo Franco e Raúl Régis de Oliveira, o filho do antigo embaixador em Portugal...
— Que impressões colheu, sr. embaixador?
— A que se colhe num túmulo de desilusões...

A entrevista estava terminada.
MANUEL DE AZEVEDO

SOUSA DANTAS

(Continuação da pág. 15)

de agradecimento da família Daudet, que tomara conhecimento das minhas palavras, por intermédio dos recortes de jornais que uma agência lhe enviara. Mais tarde, em face desta deferência, senti-me na obrigação de falar de novo em Daudet com mais largueza. Aí, a família não me telegrafou, não; convidou-me para ir a sua casa jantar. E foi assim que penetrei nesse santuário de família, e que começou a nossa grande estima...

— O sr. embaixador esteve em Genebra?...
— Na Sociedade das Nações, sim. Fiz parte da última delegação do Brasil, com Afrânio de Melo Franco e Raúl Régis de Oliveira, o filho do antigo embaixador em Portugal...
— Que impressões colheu, sr. embaixador?
— A que se colhe num túmulo de desilusões...

— E agora?
— Vida nova. Vou a caminho do Brasil. Irei retirá-me depois a minha mulher que está em Nova York... e voltarei a Portugal.

— Já conhecia?
— Nunca aqui tinha passado a noite... não obstante cá ter passado de dia muitas vezes.

Depois, o sr. embaixador quer ter uma palavra amiga:
— Levo as melhores recordações. Portugal é um pequeno grande país, em franco progresso. Que bela lição de paz para o mundo em guerra. Hei-de voltar!

— A caminho da França?
— Sei lá! Adoro a França... Vinte anos de Paris, bem vê...

— Mas o sr. embaixador estava em Vichy...

— Depois que o Governo lá se instalou, porque, como sabe, o Corpo Diplomático deve estar sempre onde está o governo de um país. Que peregrinações dramáticas, na França de 1940, à procura do Governo! A propósito, quero dizer-lhe que pode desmentir um erro que amanhã fará história: o Governo nunca esteve em Clermont-Ferrand como se diz. Para lá segui e não o encontrei, como o não encontrei em Perpignan...

— Como seguiu depois para a Alemanha?

— O Brasil declarou guerra ao Reich e este entendeu que devia proceder ao meu internamento em Godesbergue...

— Que recordações guarda desses 14 meses, sr. embaixador?

— De melancolia, sobretudo melancolia...

Sim, melancolia! A melancolia que se espelha no rosto do meu entrevistado... É assim que hoje ainda o vejo: «melancólico, triste e fatigado» no convés, a acenar com a mão fina, desengelhada e branca, um «até logo» a Portugal...

Voltará...
* * *

Esta foi a mais bela entrevista que tenho feito, porque foi a que me deu maior prazer... Mas acabo de a rereer... Quanto lhe falta! Quanto não dissei...
Falhei incrivelmente, como nunca...

PELES

A primeira casa especializada do país.

APRESENTA:

Preciosos modelos e peles para a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha exclusivamente em peles, são dirigidos por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende a preços acessíveis.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160
Telefone 40961

Manolita

DESPORTO

ÍDOLOS

O que é um ídolo do desporto? À mente, como primeira resposta, ocorre esta definição: ídolo é aquele que conquistou, mereceu uma proeza ou uma série de proezas, o favor e a popularidade especial blico. Não contrariamos a afirmação, porque ela corresponde até certo ponto, à verdade. Todavia, há duas espécies de ídolos. Os que se criam por si próprios, à custa de um valor positivo, e os que se constroem à força, por imposição dos reclamistas, das parangonas berrantes e dos adjectivos formais do dia.

Entre eles, pois, cava-se uma diferença profunda, tal como entre o verdadeiro e o falso. Os primeiros são mais duradouros, têm caboucos fortes. Os segundos assemelham-se a arranha-céus sem alicerces. Adejam como fâmulas, e a uma rajada mais enérgica, desmoronam-se naturalmente, pósto que, com maior fragor e surpresa de quantos os consideravam a coberto de todas as tempestades.

As duas espécies diferem por todo o mundo. Não queiramos, porém, viajar, e deixemo-nos ficar onde estamos.

Na nossa terra, no período relativamente curto em que o desporto começou a ser encarado a sério, tem havido bastantes ídolos. Eleitos uns, pelo sufrágio tácito do público, outros pelas «benesses» e influência de «apoderados — interessados».

O ídolo é, porém, em nossa opinião, um predestinado a sofrer!... Vejamos, de relance, a trajectória-padrão do ídolo, seja em que desporto for: começa por ganhar personalidade; é notado pela crítica; uma parte do público, inicialmente o que lhe é afecto, repara também e «sente» pela habilidade do atleta, uma simpatia instintiva; o público contrário adrega, aos poucos, de fixar nele a sua atenção; um dia, o homem, já com ambiente, opera um rasgo individual ou conclue vitoriosamente uma acção de conjunto, ante os olhares extasiados duma multidão frenética e que o consagra «a voz», o único capaz de «fazer aquilo». Está lançado o «sã», elevado às cúmidades da glória, merecedor do apêdo de ídolo!

Depois... Segue-se uma via de êxitos, de aplausos e de incensos. Mais ou menos curta. Função do tempo e da renovação de valores. Há um limite de popularidade. Porque esta fatiga. Quasi sempre a saturação atinge-se quando surge um outro nome de assimilação, fácil, que vem encontrar a vista, para demora, concededora em pormenor, da silhueta do ídolo de ontem. Começa então, para este, uma penosa caminhada. Há disposição, ainda que momentânea, atribue-se desde logo, a quebra de facultades. Execução deficiente de um lance em que era exímio, justificase pela «velhice» que espanta impiedosa. O mesmo ambiente que lhe deu ânimo, desencoraja-o agora. Roubalhe a confiança. Apetia-o do lugar que lhe ofertara em delírio. Vaia-o. E se o atleta persiste em mostrar-se, se temia continuar ocupando o pósto, no qual só ele era capaz de fazer aquilo, a simpatia de que gozava, sem nunca a ter pedido, transformase em antipatia. Os primeiros que lhe comunicam esse sentimento são os seus próprios adeptos.

Bem daqueles que se retiram a tempo, em plena glória, indiferentes ao ulular lamentoso dos aduladores. Poucos são. Porque a vaidade humana, a satisfação íntima de se ver requestado, adia por mais um ano, por mais um mês até, o que estava indicado se fizesse, quando surge a primeira exclamação de descrença.

A queda do ídolo tem sempre um eco doloroso. Para si, porque se revê num passado fulgente, atetado de flôres, e depois nada mais encontra do que deserto e esquecimento, em seu redor. Os que pródigoamente o apagaram fitam-no com semblante de comiserção, raramente de saudade.

«Foi»... — é uma expressão elástica, que encerra um mundo de conceitos, de sentimentos, de lições e quasi nunca de gratidão. É fôlha de um livro amarelada pela antiguidade.

Passam por nós, todos os dias, atletas que beberam a longo prazo o melhor néctar da glória, mas que prefeririam por certo, não terem passado da mediania, da vulgaridade. Outros, todos nós os conhecemos, estão ainda em actividade, mas a grande massa anónima aponta-os já, inezoravelmente, como liquidados.

Não queremos evidentemente, que se erija um monumento a cada ídolo que passa. Mas a todos deve ser tributado respeito, pelo que foram, pelo que deram na defesa duma bandeira, e porque se acabaram para o desporto, não acabaram para a vida.

A retirada do atleta verdadeiro, digamos, do ídolo, não equivale a uma derrota; é sim uma vitória do homem em relação ao tempo, em que viril, pujante e tenaz, pôde com os músculos e o cérebro, dominar acontecimentos, arrebatá-los e servir de modelo para outros o imitarem. A nossa tese não é indiscutível, mas figura-se nos livros.

Porque, de contrário, francamente, valerá a pena ser ídolo?

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

JORDÃO,

SERÁ O FUTURO MÉDIO-CENTRO DO BENFICA?

A primeira entrevista formal de Biri, treinador dos "encarnados"

CREMOS, mul sinceramente, que esta afirmação não sofrerá desmentido: Biri, treinador de futebol do Benfica, embora há dez anos entre nós, concedeu-nos a primeira entrevista formal...

Não é tempestosismo nosso. Limitamo-nos tão somente a reproduzir a declaração de Biri. É facto, que jornalistas têm conversado com ele, transmitido ao público opiniões suas, mormente respeitantes a prélios que estão para se jogar ou que se jogaram. Opiniões de momento com interesse circunscrito ao cotejo em causa. Acreditamos portanto, que ninguém nos conteste a designação acima expressa!...

Janos Biri, nos seus dez anos de permanência no nosso país, reputa-se por Pôrto, e Lisboa. Foi treinador do Boavista, do F. C. do Pôrto e do Académico. Veio depois, de longa e à capital e por aqui se fixou, como treinador do Sport Lisboa e Benfica.

É um húngaro que, a exemplo de outros compatriotas e vizinhos, está a poucos dias de se tornar português!

Fala o nosso idioma correntemente, já que correctamente é atribuído difícil, já maioria até, dos portugueses.

Abordámo-lo alguns dias após haver terminado o campeonato nacional.

Homem viajado, conhecendo palmo a palmo toda a Europa, companheiro de alguns dos mais famosos «ases» que Lisboa admirou, Biri representa o modelo do verdadeiro, do cavalheiresco desportista. É sóbrio nas afirmações e ponderado a emitir uma opinião.

Vem a lume o campeonato findo. Rende preito ao vencedor:

— O Sporting ganhou bem. Foi o grupo mais regular em toda a prova. E especialmente o jogo com o Benfica, disputado de dentes fíncados.

— O Benfica...

— Compreende que a minha situação é delicada. Por muito sincero que seja, posso ser tomado como suspeito...

— O público vê-lo-á pelo primeiro prisma...

— Depois de um campeonato em que o grupo passou por variadíssimas vicissitudes, a segunda classificação parece-me premiar a sua acção na prova. Havia uma boa defesa, e um ataque desarticulado. Depois invertiram-se os papéis... A evolução das coisas...

— Prevê melhoramento do grupo na «Taça de Portugal»?

— Bem vê, é difícil vaticinar e eu sou contra os vaticínios em futebol. A TA é uma prova de sorte. Pode redundar em felicidade e não trazer o valor exacto de um quadro. Numa competição com as características do «Nacional», o caso é diferente. Todavia, admito sem custo, que o Benfica defenda galhardamente a sua posição. Não o desejo menos que os seus milhares de adeptos.

— A dificuldade em renovar os grupos parece evidente. Porquê? Não se progride? Retrocede-se?

Biri fita-nos. A «cartada» que lhe atrámos pode ser perigosa. Biri não esquece que é treinador do Benfica...

— Eu lhe digo. Em Portugal não se joga menos. Pelo contrário. O jogo sofreu uma natural evolução, à que os portugueses não puderam fugir. Há menos «astros» incontestavelmente, mas é inegável que se joga mais futebol; vê-se um grupo agindo em bloco. Os grandes rasgos individuais só a espaço aparecem, — e éles eram muito da predilecção dos portugueses. O futebol lusitano está numa fase de progresso, e só é de lamentar, que não existam actualmente possibilidades de um confronto internacional.

— O problema está observado no caso geral. E no caso particular do Benfica?

Pensa mais demoradamente. Depois:

— Vejo que o meu amigo quer uma opinião detalhada do que se passa no meu clube?... Pois bem: parece-me que voltaremos a sossegar nesse sector. Martins tem os seus créditos, embora seja necessário um substituto à altura. César,



francamente, satisfaz-me. Tem sobretudo uma grande vontade de acertar e espírito de sacrificio. Carvalho é um novo e isso constitue já uma garantia, aliada à sua intuição. De resto, o regresso de Gaspar e de Galvão é de admitir, mas evidentemente, éles não têm 21 anos. Temos gente para adaptar e alguma com bastante jeito. O tempo falará melhor do que eu.

— Na linha média, origem de tanto sucesso do Benfica, há a perspectiva da retirada de Albino... Como encara o problema?

O treinador dos «rúbricos» é pronto e desassombroso:

— Albino é um dos mais extraordinários jogadores que tenho conhecido. Subsistencia bem nele o tem-

(Continua na pág. 22)

Daqui e dali...

COM um número especial, comemorativo da penúltima quarta-feira, as suas Bodas de Prata, o tri-semanário desportivo «Os Sports» tem cumprido o que é digno de realce, num meio onde quasi tudo é agreste e onde as boas-vontades esbarram sempre com dificuldades múltiplas, que só a tenacidade e a persistência conseguem vencer. Sabemos por experiência própria, quanto custa manter de pé e sobretudo de consciência limpa uma publicação desportiva. E que, podem verificar-se dois factos: haver dinheiro, sem consciência no seu aproveitamento e existir esta sem possibilidades materiais de ser bem sucedida. Na trajectória de 25 anos, «Os Sports» tem cumprido nobremente a sua missão de divulgar e propagandar o desporto. Mais do que com palavras: com actos positivos e insofismáveis, com retumbância e finalidade construtiva. Tem os seus defeitos — ou não fosse um produto dos homens. Mas possui, em contra-partida virtudes e perganinhos inatacáveis, que honram mais do que o próprio jornal, o jornalismo e o desporto portugueses.

Porque avaliamos o que representam 25 anos de trabalho em favor dum ideal comum e porque lá contamos amizades sólidas, felicitamos «Os Sports» pela faustosa data, nas pessoas dos nossos prezados camaradas Raúl de Oliveira e Neves Reis, respectivamente director e chefe de redacção.

A entrevista inserta no último número, com o nosso prezado camarada José Dias Pereira, saiu povoada de «graihas», a mais grãze das quais, na que diz respeito ao seu apelido. Em vez de «Pereira», Ferreira. Que nos perdão, — éle que por demais está habituado aqúelas temelivas «aventemas»...

No encontro internacional de «boas», Espanha-Estovágua, os nossos vizinhos ganharam por 15-8.

Os encontros foram arbitrados pelo conhecido técnico português Fernando Caballero y Seródo, que nos concedeu uma interessantíssima entrevista



O «base-ball» é o desporto norte-americano por excelência. Apaixona as multidões do país dos arranha-céus, e a inauguração da temporada é presidida por Roosevelt, um grande aficionado. Aqui o vemos dando o sinal de começo a uma partida entre as turmas de Boston e de Washington.



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEO	19,6
13,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WRUW	25,6
14,45	WRUS	19,8	WRUA	25,5	WBOS	19,7
17,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WRUW	25,6
18,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WRUL	19,5
19,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WRUL	19,5
					WGEX	25,3
					WGEX	25,4
20,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WGEO	25,4
					WGEO	31,5
21,15						
21,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WRUL	25,8
					WKLJ	30,8
22,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WKLJ	30,8
23,45					WKLJ	30,8

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 21

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

**APRENDA
LÍNGUAS**



Com os cursos completos em
DISCOS
O ensino mais rápido, perfeito e económico

Milhares de pessoas têm seguido este método com absoluto êxito. Não ha outro que permita em curto espaço de tempo, com pouco esforço e despesa mínima, adquirir pronúncia impecável, vocabulário abundante e prático para falar e escrever correctamente.

DETALHES E DEMONSTRAÇÕES
— NOS —

EST. VALENTIM DE CARVALHO
Rua Nova do Almada, 97

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

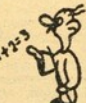
sempre possível um retôrno ofensivo dêste, logo que as circunstâncias lhe permitissem receber reforços. Auchinleck não conseguira, igualmente, dominar a resistência do inimigo em Jebadiah e fôra obrigado a deter-se antes de ter passado à Tripolitânia, obrigando Rommel a uma reedição do desembarque de Dunkerque.

Mas Auchinleck pudera afastar a ameaça iminente que impedia sôbre o canal de Suez e sôbre as paragens do Próximo Oriente. Fizera, além disso, um número avultado de prisioneiros, entre os quais se contavam cerca de vinte mil alemães. Tratava-se de tropas altamente especializadas, cuja falta não podia deixar de se tornar sensível para o «Afrika Korps». O material apreendido também era abundante e a sua substituição não se faria com rapidez, dadas as dificuldades de tonelagem com que as potências do Eixo lutavam no Mediterrâneo.

Numa palavra: a decisão em África estava longe de ter sido alcançada. Mas o perigo immediato fôra afastado. Rommel continuava no comando, o que era uma indicação segura de que os seus homens, no momento oportuno, não deixariam de tentar novamente a sua «chance». Esta só surgiria, porém, seis meses mais tarde. Nesses seis meses, muitos factos se passariam que iam exercer uma influência decisiva no conjunto da luta de que o continente africano era apenas parcela.

(Continua)

**TÃO CERTO COMO
1 E 2 SEREM 3**

Torná-lo-emos rápida e economicamente. *Attes*  **Guarda-livros** se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos gratis a: **INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE COMÉRCIO**

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12. 1.
PORTO
N. B.—Não nos remeta dinheiro para selos.



TELEF. — 2 0244
TELEG.—PAPELCAR

Papelaria Carlos
de Carlos Ferreira, Lda.

SECCOES DE VALORES, FELADOS E TABACARIA

RUA DO OURO, 92
LISBOA

GRANDE SORTIDO DE ARTIGOS PARA DESFUMADO E ESCRITORIO

composição / Mentolum 8 grs.—Methylum Salicylicum 8 grs.—Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Titulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelerias e Tipografias

Depósito geral:
Amador A. Dominguez & Ca (Filho)
Rua dos Correiros, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 25

Por José Rodrigues Correia Viseu



HORIZONTAIS: 1—Canela silvestre. 2—Saque; discursas. 3—Indivíduo muito parecido com outro; sêco. 4—Unlr; dificuldade em respirar; ilha russa, na entrada do golfo da Finlândia. 5—Doar; cofre; do ar. 6—Mágoa; acampamentos moiriscos. 7—Derrota.

VERTICAIS: 1—Consoado. 2—Que contém azote. 3—Tributar com sisa. 4—Realçar; nesse lugar. 5—Nome próprio feminino. 6—Prep. e artigo; espécie de sapo. 7—Réde de arrastar. 8—Tramar. 9—Senhora. 10—Art. definido (pl.). 11—soposição poética. 12—Anel. 13—Nome de letra. 14—Vogais.

Dic.: *Torinha, Seguer e mit. Bandeira.*

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 24

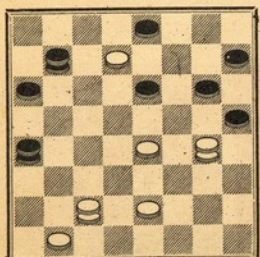
HORIZONTAIS: 1—Zarco; zuaço. 2—Atura; endua. 3—Comer; ágels. 4—Umari; iral. 5—Mor; sauros. 6—Til. 7—Radioso; oco. 8—Oral; Natal. 9—Galho; crina. 10—Amial; iatal. 11—Seara; amela.

VERTICAIS: 1—Zacum; rogas. 2—Átomo; arame. 3—Rimar; dália. 4—Crer; ilhar. 5—Oaristo; ola. 6—Ais. 7—Zea; Uloncia. 8—Ungir; aram. 9—Aderi; otite. 10—Guias; canal. 11—Oasis, olaia.

DAMAS

PROBLEMA N.º 22 (Concurso)
Por António Eduardo Igrejas Melgaço

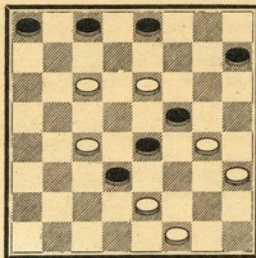
dedicado a Clemente Sá Vieira, de Monção, seu primeiro informador.



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 23 (Concurso)

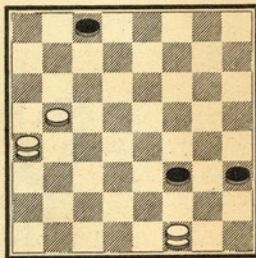
Por B. Oliveira Aguiar
Carvalhos—Gala



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 10

Por Francisco Henriques
Almeirim



Jogam as brancas e ganham

FINAL DE JOGO N.º 5 (Concurso)

(Solução)

32—23 23—20 20—27 27—13
20—16 30—26 26—21 21—17

13—3
P.

FINAL DE JOGO N.º 9

de F. Henriques
(Transposição)

(Publicado em 13-4-944)

Solução

1.ª Hipótese

27—30 30—17 28—32 32—14
20—15 15—12 12—7 7—4

14—18
P.

2.ª Hipótese

27—30 30—17 28—32 32—14
20—15 15—12 12—7 7—3

14—10
P.



PROBLEMA N.º 21 (Concurso)

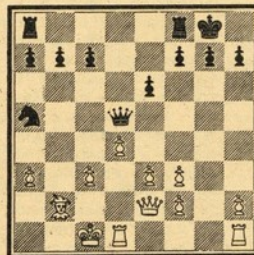
Solução

2—6 13—18 9—13 22—27
11—2 4—11 2—9 14—5
18—22 27—31 31-9-2-15-26-17
9—18 22—27 P. G

XADREZ

MOMENTO CRÍTICO N.º 10

Que jogaria nesta ocasião?



Jogam as brancas e ganham

MOMENTO CRÍTICO N.º 9

Solução

Partida Pérez-Agullera:
21. CXP×! e ganham.

CHARADAS

SINCOPADAS

1) Deu-me zanga, ver a forma inépta como se expressara o sandeu. 3-2

Lisboa Miudinho

2) As almas singelas são-nos sempre gratas. 3-2

Lisboa Miudinho

AFERESADAS

3) Eobrigação de todos servir a Pátria com dignidade. 3-2

Lisboa Teimar

4) A dor, quasi sempre, gera odio. 3-2

Lisboa Pato Bravo

5) Na vida presente não se pode trabalhar de modo vagaroso. 3-2

Lisboa Jim Joyce

6) Um ente vil de tudo é capaz. 3-2

Lisboa Teimar

Soluções do n.º 153

1) Dinheiro. 2) Mocedo. 3) Baudanal. 4) Cuidado. 5) Peçaço. 6) Supremo.

Fumaças
do Ventura...

Por ZÉCO



É bem assim: cada qual fuma conforme a sorte que Deus dá. Há os que vivem sempre pendurados nos seus fumegantes cachimbos...



...E os que fumam sôfregamente imperialíssimos cachimbos...



Há os que fumam cigarros de tôdas as marcas...



E há então os pobres de Cristo que se aproveitam das beatas...

Dez minutos num escritório

Por MANUEL MARTINHO

Ilustração de FERNANDO BENTO

UMA voz respondeu de dentro «entre!» Hesitei, parado à porta. Um senhor calvo, roliço, com umas costas que quasi tapavam a secretária, rascunhava sobre o papel. Os meus sapatos sem graixa tinham receio de avançar sobre aquela alfafa azul de arabescos persas que cobriam o chão. Instintivamente, ia pensando que bom que seria ter aquele tapete sobre a cama para me aquecer, nas noites de inverno, quando os joelhos parecem de gelo. No ar havia um vago perfume de «almiscar», a papel e a verniz dos estofos e das cadeiras. O senhor roliço levantou a cabeça que luziu como uma bola de bilhar, nas espessas nuvens do charuto:

— Entre, entre... e sente-se!

Gaguejei — olhei para trás, não estivesse alguém a quem aquelas palavras se referissem. Assustou-me imenso um enorme cinzeiro, em cristal, colado ao chão, que tinha sempre lume e estava cheio de grossas pontas de cigarros. Sentei-me num sofá que me abafou com os grandes braços macios e tépidos. As pernas ficavam-me no ar — e aterado sentia que as solas tôdas rôtas estavam mesmo voltadas para o senhor que continuava vertiginosamente a escrever. Vi-lhe, então, a cara de frente. Tinha umas bochechas moles e rosadas — e uns olhinhos papudos, mas cintilantes, encaixados em tartaruga e ouro; a mão que segurava a caneta era pequenina, de senhora, muito branca, de veias azuis, onde brilhava um anel de pedras caras. A papeira caía-lhe sobre o colarinho de goma — uma carne balofa e mole, muito escanhoadada.

Olhei para tudo; grandes armários com livros; — dois telefones sobre a mesa ao lado; campânhas, uma garrafa de «Pedras» e um desenho, uma espécie de mapa de riscos vermelhos.

Poisou a caneta. Recostou as costas à cadeira de espadar e, tirando os óculos começou com um bocejo:

— Pois, sim senhor! O dr. Lemos falou-me! Falou-me! Vai ver-se! Não me ter aparecido ontem ou ante-onde! Enfim. Olhe meti aí dois rapazotes a um conto e quinhentos...

Torci-me no sofá.

— Com habilitações que eu decerto não tenho, decerto V. Ex.^a... gaguejei novamente.

— Não — voltou êle, repuxando uma fumaça — um dêles tem o terceiro ano disso... dessa... essa coisa da música...

— O Conservatório!

— Isso; o Conservatório. Já se vê, eu não quero aqui empregados para cantar ou tocar, as minhas notas são diferentes.

E accentuou bem o diferente, dando uma gargalhada para o lado esquerdo. Olhei também, na sua direcção. E fiquei corado como um tomate, cálculo, pelo calor que me veio às faces. Uma gentilíssima rapariga, loura de bata negra que mais lhe realçava a beleza e a brancura da pele, folheava um album. Ela decerto tinha visto as botas rôtas, o lustro das calças e a minha timidez infantil, imprópria dum rapaz de vinte e tal anos, que vai saber a resposta dum empregado. Quis recompôr-me, humilhar-me me-

nos. Ainda dei um pigarro — mas o senhor atirou de lá, com autoridade:

— A «missa Mary há-de ver o que há aí...

A «miss» levantou-se. Era alta, flexível, uma cintura estreita de três palmos; tinha uns olhos suaves, azuis, onde brilhava uma doçura cândida. Teria dezotoito, dezanove — qual? nem dezassete anos, certamente — com um livro na mão debruçou-se sobre a secretária e quasi com os cabelos louros e fartos sobre a epiderme mole do senhor, disse qualquer coisa tão baixo que não percebi. Vi-lhe, então, a linha do corpo, bem lançado, desde o tornozelo fino, à cabeça bem modelada e altiva.

E durante minutos ali estiveram a ver o livro quasi com a cara juntos. Eu transpirava. Para mim não havia já dúvidas. Estes senhores têm sempre uma secretária. São elas que põem e dispõem. Começam por escrever à máquina, inventam uma anemia e por fim mandam em tudo — despedem e admitem empregados. Aqui está «miss» Mary. Uma inglesa, decerto, nascida no Pôrto Brandão. Se eu lhe tivesse sido simpático se lhe tivesse agradado havia, forçosamente de arranjar qualquer coisa. Que lhe interessava o meu problema, que tivesse em casa um pai entevado, irmãos que escarravam sangue, os trastes no penhor? Ora! Histórias! Aparecesse de calça vincada, ar alegre de quem dança o «swing», cabelo untado de brilhantina, soubesse fazer aqueles modos trágicos da inventiva cinematográfica e, pronto, se não houvesse lugar, criava-se para mim, pelo menos para entreter a «miss» num «bridge» elegante...

— Pois, presentemente, está isto mau...

Mas a «miss», com o olhar azul, voltou: «O senhor é artista, sabe desenho não é verdade?»

— Alguma cousa!

— Alguma cousa, não! O dr. Lemos até trouxe uns recortes de críticas; consideram-no talentoso, que há-de ir longe...

— Favores, «miss» Mary. Eu não tenho dinheiro para tintas, preciso é de trabalhar.

— Perfeitamente. Mas nunca deixe de estudar. Pode amanhã ser um grande homem.

Estes conselhos dados assim, pretenciosamente, por uma criança que nada devia conhecer do mundo, encheram-me dum tristeza infinita.

A «miss» voltou-se, novamente, para o patrão. Percebi que estava salvo.

Segredaram — e eu vi que «miss» Mary, radiante, com os olhos cheios de ternura, mesmo diante de mim, poisava «respeitosamente» um ósculo na testa do patrão.

«Livra! É de mais!» — pensei. Mas que tinha eu com isso? Então ela dera-me uma prova de tão alto interesse pela minha vida e eu já lhe pagava, em pensamento, desta maneira?

— O senhor, faça favor de se apresentar amanhã! Como percebe de desenho vai para a contabilidade!

— Olhe que deve isso a «miss» Mary, que é levada da breca. Os empregados da contabilidade entram às nove e saem à uma — de modo que o senhor tem o tempo livre para estudar de tarde.

Exultei! Não sei o que agradei, nem como agradei. Nessa tarde desenhei um grande retrato de «Mary» e procurei o dr. Lemos para lhe agradecer o empenho.

— E quem é «miss» Mary? — perguntei despeitado.

— É a filha. Como o pai esteve muitos anos em Londres, fez lá o casamento. Mary nasceu lá. Agora trabalha com o pai. Gosta daquilo...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2 5844